



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
FILOSOFIAÁREA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANDRÉ ELIAS BARRETO DA SILVA

BOLSONARISMO E LUTA DE CLASSES NO BRASIL PÓS-GOLPE 2016 – 2018.

Niterói

2023

ANDRÉ ELIAS BARRETO DA SILVA

BOLSONARISMO E LUTA DE CLASSES NO BRASIL PÓS-GOLPE 2016- 2018.

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito para a obtenção do Grau de
Mestre em História.
Área de concentração: História
Contemporânea III.

Orientador:

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos

Niterói

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG Gerada com
informações fornecidas pelo autor

S586b Silva, André Elias Barreto da
BOLSONARISMO E LUTA DE CLASSES NO BRASIL PÓS-GOLPE 2016-
2018. / André Elias Barreto da Silva. - 2023.
152 f.: il.

Orientador: Marcelo Badaró Mattos.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de História, Niterói, 2023.

1. Bolsonarismo. 2. Fascismo. 3. Bonapartismo. 4. Ideologia.
5. Produção intelectual. I. Mattos, Marcelo Badaró,
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
História. III. Título.

CDD - XXX

ANDRÉ ELIAS BARRETO DA SILVA

BOLSONARISMO E LUTA DE CLASSES NO BRASIL PÓS-GOLPE 2016- 2018.

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito para a obtenção do Grau de
Mestre em História.
Área de concentração: História
Contemporânea III.

APROVADA EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos - UFF
(Orientador)

Prof. Dr. Thiago Marques Ribeiro - IFES
(Arguidor)

Prof^a. Dr^a. Virgínia Fontes - UFF
(Arguidora)

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço aqui em primeiro lugar a minha mãe por sempre ter sido presente e oferecido minha principal base de apoio na vida como um todo.

Agradeço a meu orientador, Marcelo Badaró Mattos, por ter me auxiliado com toda sua experiência e sabedoria para que eu pudesse construir um trabalho qualificado.

E por último, mas não menos importante, agradeço aos meus camaradas que contribuíram de alguma forma para a construção desse trabalho. Em especial aos camaradas João Paulo e Thiago Ribeiro, por ajudarem em reflexões profundas.

RESUMO

O período compreendido entre o golpe de 2016, até sobretudo as eleições de 2018, configura o ponto alto da recente crise política e econômica brasileira. Essa conjuntura instável ofereceu os ingredientes necessários para que Jair Bolsonaro conseguisse se tornar uma alternativa política para uma parcela relevante da sociedade. E é justamente em meio a esse atravessamento temporal que a presente pesquisa se desenvolve, objetivando captar a nervura da ideologia bolsonarista, além de partir do pressuposto de que o fascismo, assim como o bonapartismo, não são experiências datadas, e que podem, em condições históricas específicas ressurgirem com suas devidas adaptações nos mais variados contextos políticos. Nesse sentido, a análise empregada nesta pesquisa tem como norte a compreensão da história do tempo imediato, em meio à efervescência dos acontecimentos mais recentes, fazendo o esforço de entendimento da totalidade das contradições do Brasil. Não obstante, os resultados de pesquisa apontam para o entendimento do bolsonarismo enquanto um *movimento* histórico dotado de uma *ideologia* com forte presença de elementos *fascistas*, com a qual frações da classe dominante brasileira se aproveitando de fissuras das estruturas do Estado brasileiro, bem como da *crise orgânica* aberta em tal período, optaram por retomar uma vez mais a *contrarrevolução a quente*, tensionando ao máximo as bases da democracia burguesa no Brasil em prol de um projeto político calcado no autoritarismo e coerção da diversidade que compõe a classe trabalhadora.

PALAVRAS-CHAVE: bolsonarismo; ideologia; fascismo; crise.

ABSTRACT

The period between the 2016 coup until the 2018 elections is a high point of the recent political and economic crisis in Brazil. These unstable conditions offered the necessary ingredients for Jair Bolsonaro to become a political alternative for a significant portion of society. It's exactly within that stretch of time that this research develops. Its goal is to capture the essence of the bolsonarist ideology. It also assumes that fascism, as well as bonapartism, aren't dated experiences, and can, in specific historical conditions, reemerge with adaptations in the most varied of political contexts. In that sense, the analysis employed in this research focuses on the comprehension of the history of the immediate present, within the effervescence of the most recent events, attempting to understand the totality of contradictions Brazil faces. Research results point towards an understanding of bolsonarism as a historical *movement* imbued with an *ideology* which counts with a strong presence of *fascist* elements, with which fractions of Brazil's dominant class, taking advantage of fissures in the structure of the Brazilian state, as well as of the *organic crisis* in the period, opted to resume the *hot counterrevolution*, causing maximum tensions to the bases of Brazilian bourgeois democracy in favor of a project of power based on authoritarianism and in the coercion of the diversity which composes the working class.

KEYWORDS: bolsonarism; ideology; fascism; crisis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apuração de zona eleitoral para presidente na cidade do Rio de Janeiro/2-turno, em 2018.	39
Figura 2: Adesivo com Dilma sendo “penetrada” por bomba de gasolina como “protesto”. .	48
Figura 3: Azul e preto ou branco e dourado? Vestido polêmico 'quebra' a internet.....	72
Figura 4: Gráfico com registro de agressões cometidas por eleitores em 2018.	87
Figura 5: Môa do Katendê em uma de suas apresentações.	88
Figura 6: A transexual Jullyana Barbosa mostrando marcas das agressões sofridas no período eleitoral de 2018.	89
Figura 7: Jornalista agredida por bolsonaristas no período eleitoral de 2018.	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CRISE DA CONCILIAÇÃO DE CLASSES E O GOLPE DE 2016.	17
1.1 Neoliberalismo e conciliação de classes do PT.	17
1.2 Popularização midiática de Jair Bolsonaro.....	22
1.3 Os efeitos políticos da CNV.	24
1.4 Jornadas de junho de 2013.	27
1.5 Bases sociais e pautas de defesa do bolsonarismo.	29
1.5.1 “Nova direita” nas ruas.....	30
1.5.2 Periferia.	35
1.5.3 Fundamentalismo religioso.	42
1.5.4 Misoginia, LGBTfobia e racismo.....	47
1.5.5 Escola sem partido.....	57
1.5.6 Milícia e militarismo.	60
1.6 Temer e Bolsonaro.....	64
2 CONJUNTURA DAS ELEIÇÕES 2018.....	68
2.1 Um Bolsonaro para cada eleitor.	68
2.2 <i>Fake News</i> e <i>Psicologia de massas</i> bolsonaristas.	73
2.3 Do Lulismo ao Bolsonarismo. A “metamorfose”.....	79
2.4 Violência e agitação política com leniência da mídia e instituições da república (STF).	84
3 APROXIMAÇÕES ENTRE BOLSONARISMO, (NEO)FASCISMO, E BONAPARTISMO.	92
3.1 O debate de caracterização do bolsonarismo.....	92
3.2 Bonapartismo.....	107
3.2.1 A sociedade 10 de dezembro e os 300.....	108
3.2.2 As transgressões constitucionais e leniência do judiciário.	109

3.2.3 As personas grotescas e carismáticas de Bonaparte e Bolsonaro.	111
3.2.4 O perigo vermelho. Tudo se tornou socialismo.....	113
3.3 Fascismo.	114
3.4 Fascismo como traço histórico brasileiro em meio a contrarrevolução “a quente”.	128
3.5 Movimento bolsonarista e elementos fascistas.....	133
CONCLUSÃO.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	142
FONTES.....	148

INTRODUÇÃO

A crítica do conceito de história em Croce é essencial: não terá ela uma origem puramente livresca e erudita? Somente a identificação entre história e política evita que a história tenha esta característica. Se o político é um historiador (não apenas no sentido de que faz a história, mas também no de que, atuando no presente, interpreta o passado), o historiador é um político; e, neste sentido (que, de resto, aparece também em Croce), a história é sempre história contemporânea, isto é, política.¹

Por muito tempo na disciplina histórica existiu um tabu referente a uma suposta necessidade de distanciamento do pesquisador para com seu objeto de estudo, como se isso conferisse uma melhor compreensão dos processos históricos analisados. Todavia, nas últimas décadas aconteceu um processo de transformação de perspectiva de muitos historiadores que começaram a se debruçar por temas cada vez mais recentes e próximos de seu tempo, como a História do Tempo Presente (HTP), que ganhou força após a segunda guerra mundial, e acabou por abrir um novo leque de metodologias e concepções teóricas na História.

E do seio da HTP, originou-se o conceito de “História imediata”, que a partir do entendimento do autor Gilberto Calil podemos compreender nos seguintes termos:

Na realidade a produção de interpretações histórica acerca de eventos em curso, nos termos que defendemos (ou seja, reinserindo os em sua historicidade própria), não é exatamente uma novidade, estando presente mesmo em bons trabalhos jornalísticos. Pode-se citar algumas obras clássicas produzidas no “calor dos acontecimentos”, cuja interpretação, pelo rigor analítico e metodológico permanece, no mínimo, merecedora de respeito e debate. Possivelmente a mais evidente obra nesta situação seja O 18 Brumário de Luis Bonaparte, na qual Marx analisa o golpe de Estado conduzido por Luis Bonaparte na França em dezembro de 1851 analisando a intervenção dos distintos grupos políticos a partir de sua relação com as diferentes classes sociais e frações de classe. Poucos anos depois, logo após o esmagamento militar à insurreição parisiense, veio a público a interpretação produzida por Prosper Olivier Lissagaray sobre a Comuna de Paris. Vale menção ainda a interpretação heterodoxa sobre o fascismo produzida por Wilhelm Reich e publicada ainda em 1933, polemizando com as interpretações mecanicistas dos teóricos da Internacional Comunista e problematizando a adesão da pequena burguesia ao nazismo. Tais obras, assim como inúmeras outras que poderiam ser citadas, têm em comum o fato de não terem sido produzidas por historiadores profissionais, bem como não terem sido vistas como trabalhos de “História”. Acreditamos, ao contrário, que, em sua problematização, em

¹ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a. p. 312.

seus procedimentos metodológicos, configuram-se claramente como trabalhos históricos.²

Não obstante, como o autor enfatiza, algumas tantas outras obras poderiam ser citadas, e dentro do escopo marxista citamos mais as seguintes obras com procedimentos de ossatura claramente históricos, como nos casos de, José Carlos Mariátegui, com “As origens do fascismo”; Evguiéni Pachukanis, com “Fascismo”. Ou, pra citar algo mais recente e produzido por um historiador de fato, a obra “Governo Bolsonaro – Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil”, do autor Marcelo Badaró Mattos.³ Essas são obras com evidentes distinções procedimentais e metodológicas, mas com importante relevância historiográfica.

Todavia, um ponto a ser observado sobre história imediata se traduz na viabilidade de operar um trabalho historiográfico de um período histórico ainda em aberto. Em vista disso a metodologia empregada requer certas precauções, ou considerações, como por exemplo, conforme escreve Calil, que a façamos considerando sua relação substancial com a estrutura histórica do lugar em questão, e assim empregar o esforço de uma análise aproximativa e ciente de seu caráter potencialmente provisório em virtude do dinamismo e vivacidade do objeto pesquisado.⁴

Assim, a própria opção pela pesquisa em História Imediata corresponde a uma tomada de posição de reflexão e problematização do processo histórico em curso, desnaturalizando as opções políticas e sociais que se mantêm hegemônicas, pois como aponta Enrique Padrós: permite evidenciar “que a miséria e a exclusão contemporânea não são fatos naturais, isolados ou mesmo conjunturais, são problemas sustentados por mecanismos de exploração que não surgiram ontem. Desta forma, a inserção da análise do presente no campo da História está amplamente vinculada aos projetos sociais e às propostas políticas dos próprios historiadores”.⁵

² CALIL, Gilberto Grassi. História imediata e marxismo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. p. 2. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23>. Acesso em: 11/01/2023.

³ MARIÁTEGUI, José Carlos. **As origens do fascismo**. São Paulo: Editora Alameda, 2010; PACHUKANIS, Evguiéni B. **Fascismo**. São Paulo, Editora Boitempo, 2020; MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro – Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. São Paulo: Usina editorial, 2020.

⁴ CALIL, Gilberto Grassi. História imediata e marxismo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23>. Acesso em: 19/07/2021.

⁵ Idem, p.4.

Isto é, se debruçar no terreno da história imediata é se impregnar de tudo aquilo que é político, tanto no sentido de ter plena ciência da parcialidade política e ideológica que o historiador possui, como também no sentido de pensar a relação dialética entre o que é político no presente, mas que se relaciona com o que é político no passado.

Nesse sentido, faz-se necessário fincar a posição de que esta pesquisa não se trata somente de uma apreciação intelectual acadêmica de um processo histórico, mas também de uma conscientização candente de mais um fenômeno danoso ao conjunto da classe trabalhadora, e por isso a importância de se compreender tal conjuntura para que as ações políticas se pautem pelo entendimento concreto de uma situação concreta. Assim, tal como Lenin argumenta em “Que fazer?”, “Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário.”⁶ Portanto, é preciso conhecer o terreno da luta de classes da atualidade brasileira para poder resistir nos termos necessários.

No entanto, como o bolsonarismo se trata de um objeto de pesquisa extremamente dinâmico, inserido no meu próprio contexto histórico e temporal, e ainda em aberto, optamos por trata-lo com a ideia de História imediata para tentarmos dar conta das características próprias de um tema tão dinâmico e próximo cronologicamente. Mas, vale ressaltar que a presente pesquisa não se trata de um trabalho jornalístico, como sugere o autor Daniel Marcilio,

Porém, se os jornalistas são – como reivindicava o célebre bordão cunhado pelo “Repórter Esso” – testemunhas oculares da história, é incorreto afirmar que eles conseguem assegurar a historicidade de um determinado fato apenas por noticiá-lo. Afinal, o que hoje surge nas principais manchetes como um assunto importante pode não ter significado algum para as gerações posteriores. Da mesma forma, um acontecimento que passou despercebido ou foi minimizado pelos jornais talvez seja considerado fundamental para compreender um futuro próximo.⁷

Desse modo, a principal distinção objetiva se faz na medida que noticiar um fato não configura necessariamente uma operação de cunho historiográfico. História não se resume a fatos. Aliás, se assim o fosse tampouco a história seria ciência.

Contudo, o intuito objetivo da presente pesquisa foi entender como se deu a construção ideológica do bolsonarismo, e como este se transformou num movimento com força política

⁶ LENIN, V, I. Que fazer?. **Domínio público**. p. 11. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000027.pdf>. Acesso em: 19/07/2021.

⁷ MARCILIO, Daniel. O Historiador e o Jornalista: a História imediata entre o ofício historiográfico e a atividade jornalística. **Aedos**. no 12 vol. 5 - Jan/Jul 2013. p. 42-43. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/36941>. Acesso em: 11/01/2023.

para conseguir eleger Jair Messias Bolsonaro, um candidato definitivamente antidemocrático como presidente do Brasil em 2018. Além de abordar as relações possíveis que o bolsonarismo nutre com modelos de dominação política da burguesia, como o fascismo e o bonapartismo.

Desse modo, entendemos ideologia pela seguinte ótica definida pelo autor Nicos Poulantzas,

A ideologia não consiste somente ou simplesmente num sistema de idéias ou de representações. Compreende também uma série de *práticas materiais* extensivas aos hábitos, aos costumes, ao modo de vida dos agentes, e assim se molda como cimento no conjunto das práticas sociais, aí compreendidas as práticas políticas e econômicas. As relações ideológicas são em si essenciais na constituição das relações de propriedade econômica e de posse, na divisão social do trabalho no próprio seio das relações de produção. O Estado não pode sancionar e reproduzir o domínio político usando como meio exclusivo a repressão, a força ou a violência "nua", e, sim, lançando mão diretamente da ideologia, que legitima a violência e contribui para organizar um *consenso* de certas classes e parcelas dominadas em relação ao poder público. A ideologia não é algo neutro na sociedade, só existe ideologia de classe. A ideologia dominante consiste especialmente num poder essencial da classe dominante.⁸

Assim, analisamos a ideologia no terreno concreto da vida social, considerando sentimentos, referências, e trabalhos materiais que também incidem sobre o subjetivo de cada sujeito na sociedade.

A ideologia do bolsonarismo não surgiu por um acaso, de modo espontâneo. Na realidade ela surge através de fissuras da própria estruturação histórica do Brasil, como também do trabalho de construção de uma dada hegemonia da classe dominante para o conjunto da sociedade.

Dessa maneira, observamos a existência de um trabalho objetivo visando forjar uma subjetividade calcada no fortalecimento do senso comum do povo brasileiro, mobilizando os traços estruturantes mais conservadores presentes na cultura histórica brasileira. E uma das principais ferramentas utilizadas pelo bolsonarismo foram as *fake news* com o auxílio das tecnologias das redes sociais, somadas ao auxílio fundamental da mídia dominante e hegemônica, seja pela ratificação desse senso comum através do apoio direto e estrito a ideologia bolsonarista, seja pela omissão calculada.

Somadas as ferramentas mais atuais das redes sociais com as ferramentas mais tradicionais da dominação política como a televisão e o rádio, o bolsonarismo conseguiu, em

⁸ POULANTZAS, N. **O Estado, o poder, o socialismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1981. p. 33.

meio a uma crise, se projetar e angariar apoio de massas para a concretização de sua ambição de alcançar a cadeira presidencial da cambaleante democracia brasileira.

Também se faz necessário citar brevemente que o bolsonarismo e seu flerte com elementos fascistas não é uma exclusividade do solo brasileiro, pois ele surgiu em meio a uma conjuntura internacional de uma “onda conservadora” que atingiu o mundo após os efeitos da crise estrutural do capital de 2008. Como bem observou o autor Lucas Brito, que elaborou um rápido balanço internacional das novas forças de extrema-direita mundo a fora nos últimos anos,

Nos EUA, Donald Trump foi eleito com discurso econômico protecionista e ideologicamente contra imigrantes, negros, mulheres e LGBTI+s. Na Alemanha, o movimento islamofóbico Pegida embala o projeto de um novo partido de extrema-direita. Na Áustria, por 0,6%, o candidato protofascista não venceu as últimas eleições presidenciais, sendo que ao final de 2017, esse veio a compor o governo. O FPÖ (Partido da Liberdade da Áustria), desde então, compõe a coalizão de governo liderada pelo conservador ÖVP (Partido Popular). Na Hungria, o neoconservador e protofascista primeiro-ministro Viktor Orbán sauda Donald Trump e aplica seu projeto reacionário para a Europa, questionando o bloco desde essa perspectiva. Na Polônia, o partido Lei e Justiça se recusou a cumprir as cotas de refugiados estabelecidas pela UE. Na Finlândia, o partido ultraconservador “Os Verdadeiros Finlandeses” é a segunda força política do país. Na Dinamarca, idem. Na Bélgica, o partido da extrema-direita islamofóbica Vlaams Blang dobrou sua influência eleitoral em menos de dois anos (de 7% para 14% entre 2014 e 2016), na onda de terror criada pelos atentados. O partido extremista da Holanda teve evolução semelhante. No Estado Espanhol, o Vox, também partido de extrema direita, avançou de forma acelerada após a vitória eleitoral em um antigo reduto do PSOE, em Andaluzia. Recentemente, a atual Ministra da Justiça de Israel, Ayelet Shaked, que é parte do grupo de extrema direita chamado Nova Direita, fez um vídeo em que, abertamente, faz uma apologia ao fascismo.⁹

E como complemento citaríamos o exemplo da França, cuja classe política tradicional vem enfrentando nos últimos anos disputas cada vez mais acirradas contra o partido de Marine Le Pen, que representa a herança política e ideológica do fascismo francês.

Não obstante, a pesquisa está organizada da seguinte maneira: O primeiro capítulo trata dos efeitos dos pontos difusores da crise política brasileira, tendo a CNV e as manifestações de junho de 2013 como pontos precisos de irradiação de efeitos que se consolidaram nos anos

⁹ BRITO, Lucas. **Política sexual do bolsonarismo**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Política Social – UnB.) – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB. INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IHD. DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – SER. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL – PPGPS. Brasília, 2020. p. 145-146. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40631/1/2020_LucasBritodeLima.pdf. Acesso em: 12/01/2023.

seguintes, chegando ao golpe de 2016. Nesse capítulo também se encontra uma organização e articulação entre as principais pautas de defesa do bolsonarismo e seus principais alvos na sociedade, como por exemplo sua íntima relação com a milícia, sua defesa de um fundamentalismo religioso violento, assim como toda sua virulência contra grupos sociais oriundos de minorias da sociedade.

O segundo capítulo aborda mais precisamente a conjuntura das eleições de 2018, as disputas e agitações políticas, a ascensão da violência na política com os embates físicos e ideológicos, bem como as bases que propiciaram a vitória política do bolsonarismo no pleito presidencial ao final de 2018. Além de mostrar um movimento contraditório de migração de parte do eleitorado lulista para o bolsonarismo. E também uma explicação da profundidade e importância que as *fake news* tiveram e ainda tem no imaginário psíquico das massas, e as novas dinâmicas que essa ferramenta traz para a disputa política.

Já o terceiro capítulo almeja trabalhar uma reflexão mais objetiva, mobilizando referências teóricas que nos possibilitem pensar as íntimas relações do bolsonarismo com os conceitos de fascismo e bonapartismo. Passando pelo debate a respeito de distintas visões sobre o fenômeno do bolsonarismo; os traços históricos que o bolsonarismo se utilizou para se lançar enquanto movimento político e ideológico, tentando assim articular pontos fundamentais que o bolsonarismo expressa enquanto força histórica material, e as possibilidades que o bolsonarismo possui enquanto forma que a dominação de classes passou a ter no Brasil.

E concluímos com lições apreendidas a respeito do bolsonarismo, reflexões em meio à turbulência dos acontecimentos políticos que de uma forma ou de outra impactaram nos rumos dessa pesquisa. E uma interpretação mais acabada a respeito do nosso entendimento quanto ao significado histórico do bolsonarismo em meio a sua construção ideológica.

1 CRISE DA CONCILIAÇÃO DE CLASSES E O GOLPE DE 2016.

De onde começa a construção do bolsonarismo?

Essa questão exige algumas breves considerações, primeiro de tudo é preciso compreender que o Brasil se trata de uma construção histórica marcada por traços estruturantes cujos reflexos se fazem presentes na conjuntura que emerge o bolsonarismo. Esses traços correspondem ao racismo estrutural (os efeitos da escravidão ainda são bastante candentes); patriarcalismo, no qual o machismo é sua principal expressão social; capitalismo periférico, ou seja, um capitalismo com nuances próprias de um país fora do eixo central do capital; o latifúndio, num país onde jamais houve uma reforma agrária; bem como a religiosidade, um forte traço constituinte do senso comum das massas.

Portanto, apesar desses traços sofrerem interferência dos desdobramentos da luta de classes e das transformações da superestrutura, permanecem sendo bases sólidas nas quais a história brasileira se desenvolve com suas contradições.

O bolsonarismo flerta com todos esses traços históricos de maneira a se aproveitar política e ideologicamente em meio ao grosso da população. Por isso é importante situar tal questão para podermos entender o que há (se há) de novo dentro do bolsonarismo, e o que ele retroalimenta para si.

Nesse sentido, intercalando as condições estruturais citadas, com as condições conjunturais, podemos avançar no entendimento da construção do bolsonarismo em meio a uma crise, sobretudo política e ideológica na dominação de classe do bloco que compõe o poder.

Não obstante, é preciso tratar de alguns pontos importantes para o surgimento e desenvolvimento do bolsonarismo, são eles as contradições do neoliberalismo brasileiro no fim da conciliação de classes do PT; a popularização midiática da figura de Jair Bolsonaro, os efeitos políticos da CNV (Comissão Nacional da Verdade); e as Jornadas de junho de 2013 como ponto alto da crise brasileira.

1.1 Neoliberalismo e conciliação de classes do PT.

Existe uma discussão a respeito da modalidade de política econômica levada a cabo pelos governos petistas, alguns autores entendem como um modelo “neodesenvolvimentista”,

enquanto outros são taxativos em caracterizá-lo como neoliberal, como é o caso da autora Kátia Lima, que citando Plínio de Arruda Sampaio Junior, descreve da seguinte maneira.

Uma ideologia que atravessou e constituiu o discurso “desenvolvimentista” e foi recuperada, pelos governos de coalizão de classes, conduzidos pelo Partido dos Trabalhadores no período 2003/2016, com base no projeto identificado como “novo desenvolvimentismo” ou “social desenvolvimentismo”. Defendendo um possível “crescimento econômico com justiça social”, o chamado “neodesenvolvimentismo” desconsidera o “impacto devastador da ordem global sobre o processo de formação da economia brasileira [...] e os efeitos de longo prazo da crise econômica mundial sobre a posição do Brasil na divisão internacional do trabalho (SAMPAIO JR, 2012, p. 681).¹⁰

Além disso, com base em conceituações do sociólogo Florestan Fernandes, a autora prefere atribuir à experiência petista enquanto “contrarrevolução neoliberal”. Na qual o governo petista optou por seguir a cartilha neoliberal em meio a tantas contradições que isso significava para sua própria base de apoio social, seguindo os traços dessa composição, até a sua deterioração, Lima destaca que:

Apesar da pauta de ação política do governo de coalizão de classes (2003/2016) atender aos interesses da burguesia, em sua dupla face, local e internacional, frações ultraconservadoras da burguesia brasileira reivindicaram um novo momento no pacto de dominação de classe, retirando do “acordo pelo alto” a burocracia sindical e partidária da classe trabalhadora convertida à ordem do capital. Neste contexto interno de crise econômica e política, como expressão da crise mais ampla do capitalismo no contexto mundial, o governo, apesar de manter a política de concessão ao capital, tendo como pauta central o ajuste fiscal, encontrou-se pressionado por novas disputas.

Em meados do ano de 2016, o esgotamento de uma fase da contrarrevolução neoliberal estava anunciado. As frações da burguesia brasileira conduzidas especialmente pelas empreiteiras e pelo agronegócio e comandadas pelo capital financeiro operaram a forma clássica de enfrentamento do capital às crises: o impeachment (instrumento jurídico previsto na Constituição Federal) tornou-se um golpe conduzido sem qualquer prova material. A crise política instaurada pelo término de uma fase da contrarrevolução preventiva e prolongada não se deu pelo fato do governo de coalizão ter ampliado direitos para os trabalhadores, mas pelo próprio esgotamento da política de tentativa de conciliação dos inconciliáveis interesses de classes.¹¹

¹⁰ LIMA, Kátia. Brasil em tempos de contrarrevolução. In: **Revista Universidade e Sociedade**. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Brasília: ANDES/SN, Janeiro 2017 (volume 59). p. 94. Disponível em: <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-2086732538.pdf>. Acesso em 05/06/2018.

¹¹ Idem, p. 101.

Portanto, o bolsonarismo surge e se desenvolve em meio a uma disputa entre frações de classe da burguesia no interior do Estado burguês do Brasil, mas como bem pontua a autora Lima, essa disputa e ruptura com os laços da conciliação não se deu devido a uma suposta ampliação de direitos para os trabalhadores, e sim por um esgotamento de algo que já era inconciliável por natureza. A conciliação de classes cumpriu um papel para as intenções dominantes durante o período histórico no qual foi palatável, mas de tempos em tempos os ventos históricos mudam no mundo, e nos últimos anos, sobretudo em decorrência da crise mais ampla do capital, nos deparamos com o “ressurgimento” de frações de classe conservadoras disputando o poder do Estado em vários países pelo mundo.

Todavia, não parece um dado ocasional que Jair Bolsonaro tenha aumentado sua relevância política justamente no período pós-crise estrutural de 2008, percorrendo um caminho que o fizesse se tornar presidente do Brasil no ano de 2018.

Vejamos então de forma breve alguns pontos e dados desse trajeto político de Bolsonaro, bem como o contexto socioeconômico concomitante de sua ascensão: Em 2010, por exemplo, Jair Bolsonaro obteve cerca de 120 mil votos para ser eleito deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, o que de fato já é um número expressivo para um candidato medíocre que jamais se dedicou ao trabalho como parlamentar de acordo com o que se espera de um funcionário de tamanha importância. No entanto, Bolsonaro sempre se propôs a representar os militares nas suas demandas salariais e de manutenção de privilégios, como também em suas demandas simbólicas e ideológicas, sobretudo com discursos de exaltação ao período ditatorial brasileiro, trazendo assim algum retorno para seus eleitores simpáticos à sua ideologia conservadora e supostamente contestatória do “sistema”. O que parece explicar ao menos em parte seu crescimento posterior em 2014, quando conseguiu se tornar o deputado federal mais votado do Rio de Janeiro, tendo alcançado mais de 460 mil votos, um aumento bastante expressivo e significativo.¹²

Paralelamente, segundo dados do DIEESE, relatados numa reportagem da “Rede Brasil Atual”,

O número de greves no Brasil somou 2.050 em 2013, recorde da série histórica do Dieese, depois de um período de certo refluxo nos anos 2000 e o pico verificado no período imediatamente anterior. O maior número até então era

¹² BARÓN, Franchó. O inquietante ‘fenômeno Bolsonaro’. **El País**. 07/10/2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/07/politica/1412684374_628594.html. Acesso em: 20/07/2021.

de 1989 (1.962 greves). Em relação a 2012, houve crescimento de 134%. As paralisações mobilizaram aproximadamente 2,017 milhões de trabalhadores.¹³

E ainda como consequência da crise, o Brasil viveu em 2013 o “boom” das manifestações de contestação contra o governo do PT naquela ocasião.

Tínhamos então um cenário de crise e forte insatisfação popular que ofereceu os ingredientes tradicionais para ascensão do fascismo, ou algo semelhante no Brasil. Ilustrado, mas não exclusivo, na figura do político Jair Messias Bolsonaro, que parece ter conseguido cooptar importante parcela de populares insatisfeitos com a situação do país naquela altura.

No entanto, é preciso observar que entender os motivos da insatisfação popular quanto ao governo naquela ocasião mereceria um trabalho a parte, que considerasse as contradições do capitalismo em roupagem neoliberal levado a cabo com uma política historicamente desastrosa de conciliação de classes do governo PT, discutir o que é a inclusão social através do consumo e não de forma concreta, como também compreender que a crise estourada com mais força no Brasil no ano de 2013 foi resultado de um processo que vinha se desenvolvendo antes mesmo da chegada da ex-presidenta Dilma Rousseff à presidência da República.¹⁴ Como sugere o autor Sérgio Prieb, na seguinte nota ainda sobre a maneira que o ex-presidente Lula tentou lidar com a crise:

O presidente Lula chegou inclusive a propor aos trabalhadores brasileiros que evitem pedidos de reajuste salarial, pois o mais importante em um momento de crise, segundo ele, é que os empresários aumentem suas vendas: “Hoje, mais do que fazer uma pauta de reivindicação pedindo mais aumento, temos que contribuir para que as empresas vendam mais”.¹⁵

Contudo, outros dados também são esclarecedores quanto ao conteúdo orgânico das reivindicações grevistas aqui rapidamente discutidas.

¹³ **RBA**. Greves em 2013 atingiram recorde e mobilizaram 2 milhões de trabalhadores. 22/12/2015. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2015/12/greves-em-2013-atingiram-recorde-e-mobilizaram-2-milhoes-7006/>. Acesso em: 20/07/2021.

¹⁴ Até mesmo para evitar que a análise seja algo tanto quanto mecânica de causa e efeito econômicos facilmente observáveis, pois outros valores culturais e sociais merecem atenção para captar a nervura histórica do que é essencialmente o bolsonarismo. No entanto, para fins dos objetivos desse trabalho é importante situar parte do desenvolvimento do bolsonarismo para que possamos dialogar com uma possível relação entre o fenômeno brasileiro atual com o conceito de fascismo. Porém, não é possível dar conta de toda envergadura do presente tema nos contornos desse texto. E sim dar um encaminhamento de pontos para serem melhor desenvolvidos e discutidos numa pesquisa de maior fôlego.

¹⁵ PRIEB, Sérgio. Os efeitos da crise econômica sobre a classe trabalhadora. In: **Revista Latino-Americana de História**. Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012. p. 558.

O Dieese também destaca a presença de “itens defensivos”, por manutenção de direitos, e o maior número de greves de duração mais curta, “com um grande crescimento das paralisações de advertência”.

Das 2.050 greves, pouco mais da metade (1.106, ou 54%) ocorreram no setor privado, um aumento de 138% ante 2012. As paralisações em empresas estatais saltaram de 29 para 137, alta de 372%. Mas o total de horas paradas foi maior na área pública do que no setor privado, embora a participação no primeiro caso tenha caído de 75% para 69%.

As greves no ano passado tornaram-se mais curtas – em 2013, quase metade (49%) das paralisações terminou no mesmo dia em que começou. O total de greves com duração superior a dez dias recuou de 28%, em 2012, para 16%. E as paralisações com até 200 grevistas representaram 45% do total, embora tenham reunido só 2% dos trabalhadores parados.

Reajuste salarial continuou sendo a principal reivindicação, mas caiu de 41% para 36%. As demandas relacionadas à alimentação ficaram em segundo lugar, com 27% nos dois anos. Em terceiro, o pedido de melhores condições de trabalho foi de 15% para 21%. No setor público, destaca-se também a reivindicação de contratações e cumprimento (ou implementação) de planos de cargos e salários.

As paralisações consideradas propositivas – em que se busca ampliação de direitos – passaram de 64% para 57%, enquanto aquelas com reivindicações defensivas subiram de 67% para 75%. “Somente entre as greves do funcionalismo público há, entre 2012 e 2013, um aumento da participação das greves propositivas. Por outro lado, o incremento do caráter defensivo das greves foi grande nas empresas estatais (e um pouco menor na esfera privada”, informa o Dieese.¹⁶

Chama a atenção, conforme observado pelo DIEESE, o aumento das greves ditas “defensivas”, ou seja, greves visando a manutenção de direitos ameaçados pelo contexto em função da ofensiva do capital sobre o trabalho para transferir o ônus dos efeitos da crise econômica estrutural para o seio da classe trabalhadora. E para além disso a exigência de melhores condições de trabalho em meio a degradação acentuada das condições mínimas de trabalho de muitos trabalhadores.

Tais dados são importantes para tentarmos chegar ao entendimento das razões que levaram a parte da classe trabalhadora se voltar para o lado bolsonarista. Esse giro aparentemente contraditório não ocorreu do nada, existia de fato uma contradição crescente entre capital e trabalho, e aliás, não foram poucos os autores que se debruçaram sobre a problemática da experiência histórica dos governos do PT e os rumos aos quais caminhava. Não simplesmente autores do campo da direita, mas autores do campo da esquerda, como por exemplo Ricardo Antunes e Ruy Braga, que desenvolveram obras dissecando as insuficiências

¹⁶ **RBA**. Greves em 2013 atingiram recorde e mobilizaram 2 milhões de trabalhadores. 22/12/2015. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2015/12/greves-em-2013-atingiram-recorde-e-mobilizaram-2-milhoes-7006/>. Acesso em: 20/07/2021.

e descaminhos assumidos pelo lulo-petismo no poder, como também das contradições de classe do lulo-petismo antes mesmo de estar na presidência, conforme verificou o autor Eurelino Coelho.¹⁷

A postura assumida pelo PT no poder acabou contribuindo para que parte de sua própria base social abrisse mão da defesa do governo, e assim fortalecia a oposição cada vez mais volumosa nas ruas. Se Dilma e o PT são vítimas históricas do golpe de 2016, tampouco são inocentes e isentos de responsabilidade de muitas das consequências do período.

1.2 Popularização midiática de Jair Bolsonaro.

Dos 81 senadores e 513 deputados que formam o atual Congresso brasileiro, poucos têm merecido tanto espaço e destaque no "CQC" quanto Jair Bolsonaro. Famoso por suas notórias posições conservadoras, com traços de homofobia e de nostalgia explícita da ditadura militar, o deputado é garantia de polêmica, logo, de audiência.¹⁸

A mídia é uma superestrutura bastante dinâmica e fundamental para o discernimento de pautas e defesas dos ideais da classe dominante. No entanto, também existe na mídia o componente mercadológico da audiência, quanto maior for a audiência maior será o lucro de uma empresa de mídia. E nesse sentido, por vezes a imprensa vale-se de tudo, ou quase tudo para impulsionar suas atrações, e é exatamente na esteira dessa perspectiva selvagem de se buscar audiência que Bolsonaro conseguiu encontrar algumas brechas para poder se lançar em evidência, conseguindo notável popularização. O jornalista Mauricio Stycer, embora não afirme que Bolsonaro tenha de fato seguido as regras e lições de Roger Stone, que foi o consultor político que ajudou Trump a se eleger nos EUA, identifica que ao menos intuitivamente Bolsonaro acabou fazendo exatamente o que Stone recomendaria para o “espetáculo” da política-entretenimento.

¹⁷ Nas seguintes obras podemos constatar as contradições do lulo-petismo antes e durante o poder: BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo a hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo; EDUSP, 2012; ANTUNES, Ricardo. **Uma esquerda fora de lugar** – O governo Lula e os descaminhos do PT São Paulo: Autores Associados Ltda., 2006; COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o capital**. Crise do marxismo e mudança dos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, 2005.

¹⁸ STYCER, Mauricio. “CQC” volta a apelar a Jair Bolsonaro, mas corta declaração polêmica sobre Herzog. **Uol**. 27/03/2012. Disponível em: <https://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2012/03/27/cqc-volta-a-apelar-a-jair-bolsonaro-mas-corta-declaracao-polemica-sobre-herzog/>. Acesso em: 15/06/2022.

"CQC" e "Superpop" não eram sócios de Bolsonaro na sua estratégia de promoção. Ambos apenas enxergaram a chance de conseguir audiência sem fazer esforço. Daí os inúmeros convites e entrevistas com ele. Já o então deputado sempre seguiu, ainda que de forma intuitiva, uma outra lição de Stone: "A atual política de desmoralização é essencial hoje para ser notado. Você tem que ser ultrajante para ser notado".¹⁹

No período que compreende pelo menos de 2010 até 2014, Bolsonaro participou de inúmeras entrevistas, divulgou suas ideias em redes sociais, apresentou propostas de projetos de lei polêmicas, e sempre com o mesmo tom agressivo e contestador da política brasileira, assim como o tom violento desferido contra minorias.

Como vimos no tópico anterior, Jair Bolsonaro obteve um salto significativo comparando as eleições que disputou em 2010 para as de 2014, se tornando o deputado mais votado do pleito no RJ. Evidenciando que sua estratégia de autopromoção lhe rendeu notabilidade diante do eleitorado e da população em geral.

Todavia, conforme discutimos nos demais tópicos dessa sessão, embora a midiaticização do bolsonarismo tenha sido importante para seu surgimento e crescimento ideológico, não basta para explicar de modo profundo todo seu desenvolvimento e amparo social. Mas fica evidente que todo o ódio destilado por Bolsonaro encontrou no seio da população pessoas que se sentiram representadas pela agressividade e intolerância de sua forma de pensar o mundo.

Para além disso, não podemos deixar de citar a importância negativa dos programas “pinga-sangue”, que estão presentes no dia a dia da população brasileira desde o período da ditadura²⁰, e são também polos de disseminação de um modo de pensar violento e odioso, que reduz toda uma questão estrutural da criminalidade na sociedade burguesa a solução da morte. “Bandido bom é bandido morto”. Esse tipo de mentalidade selvagem difundida por tais programas é extremamente similar ao tipo de mentalidade que o próprio Bolsonaro sempre assumiu, e desse modo grande parte da população que apoia Jair Bolsonaro acaba “falando a mesma língua” do bolsonarismo, se sentindo representada por sua ânsia em matar todos os bandidos da sociedade.

¹⁹ STYCER, Maurício. Qual foi o papel de CQC, Superpop e Pânico na popularização de Bolsonaro. **Uol**. 29/10/2018. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2018/10/29/qual-foi-o-papel-de-cqc-superpop-e-panico-na-popularizacao-de-bolsonaro/>. Acesso em: 14/06/2022.

²⁰ **BRAINCAST**. Jornalismo Pinga-Sangue: causa e efeito dos programas policiais na TV. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/mt/podcast/jornalismo-pinga-sangue-causa-e-efeito-dos-programas/id504897783?i=1000492427773>. Acesso em: 07/07/2022.

1.3 Os efeitos políticos da CNV.

No que diz respeito aos efeitos políticos da CNV, a autora Natália Silva destaca o seguinte,

Além de ser um organismo investigativo, esta comissão também pode ser interpretada como uma política de memória, pois construiu uma narrativa a respeito da ditadura civil-militar em diálogo com saberes acadêmicos e outras representações sobre este período (BAUER, 2017). Entretanto, o relatório desta comissão, apesar de disponível online, permanece desconhecido por parte da população, assim como o período investigado por esta. Além disso, o encerramento dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade coincidiu com uma crise no governo de Dilma Rousseff que, posteriormente, se desdobrou em um golpe sobre o mandato da presidenta.²¹

Portanto, é interessante pensar a CNV como um ponto de colisão dentre as frações da classe dominante em meio a uma crise política, pois a ala militar, ainda que não fosse essa a intenção da CNV, e até mesmo dos historiadores envolvidos, acabou por se agitar e tentar se impor em meio a uma disputa histórica pela narrativa do período militar. Como podemos inferir do relato de uma das historiadoras envolvidas na CNV, Angélica Muller, que diz o seguinte:

A criação da CNV e a produção de seu relatório, que destacou a existência de uma cadeia de comando liderada por presidentes militares, mas também uma política de extermínio de opositores, teve por efeito o retorno dos militares à cena pública, após a oposição de alguns à aprovação da lei que criou a CNV. Dois dias após a apresentação do relatório, o deputado federal Arolde de Oliveira fez um discurso na Câmara no qual declarou que a “malfadada Comissão Nacional da Verdade, produziu um documento eivado de parcialidade e de revanchismo”.²²

Além disso, como destaca Muller, com a crise do governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, que chegou ao ponto de um golpe contra seu governo e com a escalada autoritária que tomou conta do país, a CNV sofreu um caminho tortuoso no qual,

²¹ SILVA, Natália. **A atuação dos historiadores na Comissão Nacional da Verdade**: Limites, contribuições e disputas pela representação do passado recente. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. Juiz de Fora. 2020. p. 15.

²² MÜLLER, A. O “tesouro perdido” da justiça de transição brasileira: a CNV, as comissões universitárias e o trabalho dos historiadores. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 32, p. 20-21. 2021. DOI:10.5965/2175180313322021e0501. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313322021e0501>. Acesso em: 20 jun. 2022. p. 20-21.

Não apenas a maioria das recomendações das comissões não foi implementada, mas o relatório também provocou reações em cadeia: discursos militares em oposição à CNV, a negação dessa “versão da história” e até mesmo o retorno dos militares a posições de liderança na administração pública com o consentimento, ou mesmo a pedido, de milhões de cidadãos em busca de “ordem” no país. Essas reações mostram claramente o peso que a CNV teve, mas também revelam os traços deixados no presente pela construção histórica da sociedade brasileira sobre bases conservadoras e autoritárias. Elas também sublinham os riscos representados pelos conflitos de memória e a demanda por discursos alternativos sobre o passado. Elas confirmam até que ponto a história é uma questão de poder e quão importante é o papel dos historiadores na arena pública em uma época de revisionismos e negacionismos.²³

Ou seja, a CNV de fato serviu como um importante elemento de agitação política e contribuiu para o acirramento das tensões políticas que fizeram militares se envolver de modo mais incisivo na agenda política brasileira novamente. E o alinhamento discursivo do bolsonarismo em meio a essa reação em cadeia conseguiu captar importante parcela do eleitorado conservador brasileiro. No meio militar, assim como para o bolsonarismo, a CNV representava uma declaração de guerra simbólica que fosse contra a “integridade” das forças armadas do Brasil, como disse o próprio Jair Bolsonaro à época sobre a necessidade da criação da CNV: "O que vocês têm a ganhar colocando à execração pública as Forças Armadas?"²⁴. Sendo assim a reação deveria ser em prol da defesa dos “heróis da revolução de 1964”.

De fato, isso diz muito sobre a importância da História para o cenário político de um país, e não por acaso após o golpe de 1964 (mais precisamente a partir de 1971 com a reforma educacional), as disciplinas de História, Filosofia e Sociologia, foram reformuladas com intuito de transformar tais disciplinas em algo superficial, misturando várias disciplinas em uma só. O que na prática significava a exclusão de disciplinas importantíssimas para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos (sobretudo o extrato social da classe trabalhadora)²⁵. E para além disso, os militares também intencionavam a construção de uma nova identidade “nacionalista” e anticomunista para a sociedade. Ironicamente, as acusações que os militares lançaram contra

²³ Idem. p. 22.

²⁴ FIORATTI, G. Bolsonaro utilizou Comissão da Verdade como palco. **Folhapress**. Disponível em: <https://www.acidadeon.com/politica/NOT,0,0,1381649,Bolsonaro+utilizou+Comissao+da+Verdade+como+palco.o.aspx>. Acesso em: 04/04/2022.

²⁵ Ver: ZINET. C. Qual o legado da ditadura civil-militar na educação básica brasileira?. **Educacaointegral.org**. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/ditadura-legou-educacao-precarizada-privatizada-anti-democratica/#:~:text=Altera%C3%A7%C3%B5es%20curriculares,humanas%2C%20como%20Hist%C3%B3ria%20e%20Geografia>. Acesso em: 04/04/2022; ANTONELLI, D. O desafio de ensinar História durante o regime militar. **Gazeta do povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-desafio-de-ensinar-historia-durante-o-regime-militar-ehc3qh8l0viwed9l42wawrz9q/>. Acesso em: 08/07/2022.

a CNV, de estar “reescrevendo a história”, representam exatamente o que os mesmos sempre fizeram ou tentaram fazer na História do país. Conforme chama a atenção Muller, analisando o discurso de um general bolsonarista do Exército. “Sérgio Etchegoyen já considerava que a CNV havia feito “um patético esforço para reescrever a história” (Ibid.), precisamente o esforço que a extrema direita brasileira vem fazendo desde aquela época.”²⁶

Não obstante, como sugere matéria intitulada: “Bolsonaro utilizou Comissão da Verdade como palco”, Bolsonaro tratou de utilizar a CNV de modo a inflar sua expressão política.

A história de sete prostitutas que, chamadas para escrever sobre uma cafetina, concluíram “que ela tinha que ser canonizada” é uma das preferidas do presidenciável Jair Bolsonaro (PSL). Foi com essa fábula que, em discurso de outubro de 2014 na Câmara, ele se referiu ao relatório produzido pela CNV (Comissão Nacional da Verdade), criada dois anos antes, no governo de Dilma Rousseff (PT), para apurar crimes cometidos pelo Estado entre 1946 e 1988 e especialmente durante a ditadura militar. Quando fala de “prostitutas”, Bolsonaro se refere aos ex-integrantes da CNV: o ex-procurador-geral Claudio Fonteles substituído pelo advogado Pedro Dallari em 2013; o advogado e ex-ministro do STJ (Superior Tribunal de Justiça) Gilson Dipp; os advogados José Carlos Dias, José Paulo Cavalcanti Filho e Rosa Maria Cardoso da Cunha; a psicanalista Maria Rita Kehl e o cientista político Paulo Sérgio Pinheiro. Quinhentas notas taquigráficas referentes aos discursos de Bolsonaro em plenário desde 2010 apontam a virulência contra a comissão: ele inflou o discurso antipetista não apenas em contraposição à corrupção ou a ideias de combate ao racismo e à homofobia. Dos 500 discursos, 56 fazem oposição à criação da CNV.²⁷

Diante de tais questões fica claro que para além de ter contribuído (de forma indireta obviamente), para a agitação política, acirramento de ânimos, e volta de militares a cena pública, a CNV também está diretamente ligada ao desenvolvimento do bolsonarismo. A oposição virulenta à comissão serviu como polo de ratificação de princípios e ideais bolsonaristas ligados ao meio militar brasileiro, e por mais que Bolsonaro tenha de fato sido expulso do Exército, e não ter sido um militar de alta patente, a conjuntura de crise política

²⁶ MÜLLER, A. O “tesouro perdido” da justiça de transição brasileira: a CNV, as comissões universitárias e o trabalho dos historiadores. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 32. p. 21. 2021. DOI: 10.5965/2175180313322021e0501. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313322021e0501>. Acesso em: 20/06/2022.

²⁷ FIORATTI, G. Bolsonaro utilizou Comissão da Verdade como palco. **Folhapress**. Disponível em: <https://www.acidadeon.com/politica/NOT,0,0,1381649,Bolsonaro+utilizou+Comissao+da+Verdade+como+palco.aspx>. Acesso em: 04/04/2022.

alinhada ao discurso inflado de defesa das instituições militares e seus valores, parece ter servido como importante elo de ligação de Bolsonaro com o meio militar novamente.

1.4 Jornadas de junho de 2013.

Segundo uma breve reflexão de história imediata do autor Gilberto Calil, as chamadas “jornadas de junho”, começaram de maneira mais ou menos espontânea por segmentos populares insatisfeitos inicialmente com o preço abusivo das passagens. Esse movimento capitaneado pelo MPL (Movimento Passe livre), começa tendo uma cobertura midiática totalmente reprovada pela grande mídia, sendo os manifestantes taxados de “vândalos”, “arruaceiros”, e demais adjetivos condenáveis. Além do que, tais manifestações tiveram inicial apoio de organizações e partidos de esquerda.

Mas, como a luta de classes é o grande motor dos processos históricos, vendo-se diante de algo que parecia ter fôlego e disposição para continuar na luta política, a postura da grande mídia ganhou novos contornos, ocorrendo uma virada importante percebida por Calil:

3. Mudar a linha foi doloroso. No sábado, quando quase todos esperavam que a revista *Veja* saíssem com uma daquelas capa que a seu modo reafirma a criminalização dos movimentos sociais, teve-se uma surpresa. A capa da revista parecia indicar um novo rumo. Não condenava explicitamente as manifestações, mas tentava sem grandes sutilezas “sugerir” que o movimento assumisse as suas pautas, maldisfarçada pela forma interrogativa de sua manchete: “A Revolta dos Jovens: depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade”. Parecia sonhar que, após reduzir o preço das passagens, os manifestantes lutassem também para reduzir... a maioria penal... No domingo a nova linha foi inteiramente assumida pela Rede Globo e seus veículos, sendo seu símbolo mais explícito a hipócrita “autocrítica” de Arnaldo Jabor. O inimigo de ontem de cara deslavada passava a aconselhar os manifestantes e indicar-lhes quais deveriam ser os próximos passos das mobilizações – o principal deles, ao melhor estilo udenista, deveria ser a luta anticorrupção. À orientação de Jabor somaram-se as ridículas fotos dos artistas globais “protestando” contra a violência maquiados de olho roxo. Engendrava-se na mídia um novo discurso de “apoio” ao movimento: ignorando completamente a sua própria caracterização de dois dias atrás acerca dos protestos, a grande imprensa passava a apresentá-los como PACÍFICOS, ORDEIROS E SEM PARTIDOS.²⁸

²⁸ CALIL, Gilberto. “Decifra-me ou te devoro”: a grande mídia e as manifestações. **A voz das ruas**. 20/06/2013. Disponível em: <http://a-voz-das-ruas.blogspot.com/search/label/Gilberto%20Calil>. Acesso em: 22/03/2022.

Em meio a tais contradições as hordas conservadoras direta ou indiretamente ligadas à classe dominante, ganharam um importante aliado na disputa pelo movimento, que foi a própria grande mídia. Agora disposta a filtrar o movimento de tal modo que se adequasse aos seus anseios políticos e ideológicos, fizeram uma aposta de um cálculo político mediante uma oportunidade aberta, e a partir desse momento os rumos da contestação legítima de 2013 começou a ganhar caminhos tortuosos e num tom mais à direita e à própria extrema-direita.

Como bem definiu Marcelo Badaró, outro historiador que escreveu diante da efervescência do período, era possível observar uma mudança de postura da mídia diante das manifestações, destacando que num primeiro momento existiu um primeiro mote das classes dominantes apoiando as ações policiais e toda a repressão desencadeada, porém, num segundo momento,

Já o segundo mote – o da definição de uma pauta difusamente nacionalista e conservadora – gerou a incorporação aos últimos atos, agora ampliados para novos setores sociais, de bandeiras (contra PECS, contra os “corruptos”), uma indumentária (verde amarelo, bandeira nacional), cânticos (o hino nacional, os slogans de propaganda futebolística da Globo) e gritos (“sem violência” e “sem partido”), completamente adequados à linha conservadora, contraditoriamente defendida pelos editorialistas e comentaristas dos mesmos veículos de comunicação monopolísticos que, violentamente criticados pelos manifestantes, tiveram carros queimados e esconderam seus repórteres da multidão com medo de suas reações. E gerou algo bem mais grave. A direita organizada percebeu a oportunidade, foi para as ruas e influenciou diretamente as manifestações, via carros de som, faixas e slogans de grupos como o “Movimento Brasil”, ou mesmo através de milícias pagas para atacar os militantes de partidos de esquerda e movimentos sociais combativos, que chegaram a ser espancados por bate-paus da reação em várias cidades do país, algumas vezes com respaldo de parte da massa, ao som do coro “sem partido”.²⁹

Desse modo, é possível atestar para um duplo movimento de violência e repressão da classe dominante. Num primeiro momento via próprio Estado no sentido tradicional do termo, com as instituições de repressão próprias deste, e num segundo momento de maneira “terceirizada”, com o uso de milícias pagas com intuito de embate físico ao conjunto da classe trabalhadora organizada à esquerda. E longe de significar uma comparação exata, mas, sendo pertinente de ser feita. Se pararmos para lembrar do início das organizações fascistas na Itália,

²⁹ MATTOS, Marcelo Badaró. A multidão nas ruas: construir a saída de esquerda para a crise política, antes que a reação imprima sua direção. **Correio da cidadania**. 25/06/2013. Disponível em: https://www.correiodacidade.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8528:submanchete250613&catid=63:brasil-nas-ruas&Itemid=E2%80%A6. Acesso em: 22/03/2022.

também podemos identificar a presença desse tipo de combate físico contra militantes trabalhadores de esquerda em meio às grandes manifestações e contestações da ordem do período pós primeira guerra mundial.

Em que pese as diferenças, e apesar da presença de tal elemento em meio a disputa por hegemonia de um movimento de massas não significar mecanicamente ou automaticamente a correspondência de um movimento fascista, tal elemento não pode ser negligenciado mediante tal conjuntura. E somado a uma série de outros elementos fascistóides que serão apresentados ao longo da pesquisa, endurece a possibilidade de se pensar de 2013 até pelo menos 2018 no Brasil como um período de fermentação de um movimento com elementos de caráter fascista.

No entanto, apesar das jornadas de junho de 2013 significarem um importante ponto de inflexão na política brasileira, como sugerem as colocações de Badaró e Calil, se tratou de um período de disputas e ressignificações que começou com uma insatisfação popular espontânea e legítima em meio a uma conjuntura que escancarou uma série de contradições do modelo petista de conciliação de classes e suas deficiências. Mas não foi dessa conjuntura que o bolsonarismo surgiu, haja vista, por exemplo, que um ano antes o bolsonarismo já figurava no cenário nacional em função das polêmicas envolvendo o propalado “kit gay” de Bolsonaro. E na realidade os elementos mais profundos do bolsonarismo, como veremos, já estavam presentes no seio da sociedade brasileira. Porém, a conjuntura aberta em meio às manifestações e contestações do poder político da época, abriu uma oportunidade, uma janela, na qual os grupos mais conservadores e autoritários da casta política burguesa, sobretudo ligadas a Bolsonaro, conseguiram se sobressair e tensionar ao máximo a efervescência do período, direcionando a partir dali as pautas ideológicas que mais lhe fossem interessantes discutir e defender na sociedade.

1.5 Bases sociais e pautas de defesa do bolsonarismo.

Apresentados os elementos relacionais de conjuntura e estrutura da realidade brasileira na qual o bolsonarismo surgiu e começou a se desenvolver, passemos agora para as bases sociais que sustentaram a ascensão bolsonarista, bem como os alvos do mesmo.

1.5.1 “Nova direita” nas ruas.

Após as jornadas de junho de 2013 ficou evidente uma ala da chamada “nova direita” ocupando parte significativa das ruas no cenário político brasileiro. O MBL (Movimento Brasil Livre), por exemplo, segundo a autora Marina Amaral, não foi um movimento por acaso, ou “espontâneo”, longe disso, na verdade existia um ponto de gestação de lideranças e núcleos de irradiação da ideologia neoliberal (ou libertária) em evidente flerte com o conservadorismo tradicional da sociedade brasileira, tendo um polo de financiamento, conforme explica:

Em março de 2015, a agência Pública passou a investigar a origem do MBL, que alcançaria seu auge nas manifestações daquele mês pedindo o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Três meses depois, a reportagem “A nova roupa da direita” comprovaria o laço entre os irmãos Koch e o movimento de Kataguiiri. Por meio de entrevistas e documentos, a reportagem revelava que o MBL havia sido gerado por uma rede de fundações de direita sediada nos Estados Unidos, a *Atlas Network*, da qual fazem parte onze organizações ligadas aos irmãos Koch, como a Charles G. Koch Charitable Foundation, o *Institute of Human Studies* (IHS) e o *Cato Institute*. Em duas décadas, essas fundações haviam despejado 800 milhões de dólares na Atlas Network, conforme informações obtidas na série de Formulários 990 entregues a IRS (a Receita Federal americana). Isso sem contar as despesas com os *fellowships* e os cursos para formação de lideranças de estudantes, principalmente da América Latina e da Europa Oriental, nos Estados Unidos, realizados em parceria entre a Atlas e as fundações “liberais ou libertárias” que compõem a rede.³⁰

Desse modo, agindo como partido político (no sentido gramsciano, apesar de se dizerem “apartidários”), o MBL contribuiu para a desestabilização política e legitimação nas ruas de um processo de impeachment fraudulento. Mas, dentro dessa mesma perspectiva, a autora Rosa Pinheiro-Machado argumenta que essas novas direitas não são fruto do *boom* das jornadas de 2013, e sim resultado de um amplo movimento de rearticulação das direitas do Brasil e do mundo desde a virada do século.³¹

Contudo, fazendo uma análise mais aprofundada da temática das novas direitas, a autora Camila Rocha mostrou em sua tese de doutorado algumas questões bem pertinentes para considerarmos no desenvolvimento do bolsonarismo. Após traçar os nascimentos de vários

³⁰ AMARAL, Marina. Jabuti não sobe em árvore: como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment. In: JINKINS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 50-51.

³¹ PINEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior:** o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 67-68.

grupos políticos de direita nas últimas décadas, e seus caminhos dentro da tortuosa democracia brasileira, evidenciando setores sobretudo ultraliberais e conservadores, que começaram a frequentar as ruas na disputa política e ideológica brasileira, a autora argumenta que o ponto decisivo para a consolidação dessa nova direita foi precisamente a pauta pelo impeachment de Dilma Rousseff, em 2016.³² Segundo Rocha³³, até esse momento existiam vários grupos dentro da nova direita com pautas distintas, mas que se uniram em prol de um objetivo comum diante da possibilidade de derrubar o petismo do poder.

Embora essa união não fosse livre de algumas divergências internas, a autora mostra que desse movimento acaba saindo o grosso da mobilização bolsonarista para as eleições de 2018. E nesse sentido, é interessante notar que existiu uma espécie de dialética da mobilização golpista e de direita (burguesia). Existindo um movimento que emergiu das ruas, com a pequena burguesia, tendo à frente advogados, acadêmicos, pensadores, militares, e ao mesmo tempo também existiu um movimento institucional a nível da sociedade política e sociedade civil, como por exemplo a Polícia Militar, tendo uma atuação subserviente e bastante tolerável quanto às manifestações golpistas da direita e operando, inclusive, algumas discrepâncias do número de manifestantes de direita nos atos. A mídia, como já vimos também teve sua parcela de colaboração, quando julgou em determinado momento que seria interessante apoiar as manifestações de 2013, tentando até mesmo direcionar as pautas defendidas pelo movimento. Os partidos políticos tradicionais a certa altura também adentraram e disputaram o movimento por dentro, e até mesmo grupos mais radicais disputavam a hegemonia da nova direita como os integralistas e fascistas, ainda que mais a margem, mas presentes. O TCU apontando supostas irregularidades do governo Dilma, colocando combustível nas manifestações fazendo crer que poderia existir de fato justificativa plausível para o impedimento da presidente.

Ou seja, um complexo de interações em diversos segmentos da pequena e alta burguesia, mobilizando populares, até mesmo trabalhadores, visando a "conquista do governo". A ruptura com a lógica política implementada pela conciliação de classes do petismo estava prestes a acontecer, e esse movimento acabou consolidando não só uma nova direita para a dinâmica da luta de classes no Brasil, como também a consolidação do bolsonarismo e sua base eleitoral e ideológica.

³² ROCHA, Camila. **“Menos Marx, Mais Mises”**: Uma gênese da Nova Direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/publico/2018_CamilaRocha_VOrig.pdf. Acesso em: 26/11/2022. p. 167.

P 167.

³³ Idem.

E para além da pauta em comum para derrubar a esquerda do poder, como aponta a autora Rocha³⁴, a pauta dos costumes era central para todos os grupos da nova direita, até mesmo para os que se diziam liberais. E não por acaso a autora acredita, dentre outros fatores, que a pauta dos costumes foi a maior responsável pelo crescimento tanto eleitoral como midiático de Jair Bolsonaro, pois sua atuação no assim chamado “kit gay”, acabou por projetar sua figura como um dos possíveis representantes dessa nova direita com demanda reprimida por representação, e possivelmente reprimida quanto aos seus próprios anseios sexuais.

Mas, algo que chama a atenção da obra da autora, e parece ter sido fundamental para todo esse processo de desenvolvimento do bolsonarismo e da nova direita no geral, foi a atuação de intelectuais do “baixo clero” na esfera pública. De intelectuais agitadores à intelectuais tradicionais, que acabaram por fomentar, organizar, estimular e projetar uma agenda política que abarcasse as ideias do mercado e do conservadorismo cristão da sociedade brasileira. A atuação de várias dessas células aproveitou a demanda reprimida que existia no seio da sociedade para promover o crescimento ideológico da direita, articular o golpe contra a esquerda, e institucionalizar todo esse movimento com a vitória eleitoral de Bolsonaro e demais candidatos do espectro ultraliberal e ou conservador.

Contudo, diante da questão dos intelectuais, vale citar um trecho do próprio Gramsci pra tentar ilustrar a importância e complexidade dessa camada social importantíssima em meio a luta de classes por hegemonia.

Que todos os membros de um partido político devam ser considerados como intelectuais é uma afirmação que pode se prestar à ironia e à caricatura; contudo, se refletirmos bem, nada é mais exato. Será preciso fazer uma distinção de graus; um partido poderá ter uma maior ou menor composição do grau mais alto ou do mais baixo, mas não é isto que importa: importa a função, que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, isto é, intelectual.³⁵

Dos escritos de Gramsci é possível depreender que o conceito de intelectuais, assim como de vários dos conceitos utilizados pelo mesmo, deve ser entendido em meio a um complexo de relações com outros conceitos, nesse caso, como os conceitos de partido, sociedade civil e política, bem como hegemonia e o próprio plano econômico vigente. Só assim

³⁴ Idem. p. 177-181.

³⁵ GRAMSCI, A. Caderno 12, Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. In: **Cadernos do Cárcere**, vol. 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 25.

é possível compreender de fato qual a verdadeira função e importância dos intelectuais na sociedade.

E para além disso, é preciso considerar também os vários níveis de intelectuais existentes,

De fato, a atividade intelectual deve ser diferenciada em graus também do ponto de vista intrínseco, graus que, nos momentos de extrema oposição, dão lugar a uma autêntica diferença qualitativa: no mais alto grau, devem ser postos os criadores das várias ciências, da filosofia, da arte, etc.; no mais baixo, os mais modestos “administradores” e divulgadores da riqueza intelectual já existente, tradicional, acumulada. O organismo militar, também neste caso, oferece um modelo destas complexas gradações: oficiais subalternos, oficiais superiores, Estado-Maior; e não se devem esquecer os cabos e sargentos, cuja importância real é superior ao que habitualmente se crê. É interessante notar que todas estas partes se sentem solidárias, ou, melhor, que os estratos inferiores manifestam um “espírito de grupo” mais evidente, do qual recolhem uma “ vaidade” que frequentemente os expõe aos gracejos e às troças.³⁶

E essas gradações, vaidades, espírito de grupo, são facilmente verificadas na obra da autora Camila Rocha, dentre suas várias entrevistas é possível verificar a ação de diversos tipos de intelectuais oriundos sobretudo da pequena burguesia, que tomaram pra si uma espécie de tarefa política e ideológica de organizar os setores que demandavam novas referências e pautas políticas de direita na sociedade brasileira. E conforme fica claro com o desenvolvimento exposto pela autora em sua tese, esses intelectuais exerceram não só a função de partido político com suas organizações de manifestações de contestação do governo à época, como também promoveram em dado momento o consenso de massas de pessoas que foram instruídas, organizadas, e direcionadas à pauta do liberalismo e suas ramificações, isto é, a pauta do capitalismo, como também à pauta de um movimento de ofensiva contra um inimigo em comum, que no caso da realidade brasileira foi precisamente o inimigo de esquerda, negro, indígena, mulher, e LGBTQIA+.

Portanto, a ação dessa nova direita, promovida e desenvolvida pelo baixo clero da burguesia não pode ser subestimada ou negligenciada, pois se trata de um grupo político que se colocou em meio ao grosso da sociedade como uma alternativa não só política como também civilizacional.³⁷

³⁶ Idem, p. 21-22.

³⁷ É importante salientar que a questão do papel preciso dos intelectuais em meio as novas dinâmicas políticas e ideológicas da sociedade brasileira mereceriam um trabalho a parte. Mas como dito, não poderia deixar de citar

Não obstante, apesar de todo o emaranhado de contradições que o bolsonarismo desperta, tendo inclusive trabalhadores como eleitores e apoiadores assíduos, existe um fio condutor de classe dentro das hordas bolsonaristas que não deixa margem para dúvidas quanto a nervura classista do bolsonarismo. Conforme respondeu a autora Esther Solano em entrevista,

O maior índice de votos em Bolsonaro é entre pessoas que têm ensino superior completo. São pessoas que já passaram pela universidade e que possuem alta escolarização, mas que decidem votar nele. Então, eu diria que o eleitor típico de Bolsonaro é um homem branco, de classe média, com ensino superior completo e das regiões sul e sudeste do País.³⁸

Tal eleitorado e seguidores bolsonaristas se confirmam segundo os dados eleitorais de votantes para presidente nas eleições de 2018 e a mais recente de 2022. Apesar de governar para a alta burguesia, flertar com as camadas mais populares de trabalhadores em algum nível relevante, as bases de defesa mais sólidas do bolsonarismo são encontradas nos setores médios da sociedade, com forte incidência na pequena burguesia. Com o perfil de homens (sobretudo os mais velhos), brancos, héteros, escolarizados, ricos, oriundos em sua maioria das regiões sul e sudeste do Brasil.

Todavia, o perfil padrão dos bolsonaristas nos revela outro elemento chave de compreensão do bolsonarismo. Não é por acaso que o bolsonarismo seja mais forte nas regiões sul e sudeste do Brasil, pois como aponta pesquisa:

Dados da ONG Anti-Defamation League (ADL) mostram que hoje o Brasil é o país no mundo onde mais cresce o número de grupos de extrema direita, concentrados, de acordo com monitoramento da Doutora em Antropologia pela Universidade de Campinas (Unicamp) Adriana Dias, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.³⁹

Paralelo a isso, desde que Bolsonaro assumiu o governo do país houve um crescimento de 270,6% de grupos de extrema-direita, isto é, neonazistas, neofascistas, e demais grupos

sua ação nesse trabalho. Uma vez que esses intelectuais acabaram por lançar várias das bases que o bolsonarismo aproveitou para se desenvolver e se institucionalizar.

³⁸ MOYSÉS, Adriana. 'Eleitor típico de Bolsonaro é homem branco, de classe média e superior completo'. **Carta Capital**. 19/09/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/eleitor-tipico-de-bolsonaro-e-homem-branco-de-classe-media-e-superior-completo/>. Acesso em: 26/11/2022.

³⁹ FIGUEIREDO, J. Com mais de 530 células, concentradas no Sul e Sudeste, Brasil é o país onde extremismo de direita mais avança. **O Globo**. 27/02/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/com-mais-de-530-celulas-concentradas-no-sul-sudeste-brasil-o-pais-onde-extremismo-de-direita-mais-avanca-25411410>. Acesso em: 26/11/2022.

extremistas de direita.⁴⁰ E como veremos mais adiante no trabalho, alguns desses grupos já flertavam com Jair Bolsonaro bem antes dele ser presidente, assim como também figuras ligadas a tais movimentos que possuíram até mesmo cargos dentro da burocracia de governo bolsonarista.

1.5.2 Periferia.

A semente do fascismo tropical está presente em todas as classes. Em todas as regiões. Há quem diga que ele piorou após Junho de 2013. Há quem acredite que sempre foi assim e que ele apenas mostrou sua cara como tedência da polarização. Há ainda quem afirme que se trata simplesmente de *backlash* ou seja, uma retaliação, resultado das incipientes mudanças nas estruturas da profunda desigualdade brasileira. Em qualquer uma das hipóteses, o germe do ódio ficou às soltas no Brasil, pronto para linchar física e moralmente todo aquele que não se enquadra no *establishment* masculino, branco, heterossexual, rico, bem-sucedido e cheio de bens de consumo. A ameaça comunista é uma mentira. A ameaça fascista é uma realidade.⁴¹

A periferia é um ponto interessante para pensarmos algumas contradições do lulismo e bolsonarismo, como também de parte minoritária, mas ainda relevante do bolsonarismo. A autora Rosana Pinheiro-Machado é bastante feliz na citação acima em definir que “a semente do fascismo está presente em todas as classes”. À primeira vista essa afirmação parece um tanto quanto absurda, mas concretamente falando é o que acontece no seio da sociedade, a classe trabalhadora em sua totalidade não necessariamente possui plena consciência política como classe⁴², o que torna qualquer análise em termos de consciência e posição política que a envolva algo extremamente complexo de compreender em determinados processos históricos. No entanto, embora não sejam o grosso das massas do fascismo clássico, e tampouco o sejam em qualquer potencialidade fascista da atualidade, não é possível ignorar o fato de que certa parcela da classe trabalhadora compõe de forma contraditória, mas ainda com certa relevância a massa bolsonarista de cariz fascista.

⁴⁰ FIGUEIREDO, J. Com mais de 530 células, concentradas no Sul e Sudeste, Brasil é o país onde extremismo de direita mais avança. **O Globo**. 27/02/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/com-mais-de-530-celulas-concentradas-no-sul-sudeste-brasil-o-pais-onde-extremismo-de-direita-mais-avanca-25411410>. Acesso em: 26/11/2022.

⁴¹ PINEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2019. p. 72.

⁴² E aqui me refiro ao sentido marxiano que entende consciência em si e para si de uma classe.

Não obstante, as razões da adesão de parte da periferia ao bolsonarismo é plural e se dá por elementos que emergem tanto de fissuras da estrutura histórica brasileira, como já mencionado com o racismo estrutural, patriarcalismo, religiosidade, e as formas como essas estruturas encarnam na realidade, sendo desenvolvidas ou aproveitadas pela classe dominante em meio a luta com a classe trabalhadora, como também de contradições causadas num nível mais superestrutural, como no caso do próprio modelo socioeconômico de inclusão através do consumo da era petista no poder. E nesse sentido, como argumenta a autora Pinheiro-Machado, um dos pontos altos para as pessoas mais vulneráveis nos governos petistas era justamente a aquisição de bens materiais, que impactou o trânsito desse segmento social, com a crescente “intromissão” dos mais pobres em espaços que antes eram circunscritos aos mais abastados na sociedade. E dessa nova dinâmica social surgiu o que a autora chamou de “autovalor e insubordinação”. Isto é, pessoas mais pobres que começaram a se sentir pertencentes ao mundo através da aquisição de seus novos bens de consumo, se autovalorizando ao ponto de “ousarem” frequentar os mesmos espaços que os mais ricos, originando movimentos como o dos “rolezeiros” nos Shoppings centers.⁴³

Todavia, como salienta Pinheiro-Machado, toda essa ebulição periférica teve que ser freada após os efeitos deletérios da crise econômica que atingiu o Brasil em 2014. Ora, a inclusão através do consumo não pode funcionar num país cuja economia se encontra em turbulência, pois a fatura das crises econômicas historicamente sempre é legada para o seio da classe trabalhadora. E nesse sentido destaca Pinheiro-Machado,

Para muitos, o principal ganho da era Lula foi conforto material. Agora, com a crise, eles não podiam mais comprar as coisas que tanto adoravam. Também perdiam em assalto os poucos itens que restavam. Cássio, 18 anos, ex-rolezeiro, caixa de supermercado, foi assaltado duas vezes pelo mesmo sujeito na parada de ônibus na volta do trabalho, às 23h. O celular roubado custara o salário de um mês inteiro – em quem será que Cássio votou para presidente? Ao perderem seus bens, as pessoas perdiam junto um pilar de sua identidade, reconhecimento e cidadania, gerando uma crise que também foi existencial, uma crise de autovalor.⁴⁴

Contudo, ainda nesse mesmo caminho das contradições da realidade material que auxiliaram na identificação de parte dos setores mais humildes ao bolsonarismo, Pinheiro

⁴³ PINEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 97-103.

⁴⁴ PINEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 103.

Machado⁴⁵ também mostra que apesar da histórica repressão sofrida pelo segmento social mais periférico, muitos trabalhadores e jovens acabam inseridos dentro de uma lógica militarista por acreditarem que muitos de seus problemas relacionados à segurança seriam resolvidos tendo os militares, sobretudo do Exército, tendo “pulso firme” nas comunidades e periferias contra a horda de bandidos cada vez maiores. E assim o discurso bolsonarista se torna palatável na medida que Bolsonaro diz coisas como “bandido bom é bandido morto”.

Não obstante, Pinheiro-Machado se mostra mais uma vez bastante lúcida em suas considerações, salientando que:

Antes de julgar o conservadorismo popular, é preciso colocar as coisas em perspectiva e lembrar que, na maioria das vezes, o amparo para as pessoas de baixa renda vem da religião, da família e das ações coletivas e movimentos sociais, mas raramente do Estado. Não se pode esperar que brotem almas democráticas e contestadoras de pessoas cujo contexto, desde o espancamento que receberam do pai até a lição que levaram da polícia, é marcado pela violência.

Os que apanham da polícia real, mas torcem pelo policial ideal estão apenas expressando a própria contradição. Se elegemos um fascista presidente, e se parte dessa votação veio das classes populares, a responsabilidade por isso é, sobretudo, do ódio de classe, do racismo e de décadas de omissão do Estado. Os que apanham da polícia real, mas torcem pelo policial ideal estão apenas expressando a própria contradição do modelo de nação brasileira.⁴⁶

Assim, é preciso compreender para além das estruturas do Brasil, também como isso incide diante das referências contraditórias que a classe trabalhadora possui em seu cotidiano mais brutal. E o que ocorre concretamente é que as referências da classe trabalhadora provêm das estruturas mantidas mediante a dominação de classe no Brasil. Isto é, a Igreja e seu conservadorismo tradicional direcionado para a doutrinação e adestramento de corpos e mentes, a família mononuclear intimamente ligada aos padrões comportamentais do conservadorismo cristão, como de ações coletivas e movimentos sociais, que em muitos casos são ligados a uma lógica de entendimento de mundo extremamente alinhada às pautas do capitalismo e sua expressão neoliberal. Como no caso de ONGs que atuam justamente em comunidades carentes

⁴⁵ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Por dentro da mente dos eleitores de Bolsonaro que são fãs do político e vítimas da violência policial. **The Intercept**. 11/09/2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/09/11/eleitores-bolsonaro-violencia-policial/>. Acesso em: 19/06/2022.

⁴⁶ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 109.

com um discurso beneficente de assistência social, mas que esconde por vezes todo um trabalho sofisticado de construção de hegemonia burguesa.⁴⁷

E, portanto, as estruturas e referências se intercalam de modo dialético, produzindo um cidadão contraditório, mas expressão real do tipo de sociabilidade hegemônica conservadora do seio da sociedade brasileira.

Entretanto, embora muitas das conclusões e lições da autora sirvam para serem consideradas num todo da sociedade brasileira, ao menos para termos um zelo maior com as contradições existentes que devem ser encaradas, muitas das pesquisas de campo de Pinheiro-Machado, como a mesma destaca, são provenientes de um nicho específico, nesse caso o da periferia da cidade de Porto Alegre. Por isso, num esforço de tentar ampliar tais questões espinhosas, trago a seguinte imagem do mapa de votantes da cidade do Rio de Janeiro em 2018. A cidade com o maior número de favelas do Brasil,⁴⁸ mas que votou com grande maioria no projeto político bolsonarista. O candidato petista só conseguiu obter vantagem em Laranjeiras (única área vermelha do mapa). Em todas as demais zonas com algumas das maiores favelas do país, Bolsonaro saiu vitorioso:

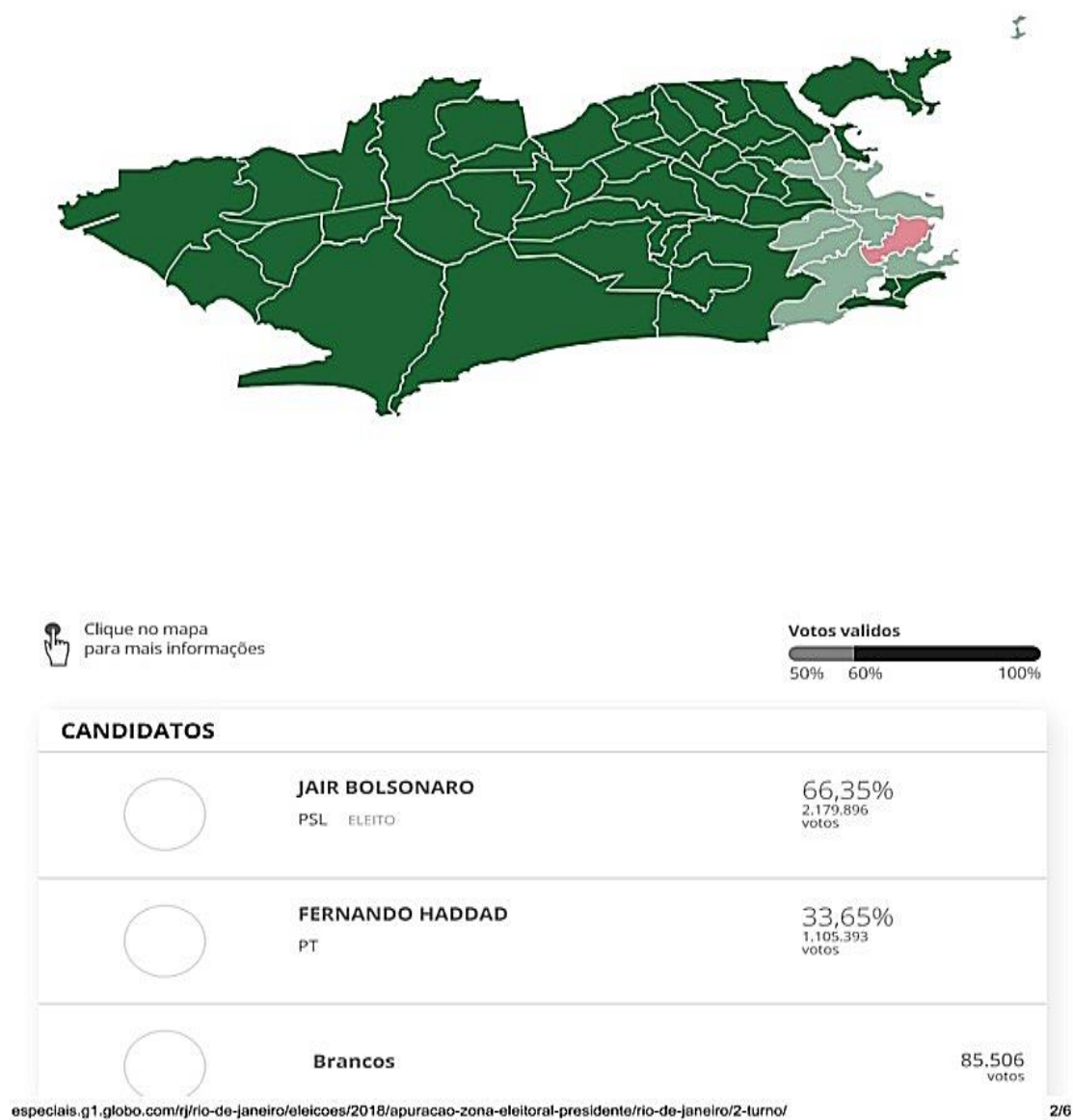
⁴⁷ É óbvio que nem todos esses movimentos sociais reproduzem a lógica do capital, no entanto, aqueles que reproduzem uma lógica de oposição e resistência trabalham contra uma forte corrente de um todo da estrutura social material que reproduz o status quo da hegemonia burguesa. No entanto, no caso específico da atuação de ONGs como Aparelhos Privados de Hegemonia (APHs) agindo conforme os interesses do capital, vale conferir a obra: FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. 2 ed. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

⁴⁸ GALDO, Rafael. Rio é a cidade com maior população em favelas do Brasil. **O Globo**. 21/12/2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/rio-a-cidade-com-maior-populacao-em-favelas-do-brasil-3489272>. Acesso em: 03/10/2022.

Figura 1: Apuração de zona eleitoral para presidente na cidade do Rio de Janeiro/2-turno, em 2018.

03/10/2022 18:17

Eleições 2018 no G1 - Apuração por zona eleitoral - RJ - Rio de Janeiro



Fonte: página do site G1 da Globo.⁴⁹

⁴⁹ **G1.** Apuração por Zona eleitoral. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/apuracao-zona-eleitoral-presidente/rio-de-janeiro/2-turno/>. Acesso em: 03/10/2022.

Porém, vale ressaltar algumas questões importantes para apreciar tais dados. O primeiro, é que é sabido que um dos redutos do bolsonarismo é justamente o Rio de Janeiro, não só a cidade, como o próprio Estado. Afinal, foi no RJ que Jair Bolsonaro surgiu como opção política, e isso já indica em parte a grande concentração de votos na cidade, e a partir das contradições apontadas por Pinheiro-Machado, também é possível supor que muitos desses votos vem de favelas, mas apesar do gráfico mostrar que Bolsonaro obteve maioria expressiva dos votos na cidade do Rio, fica difícil dizer com certeza que o número de votos provenientes das favelas foi endereçado em sua maioria para Bolsonaro, uma vez que não existem dados estatísticos que mostrem a apuração específica das favelas do RJ. Na realidade muitas das favelas estão misturadas e inseridas em zonas eleitorais compostas por outros bairros, ainda que em sua maioria periféricos, tornando possível que os votos em Haddad, mesmo sendo minoria, tivessem vindo justamente das favelas do RJ.

Diante disso, outro dado parece interessante para somarmos e pensarmos a estratificação social dos votos no petismo e no bolsonarismo em 2018. Segundo trabalho científico publicado no jornal *El país*, intitulado “Bolsonaro arrasa nas cidades mais brancas e ricas; Haddad nas mais negras e pobres”⁵⁰, é possível ver a evidente supremacia de Bolsonaro nos contextos de maioria branca e rica, e de Haddad nos de maioria negra e pobre. Evidenciando um fosso bem delimitado dividindo o bolsonarismo em relação ao projeto petista. O que pode reforçar a ideia de que talvez o bolsonarismo possa sim ter expressivo apoio nas camadas mais pobres e periféricas do RJ, mas talvez esse número não seja maioria, tampouco estável como o é nas camadas mais abastadas.

Mas, fato é que enquanto a condição de pobreza e raça em tese jogaram a favor do projeto petista em função da sua histórica atuação em favor dos mais pobres⁵¹, que consequentemente são de maioria negra, as condições estruturais provenientes sobretudo do conservadorismo cristão bastante presente nas comunidades do RJ, a violência cotidiana, o abandono de políticas públicas, até mesmo do abandono petista diante da última grande crise econômica vivida sobretudo nos governos Dilma, jogaram nesse caso a favor do bolsonarismo. E ter plena noção da complexidade que emerge dessa realidade material é fundamental para tentarmos compreender algumas das contradições do bolsonarismo.

⁵⁰ LLANERAS, Kiko. Bolsonaro arrasa nas cidades mais brancas e ricas; Haddad nas mais negras e pobres. **El País**, 24/10/2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/actualidad/1540379382_123933.html. Acesso em: 04/10/2022.

⁵¹ Ainda que essa atuação seja das mais problemáticas e objeto de crítica de setores a esquerda do próprio petismo.

Contudo, girando um pouco em cima da questão da periferia e tratando da questão da maneira pela qual a marginalidade, e por consequência a figura do “vagabundo” são fomentadas e praticadas em nossa sociedade, Pinheiro-Machado também ressalta que,

Existem muitas formas de a figura do vagabundo se perpetuar. Programas como o *Brasil Urgente*, de Datena, fazem isso, mas nada se compara ao novo gênero de espetáculo da violência que são os vídeos caseiros que circulam no WhatsApp entre as camadas populares. Como narra Spyer, trata-se de um universo à parte, um demarcador de classe que se caracteriza pela espetacularização do sangue, do sexo brutal, dos tiros e das facadas. Uma violência-ostentação, filmada e focada nas comunidades.⁵²

A esse respeito o jornalista João Filho, nos chama a atenção para os programas do tipo “pinga sangue”, terem relevante participação no imaginário social a respeito das atitudes punitivistas e de morte diante da criminalidade do dia a dia. Muitos desses programas, sem o menor pudor em suas colocações contribuíram ao longo de décadas para a construção de uma sociedade pautada numa postura primitiva e selvagem. Tudo isso em meio a democracia burguesa com seus supostos pilares voltados para a dignidade humana, sendo esse então mais um elemento de conversação com a ideologia bolsonarista, repleta de ódio e pulsão de morte.

O Brasil já se acostumou a acompanhar violência explícita na TV. Quase todas as emissoras têm em sua grade de programação um jornal policial vespertino que traz diariamente as novidades do mundo cão. Há quase três décadas, empresas privadas se utilizam de concessões públicas para fomentar uma cultura de ódio, vingança e violência. Chavões como “bandido bom é bandido morto” e “direitos humanos para humanos direitos” vem sendo exaustivamente repetidos pelos apresentadores desses programas. Ali a violência policial é reverenciada, suspeitos são tratados como culpados e os direitos humanos servem apenas para proteger bandido. Pobres, negros e gays têm seus estereótipos negativos reforçados todos os dias. Qualquer semelhança com o bolsonarismo não é mera coincidência.⁵³

O autor também chama atenção para o fato de que muitos dos apresentadores desses jornais acabam migrando de campo se candidatando a cargos políticos, conseguindo grande êxito uma vez que eles próprios conseguem fomentar uma base de telespectadores sedentos por

⁵² PINEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 107.

⁵³ FILHO, João, Datena e o jornalismo mundo cão vendem o ódio bolsonarista há 3 décadas na TV. **The Intercept** – Brasil, 17/03/2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/03/17/datena-jornalismo-odio-bolsonarismo-programas-policiais/>. Acesso em: 11/10/2022.

sangue diariamente que acabam se tornando assíduos eleitores de seus projetos políticos, que em praticamente todos os casos têm alinhamento ideológico com as pautas bolsonaristas.⁵⁴

Mas não só pelo estímulo a violência física tais programas acabam se tornando populares. Há também os componentes da estrutura social brasileira que estimulam violências simbólicas em grande parte deles, com falas preconceituosas do tipo machistas, homofóbicas, assim como a defesa da religião cristã diante das demais, como na seguinte passagem:

Datena, o maior expoente nacional do jornalismo mundo cão, costuma apresentar diagnósticos simplistas para crimes bárbaros, como “falta Deus no coração dessas pessoas”. Chegou até a ser processado por isso. É um jornalista medindo o caráter do cidadão pelo grau de fé em Deus que ele tem. É como se ateus fossem potenciais criminosos. “Deus acima de tudo” não é mesmo?⁵⁵

O componente religioso acaba sendo algo fortíssimo para compreender o cerne do bolsonarismo, e no seguinte tópico abordaremos de forma mais detalhada o quão intensa pode ser a relação do bolsonarismo com o cristianismo, e as contradições que isso suscita.

1.5.3 Fundamentalismo religioso.

“Força através da pureza, pureza através da fé.”⁵⁶

Enquanto conforme mostra dados de pesquisa do Datafolha, nos segmentos religiosos afro-brasileiros e ateus/agnósticos os números apontavam para grande vantagem de Haddad em relação a Bolsonaro⁵⁷, nos segmentos de religiosidade cristã, sobretudo evangélicos, a coisa mudava de figura, conforme demonstra a seguinte notícia:

Quase metade dos evangélicos diz que optará por Jair Bolsonaro (PSL) no domingo (7) de eleição, segundo pesquisa Datafolha realizada entre quarta (3) e quinta (4).

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ **V DE VINGANÇA**. São Paulo: Panini Books, 2012. p. 13.

⁵⁷ DATAFOLHA. Pesquisa Eleitoral. **Instituto de Pesquisa**. 26/10/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>. Acesso em: 15/03/2023.

O segmento pretende dar 48% dos votos válidos (que excluem eleitores indecisos, brancos e nulos) para o capitão reformado, que vem amejando apoios entre as grandes lideranças evangélicas do país —do bispo Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus) ao pastor José Wellington Bezerra da Costa, que lidera o Ministério Belém, o maior braço daquela que é a maior denominação evangélica do Brasil, a Assembleias de Deus.⁵⁸

Enquanto que “Bolsonaro é o preferido de 35% dos católicos, fatia que lhe dá uma distância mais estreita do principal adversário, Fernando Haddad (PT), que nesse segmento tem 29%.”⁵⁹

Tais informações são importantes quando levamos em consideração que “O bloco cristão soma 85% do eleitorado nacional, com 54% seguidores do catolicismo e 31% do credo evangélico”. Portanto, um contingente de eleitores bastante valioso para as eleições do Brasil. Além do que, tais números corroboram o êxito da campanha bolsonarista em meio as várias igrejas cristãs Brasil a dentro, sobretudo a partir de suas alianças com importantes lideranças do meio cristão, especialmente lideranças do campo evangélico.

A aparente contradição entre um discurso violento e de morte do bolsonarismo com os dogmas de paz e amor do cristianismo, não parece ter sido um impeditivo para que muitos cristãos apoiassem de maneira sólida o candidato que “em tese” mais se afastava dos princípios cristãos.⁶⁰

Na realidade, grande parte do eleitorado religioso, sobretudo dos evangélicos afeitos a teologia da prosperidade, se encontram em um antro de contradições ainda mais profundo. Quando analisamos por exemplo toda a relação que o neopentecostalismo tem com preceitos de meritocracia para a sociedade, fica claro que tal ideologia religiosa se baseia e se retroalimenta de valores que lançam os sujeitos da igreja para caminhos onde as questões estruturais da desigualdade social fica subsumida sob uma lógica de que cada indivíduo é responsável direto pelo seu sucesso ou fracasso individual. Conforme apontam os autores Michele Haddad e Nelson Pacheco Junior:

É nesse contexto que atuam as denominações neopentecostais que difundem a chamada teologia da prosperidade. Para Oro (1996) essa teologia propicia aos fiéis um desejo de ascensão social e a posse de bens materiais sem nenhum

⁵⁸ BALLOUSSIER, A.V. Metade dos evangélicos vota em Bolsonaro, diz Datafolha. **Folha de S. Paulo**. 04/10/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/metade-dos-evangelicos-vota-em-bolsonaro-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 15/03/2023.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Embora, é importante ressaltar que nem todos os segmentos religiosos endossavam por exemplo a ideia de “bandido bom é bandido morto” do bolsonarismo. Ainda que permanecessem apoiadores do mesmo.

conflito de consciência. Podemos considerar, portanto, que há uma legitimação e sacralização da desigualdade social, onde o bilionário por exemplo, ao invés de ser compreendido numa perspectiva sócio-histórica e econômica, é visto como alguém “abençoado” e “agraciado” por Deus. Assim, percebe-se que o pobre por outro lado é visto como um “rico” em potencial, alguém que para enriquecer basta lutar, perseverar, acreditar que Deus o vai abençoar com a prosperidade. Nesse cerne, algumas denominações neopentecostais difundem a chamada teologia da prosperidade, criando uma falsa sensação de “igualdade” entre todos os indivíduos, buscando mascarar a desigualdade social existente.⁶¹

Desse modo, a simbiose de valores neoliberais e cristãos oferece para as classes dominantes um duplo deslocamento de parte da classe trabalhadora em relação a questões de obrigação do próprio Estado burguês, como ao mesmo tempo individualiza todo um agrupamento social que passa a se entender cada vez mais de modo isolado e individualizado diante da sociedade e dos problemas que a aflige.

Nesse sentido, Haddad e Pacheco Junior destacam:

Para Cunha (1979, p.31), se a doutrina liberal repudia qualquer privilégio decorrente do nascimento e sustenta que o trabalho e o talento são os instrumentos legítimos de ascensão social e de aquisição de riquezas, “qualquer indivíduo pobre, mas que trabalha e tenha talento, pode adquirir propriedade e riquezas”. Koga, Guindani e Ferreira (2020) consideram que a propriedade privada vai adquirindo uma aura sagrada no mundo ocidental, pelo fato de que ela é legitimada não apenas por uma teoria econômica, mas também por um discurso religioso, por uma autoridade divina.⁶²

Por esse motivo mercadores da fé como os religiosos Marcelo Crivella e Edir Macedo, por exemplo, acabam angariando para além de riquezas matérias provenientes da exploração da fé alheia, poder político de impactar de modo relevante uma eleição presidencial, uma vez que tais lideranças ditam em seus templos aqueles candidatos mais alinhados com os valores praticados por eles e seus fiéis.

⁶¹ HADDAD, Michele & PACHECO JUNIOR, Nelson. **O neopentecostalismo e a teologia da prosperidade:** Uma contribuição na legitimação da desigualdade social. 28. 2022. p. 2-3. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360773029_O_NEOPENTECOSTALISMO_E_A_TEOLOGIA_DA_PROSPERIDADE_UMA_CONTRIBUICAO_NA_LEGITIMACAO_DA_DESIGUALDADE_SOCIAL. Acesso em: 23/01/2023.

⁶² HADDAD, Michele & PACHECO JUNIOR, Nelson. **O neopentecostalismo e a teologia da prosperidade:** Uma contribuição na legitimação da desigualdade social. 28. 2022. p. 8. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360773029_O_NEOPENTECOSTALISMO_E_A_TEOLOGIA_DA_PROSPERIDADE_UMA_CONTRIBUICAO_NA_LEGITIMACAO_DA_DESIGUALDADE_SOCIAL. Acesso em: 23/01/2023.

Ademais, tais cristãos nunca quiseram de fato eleger *qualquer* figura religiosa para a presidência da república. Se fosse assim outros candidatos diretamente ligados ao cristianismo, fosse ligado à igreja católica ou evangélica, já teriam tido votações expressivas. Na última eleição presidencial de 2014, tínhamos por exemplo a figura do pastor Everaldo, que teve votação pífia para o pleito.

Mas então quais seriam os motivos para a enorme discrepância de Bolsonaro e seu cristianismo em relação aos demais candidatos cristãos que já tentaram disputar eleições presidenciais no Brasil?

A resposta para essa pergunta talvez possa ser obtida através do conceito de “cristofascismo”, segundo o autor Fábio Py:

O que denomino como cristofascismo brasileiro é um reflexo do cristofascismo na Europa, um termo cunhado pela teóloga Dorothee Sölle, em 1970.

Para sua autora, o cristofascismo seria uma “traição aos pobres, uma arma milagrosa a serviço dos poderosos (...) a serviço das famílias tradicionais do centro-europa preocupadas com a paz sem a paz incomoda Cristo”. Ela fundamenta o conceito ao abordar as relações de membros do partido nazi com as igrejas cristãs no processo de desenvolvimento do estado de exceção alemão. Para Sölle, as lideranças da igreja alemã ajudaram na construção do governo nazista, da mesma forma que, aqui, seguem favorecendo posturas preconceituosas na política contemporânea.⁶³

Assim, vemos uma grande diferença entre o candidato cristão pastor Everaldo e Jair Bolsonaro. O primeiro apesar de ter seus valores de costumes tradicionais do cristianismo defendidos, não tinha algo que Bolsonaro tinha e tem de sobra, que é o seu teor fascista. Sua violência brutal, que exala em todos os seus discursos, e toda sua eloquência de cariz fascista ancorada aos valores tradicionalmente vinculados ao cristianismo.

Se os valores do cristianismo vinculados a valores de ódio e violência suscitam uma contradição, o que importa de verdade é saber que essa expressiva parcela dos eleitores cristãos existe e cotidianamente se sentam ao lado dos demais cristãos pelas várias igrejas existentes Brasil a dentro.

Não podemos ignorar todo o recurso retórico mobilizador do bolsonarismo que entrelaça de forma orgânica a pauta cristã e a pauta violenta com forte semelhança a pauta fascista. Existiu

⁶³ PY, Fábio. Cristofascismo à brasileira marca a eleição de 2018 no Brasil. **Carta Maior**. 03/10/2018. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/eleicoes/53568/cristofascismo-a-brasileira-marca-a-eleicao-de-2018-no-brasil>. Acesso em: 17/10/2022.

todo um movimento direcionado para alimentar a ideia de um corpo mitificado imbuído de uma missão “civilizatória” de limpar a nação dos males que existem nela. Não existia qualquer intenção minimamente democrática nesse modo de pensar cristofascista, como podemos ver no seguinte posicionamento destacado por Py, o bolsonarista Marcos Feliciano diz o seguinte,

Em outro jingle, diz em tom bélico que “minha família merece respeito; é por isso que meu voto é para quem sabe guerrear”. Ou seja, sua proposição da família está absolutamente implicada com o tom de guerra para afirmação dela mesma contra seus verdadeiros “inimigos”, que seriam aqueles que defendem o “aborto e a legalização da maconha”.⁶⁴

Fica clara a alusão ao enfrentamento, essa é a fala de um candidato disputando um cargo político dentro da cambaleante democracia burguesa no Brasil. Em momento algum tal candidato entende a disputa eleitoral enquanto uma disputa democrática e pacífica, e sim enquanto algo de enfrentamento belicoso, para eles existe um inimigo a ser destruído e eles se prepararam para isso.

Mas o bolsonarismo vai além, desafia até mesmo princípios do próprio Estado liberal burguês, segundo Py,

A partir da fala de Bolsonaro, percebe-se que na eleição vem brotando uma nova modalidade no vocabulário tático do cristofascismo à brasileira. Ele, que é tão central, virou slogan da campanha do Bolsonaro: “O Estado pode ser laico, mas eu sou cristão”. Recita o slogan estrategicamente, diante do público da igreja afirmando o benefício cristão na sua candidatura à presidência da república. Aciona, assim, todos os benefícios dados aos cristãos desde a formação brasileira como a religião majoritária do país assumindo-se como candidato à presidência se diz cristão, e, em vários momentos assumindo que as demais minorias devem se curvar ao desejo da maioria cristã. Isso, porque, assume que as “famílias cristãs estão sendo prejudicadas” e um dos fatores disso é por “conta do estado laico tem de aceitar as ideias das minorias”.⁶⁵

Esse afronte à laicidade do Estado, logo à um princípio liberal, aproxima mais uma vez o bolsonarismo do discurso e pauta fascista, uma vez que historicamente os fascistas entraram

⁶⁴ PY, Fábio. Cristofascismo à brasileira marca a eleição de 2018 no Brasil. **Carta Maior**. 03/10/2018. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/eleicoes/53568/cristofascismo-a-brasileira-marca-a-eleicao-de-2018-no-brasil>. Acesso em: 17/10/2022.

⁶⁵ PY, Fábio. Cristofascismo à brasileira marca a eleição de 2018 no Brasil. **Carta Maior**. 03/10/2018. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/eleicoes/53568/cristofascismo-a-brasileira-marca-a-eleicao-de-2018-no-brasil>. Acesso em: 17/10/2022.

em choque com alguns dos princípios do liberalismo.⁶⁶ E Bolsonaro novamente deixa claro seu posicionamento diante das minorias, que para ele deveriam se submeter a maioria. O raciocínio e lógica do bolsonarismo não combina de modo algum com nenhum valor democrático e de diversidade, a liberdade religiosa é vista como uma ameaça ao seu plano de imposição ideológica e cultural e por isso não é aceita.

Talvez esses cristãos sejam conforme destaca a autora Magali Cunha, “os sacripantas, Jesus classificou como gente vestida de peles de ovelhas, mas que por dentro são lobos devoradores (Mateus 7.15-20).”⁶⁷

Fato é que estando os eleitores bolsonaristas no espectro do cristofascismo, a relação de diálogo e ou resistência diante desses grupos muda de figura, não se trata de eleitores cristãos comuns, e sim de eleitores cristãos afeitos a determinados elementos da ideologia fascista, e nesse plano toda e qualquer minoria passa a ser uma ameaça para eles e por isso violentamente atacada, não só no plano verbal e simbólico como no plano físico.

Por isso, são setores que não devem ser disputados, mas sim combatidos e enfrentados conforme a urgência que a luta política exigir. O cristofascismo tem um projeto de civilização bem definido, e nele pessoas negras, indígenas, LGBTQs, e feministas, não estão inseridas. É um projeto de barbárie que precisa ser derrotado. A religiosidade desses setores é baseada na ideia de que eles são “ungidos”, escolhidos pela divindade e os “outros” - não sendo verdadeiros cristãos (leia-se os comunistas, abortistas, vagabundos, gays, etc.) – devem ser “ensinados” pela força da violência e/ou punidos por seu comportamento desviante da norma religiosa.

1.5.4 Misoginia, LGBTQfobia e racismo.⁶⁸

⁶⁶ E aqui vale uma ressalva. O fato de existir choque entre o fascismo e o liberalismo não significa que o fascismo tenha entrado em choque com o capitalismo. O fascismo faz parte das contradições do capitalismo. Em momento algum, e em lugar nenhum do mundo o fascismo foi anticapitalista. Muito menos revolucionário. Assim, o bolsonarismo defende como o liberalismo jamais poderia defender, as principais bases de sustentação da estrutura do Estado capitalista burguês, que são as bases racistas, patriarcais, cristãs, e no caso brasileiro talvez mais do que em qualquer lugar do mundo, a base dos latifúndios.

⁶⁷ CUNHA, M. N. “Lobos devoradores” e o cristofascismo no Brasil. **Cartacapital**. 17/10/2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/583800-lobos-devoradores-e-o-cristofascismo-no-brasil>. Acesso em: 13/10/2022.

⁶⁸ A decisão de alocar as questões da misoginia, LGBTQfobia e racismo em um único item se deu em função do próprio bolsonarismo entender e tratar tais grupos da sociedade enquanto algo pertencente ao mesmo “antro” de sujeitos a serem menosprezados e perseguidos. Na visão do bolsonarismo, mulheres, LGBTQIA+s, e negros que atuam na sociedade contra preconceitos que os afligem, representam aquilo que chamam de “mimimi”.

Sabemos que a questão da sexualidade é uma pauta que suscita comportamentos preconceituosos que não são exclusividade do campo das direitas, até mesmo dentre a esquerda é possível encontrar sujeitos inseridos numa prática social preconceituosa.

No entanto, isso só revela a força das estruturas tensionando em nossa sociedade, mas, do ponto de vista de uma estratégia traçada de modo a impor um determinado padrão de comportamento sexual, inserido numa violência que aflige corpos alheios, é de fato uma pauta pertencente ao espectro das direitas. Assim, o bolsonarismo consegue condensar tal questão de uma tal maneira que tal tema se torna crucial dentro da esfera de adesão bolsonarista, mais do que temor e combate ao “perigo comunista”, a pauta de costumes, sobretudo sexuais e de gênero tem total centralidade dentro dos discursos e ações bolsonaristas.

A misoginia e machismo escancarado ganharam mais relevância no país já na campanha golpista iniciada após a vitória de Dilma Rousseff em 2014. Logo nos primeiros meses após sua vitória um movimento de contestação começou a tomar as ruas e redes sociais, e logo de cara chama atenção como podemos ver nas imagens a seguir, o conteúdo violento e de sexualização da figura de Dilma enquanto mulher.

Figura 2: Adesivo com Dilma sendo “penetrada” por bomba de gasolina como “protesto”.



Fonte: Página do site Infomoney.⁶⁹

⁶⁹ SALOMÃO, Thiago. Adesivo com Dilma sendo “penetrada” por bomba levanta a questão: isso é protesto?. **Infomoney**. 01/07/2015. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/blog-da-redacao/adesivo-com-dilma-sendo-penetrada-por-bomba-levanta-a-questao-isso-e-protesto/>. Acesso em: 21/10/2022.

Não surpreende que a cultura do estupro seja algo tão forte em nossa sociedade, colocada como protesto “humorado” para alguns, na realidade desnuda uma realidade brutal para as mulheres do país que tem seus corpos violentados diariamente.

Esse é só um dos exemplos mais violentos, dentre tantos, sem contar as várias oportunidades nas quais associavam ao suposto fracasso de seu governo ao fato de ser mulher.

Esse tipo de comportamento que de “infantil” não tem nada, e sim de muito adulto e criminoso, ilustra que o golpe de 2016 teve, dentre seus vários elementos, um comportamento misógino e machista, não sendo assim um golpe contra uma presidente eleita democraticamente que por acaso era mulher, e sim um golpe contra uma presidente que para a irritação e inconformidade de muitos homens, também era mulher, e aliás, a primeira da história do país.

Todavia, esse comportamento também se alinha, senão de forma direta, mas de forma orgânica pelo seu conteúdo violento, com a misoginia presente no bolsonarismo, não só dentre os bolsonaristas, como pelo seu líder chamado de “mito”. “Ela não merece [ser estuprada] porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece”.⁷⁰ Essas foram as palavras repugnantes de Jair Bolsonaro em 2014 numa entrevista a um jornal se referindo a então deputada do PT, Maria do Rosário.

É importante destacar que esse tipo de discurso tem sim uma correspondência na realidade material, ele não se insere simplesmente no campo da abstração da fala, é um tipo de discurso que ratifica um padrão de comportamento na sociedade que deve ser combatido, uma vez que o conteúdo abjeto desse tipo de fala se encontra na esteira de uma realidade nacional na qual

Se na edição de 2015 do anuário os pesquisadores mostraram que havia um estupro a cada 11 minutos no país, a edição deste ano mostra que um crime do tipo foi registrado a cada 8 minutos em 2019: foram 66.123 boletins de ocorrência de estupro e estupro de vulnerável registrados em delegacias de polícia apenas no ano passado, e a maior parte das vítimas é do sexo feminino —cerca de 85,7%. Em 84,1% dos casos, o criminoso era conhecido da vítima: familiares ou pessoas de confiança.⁷¹

Somado a

⁷⁰ RAMALHO, Renan. Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada. **G1**. 22/06/2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso em: 22/10/2022.

⁷¹ SOUTO, Luiza. País tem um estupro a cada 8 minutos, diz Anuário de Segurança Pública. **Universa Uol**. 18/10/2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/18/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-2020.htm>. Acesso em: 22/10/2022.

Com o aumento do número de feminicídios no Brasil, o Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher (25 de novembro) ganha ainda mais importância. Muito mais do que um momento de reflexão, a data tem o papel de mobilizar para a luta contra a violência motivada por gênero.

A mulher brasileira é uma das que mais sofrem com a violência doméstica em todo o mundo: o Brasil ocupa a quinta posição no ranking do feminicídio. Somente em 2019, foram 1326 mortes provocadas pelo ódio ao sexo feminino, uma alta de 7,1% em comparação com o ano anterior.⁷²

Ou seja, com base nesses dados, um político brasileiro jamais poderia ter esse tipo de comportamento, deveria ser imbuído de uma postura que seja correspondente ao seu cargo e importância frente a sociedade, e mais que isso, deveria ser responsabilizado de forma rígida e condizente com a gravidade de seu ato. No entanto, após anos, recursos, e muita relutância, o que a justiça brasileira, conivente muitas vezes, considerou adequado como punição à Jair Bolsonaro foi uma quantia de cerca de 10 mil reais, valor irrisório para um político cuja família comprou cerca de 51 imóveis com dinheiro vivo ao longo dos últimos anos.⁷³

Não obstante, o tema de gênero e sexualidade também possui centralidade no discurso bolsonarista no sentido de disputar uma pauta no seio da sociedade para tentar impedir o debate sério e científico a respeito do assunto. Sempre apelando para irracionaisismos e “pânicos morais”, conforme atesta o autor Lucas Lima na seguinte passagem comentando a polêmica vinda ao Brasil da autora Judith Butler no ano de 2017:

Ademais, a ideologia de gênero é um termo sem fundamentação teórica, que visa desqualificar as teorias de gênero e gerar pânico moral, nos termos definidos por Cohen (1972), dessa forma, esses eventos violentos contra a visita de Butler ao Brasil descortinam que a atmosfera da esfera pública do debate político e ideológico fora alcançada por uma estratégia de supressão das categorias gênero e orientação sexual do debate público.⁷⁴

⁷² **SINDICATO DOS METALÚRGICOS. CSP CONLUTAS.** Brasil está entre países com maior número de violência contra a mulher. 25/11/2020. Disponível em: <https://www.sindmetalsjc.org.br/noticias/n/5296/brasil-esta-entre-paises-com-maior-numero-de-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 22/10/2022.

⁷³ **RBA.** Família Bolsonaro: "51 imóveis em dinheiro vivo" é destaque nas redes sociais. 09/09/2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/09/familia-bolsonaro-51-imoveis-em-dinheiro-vivo-e-destaque-nas-redes-sociais>. Acesso em: 22/10/2022.

⁷⁴ BRITO, Lucas. **Política sexual do bolsonarismo.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Política Social – UnB.) – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB. INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IHD. DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – SER. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL – PPGPS. Brasília, 2020. p. 199. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40631/1/2020_LucasBritodeLima.pdf. Acesso em: 12/01/2023.

É uma estratégia torpe, mas que funciona dentro das hordas bolsonaristas, assim como também com pessoas alheias a esses assuntos de gênero e sexualidade que acabam embarcando nos temores difundidos pelo bolsonarismo.

O caso mais emblemático envolvendo a temática, e que é um dos principais elementos de difusão que o bolsonarismo teve, foi a campanha em 2011 ainda, contra o que Jair Bolsonaro chamou de “kit gay”. Em seu panfleto de oposição ao material didático antidiscriminação do MEC, como aponta o autor Rodrigo Röttsch, em matéria publicada na Folha de S. Paulo.

"EMBOSCADOS"

"Apresento alguns dos 180 itens deste que chamo Plano Nacional da Vergonha, onde meninos e meninas, alunos do 1º Grau, serão emboscados por grupos de homossexuais fundamentalistas, levando aos nossos inocentes estudantes a mensagem de que ser gay ou lésbica é motivo de orgulho para a família brasileira", diz o folheto na primeira de suas quatro páginas.

Segundo a leitura de Bolsonaro, que é capitão da reserva do Exército, o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais do governo cria de "cotas para professor gay", "batalhões policiais gays nos Estados", "Bolsa Gay" e "MST Gay".

Mas o principal alvo é o que o deputado chama de "kit gay", material didático antidiscriminação preparado pelo Ministério da Educação que será distribuído a escolas públicas. No material há filmes em que adolescentes descobrem que são gays.

"Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual. Com o falso discurso de combater a homofobia, o MEC, na verdade incentiva o homossexualismo nas escolas públicas do 1º grau e torna nossos filhos presas fáceis para pedófilos", diz o panfleto do deputado.

O MEC diz que o material ainda está sob análise, mas deve ser distribuído no segundo semestre somente em escolas do ensino médio, cujos alunos têm 14 anos ou mais. O uso será opcional.⁷⁵

A narrativa utilizada por Bolsonaro não passa de puro terrorismo, e conforme bem destacado pelo autor da matéria, Bolsonaro chama de “emboscada” de supostos grupos de “homossexuais fundamentalistas”.

Todavia, é difícil saber se Bolsonaro tinha noção do potencial de seu kit “antigay”, mas sabendo ou não seu kit destacou seu compromisso político com uma série de questões caras para a sociedade. De uma só vez Bolsonaro abordava a questão da sexualidade, do gênero, da religiosidade, da família, da educação, e tudo isso girando em torno de um suposto projeto “ideologizante” de uma esquerda “perversa” que deveria ser combatida para salvar a “nação”.

⁷⁵ RÖTZSCH, Rodrigo. Bolsonaro leva panfleto antigay a escolas. **Folha de S. Paulo**. 11/05/2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1105201118.htm>. Acesso em: 25/10/2022.

Diante disso, não é de assustar que tal lógica e campanha doentia provenha do Brasil, país onde pessoas da comunidade LGBT mais sofrem assassinatos no mundo⁷⁶. E para além dessa brutal realidade diária, como sugere a autora Pinheiro-Machado, o feminismo é entendido para muitos de seus perseguidores⁷⁷ como uma ofensiva de destruição de valores familiares que devem por eles serem preservados⁷⁸. O movimento feminista e LGBT teriam assim promovido a “depravação” de tais valores, e por isso são vistos como inimigos da sociedade que devem ser exterminados.

Já em relação ao racismo, engana-se quem pensa que é uma pauta menos central dentro do bolsonarismo, a pauta racial atravessa o bolsonarismo por inteiro, ora de forma dissimulada, ora de forma escancarada, mas sempre presente, inclusive no sentido mais brutal possível, tendo os povos indígenas como seu principal alvo, a campanha bolsonarista em 2018 girava em torno de uma pauta de invasão de território indígena e assim o fez durante seu mandato.

O presidente Jair Bolsonaro tem dado declarações polêmicas sobre como irá tratar indígenas e quilombolas. Em uma de suas declarações, Jair Bolsonaro disse que “os índios não devem viver em reservas demarcadas como se fossem animais em zoológico”. As declarações alimentam os preconceitos e a violência contra os indígenas e demonstram o desrespeito que esse governo terá com as reservas de áreas indígenas. Bolsonaro prega a integração dos indígenas, à moda da ditadura militar, e a eliminação dos direitos das etnias de desenvolverem seu modo de vida tradicional e o usufruto de suas terras com autonomia, garantidos pela Constituição.⁷⁹

Essa associação de território indígena com zoológico para uns pode ser entendida como algo positivo, mas analisando a concretude do bolsonarismo sabemos que o sentido ao qual Bolsonaro se refere é na verdade de que indígenas não deveriam ter territórios demarcados com toda sua complexidade, inclusive de defesa militar das áreas. Na realidade, o bolsonarismo tinha

⁷⁶ BOHRER, Larissa. Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo pelo quarto ano consecutivo. **RBA**. 12/05/2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2022/05/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-lgbtqia-no-mundo-pelo-quarto-ano-consecutivo/>. Acesso em: 20/06/2022.

⁷⁷ Obviamente esse pensamento não é circunscrito aos círculos bolsonaristas. No entanto, a robustez, centralidade, e articulação voltada para o combate e perseguição dessas minorias tem uma força muito maior dentro do bolsonarismo, uma vez que sua principal liderança é a principal porta voz política e pública de tais agressões. E por vezes Bolsonaro trata de insuflar ao máximo todo o ranço que seus apoiadores e ele próprio possuem contra tais pessoas tidas como inimigas de sua comunidade.

⁷⁸ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Mulheres pró-Bolsonaro: grupo no Facebook revela medo da ditadura da baranga. **The Intercept Brasil**. 02/10/2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/10/02/mulheres-pro-bolsonaro-feminista-antifeminino/>. Acesso em: 18/06/2022.

⁷⁹ BOKANY, Vilma. Governo Bolsonaro quer acabar com as terras indígenas. **Fundação Perseu Abramo**. 13/12/2018. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2018/12/13/governo-bolsonaro-quer-acabar-com-as-terras-indigenas/>. Acesso em: 26/10/2022.

um projeto político voltado para a intensificação da exploração de riquezas em áreas indígenas, sobretudo através dos garimpos ilegais, e por consequência o extermínio de povos originários. Mesmo *modus operandi* dos governos militares da época da última ditadura brasileira. Conforme também aponta o autor João Filho em matéria do jornal *The Intercept Brasil*. “Em 1972, o general Ismarth de Araújo, superintendente da Funai, disse que “índio integrado é aquele que se converte em mão de obra”. Os indígenas que se rebelaram contra esse projeto acabaram mortos.”⁸⁰

Desse modo, existiu no bolsonarismo um planejamento calculado em relação a questão indígena.

Em 2020, o MPF fez o primeiro alerta ao governo sobre a fome dos Yanomami em Roraima. O órgão determinou que a Sesai, a Secretaria Especial da Saúde Indígena, deveria providenciar a compra de alimentos para abastecer a comunidade. Absolutamente nada foi feito. Claro, durante o governo Bolsonaro a Sesai serviu ao projeto iniciado no regime militar. Nesse período, ela foi comandada por militares sem nenhuma experiência em saúde indígena. O primeiro a assumir a pasta foi o coronel do Exército Robson Santos da Silva. Depois, foi a vez de outro coronel: Reginaldo Ramos Machado, amigo pessoal de Jair Bolsonaro. Ambos comandaram a destruição da estrutura de atendimento da pasta. Cargos e departamentos importantes do órgão foram encerrados. Mecanismos de controle e participação social como os Conselhos Distritais de Saúde Indígena (Condisi) e o Conselho Nacional de Política Indigenista (CNPI) foram extintos. A fome dos Yanomami é resultado de uma política muito bem planejada pelas Forças Armadas e pelo governo Bolsonaro.⁸¹

O bolsonarismo via na questão indígena uma oportunidade de avanço do capital sobre o trabalho e terras indígenas. Mas, a exploração de tais riquezas naturais também resultou em uma continuidade e aprofundamento do genocídio histórico do Estado brasileiro diante dos povos originários.

Dados atualizados divulgados pelo Mapbiomas confirmam o que quem acompanha o cenário sabe: o garimpo ilegal em terras indígenas aumentou impressionantes 632% de 2010 a 2021. É no período do governo de Jair Bolsonaro, porém, que a situação se agravou drasticamente. Dados do mesmo Mapbiomas do ano passado mostravam um avanço de quase 500% na última década.

⁸⁰ FILHO, João. Bolsonaro recuperou projeto da ditadura militar contra os Yanomami: mão de obra ou extinção. **The Intercept Brasil**. 28/01/2023. Disponível em: <https://theintercept.com/2023/01/28/bolsonaro-recuperou-projeto-da-ditadura-militar-contra-os-yanomami-mao-de-obra-ou-extincao/>. Acesso em: 20/03/2023.

⁸¹ Idem.

Em 2021 o garimpo registrou a maior expansão em 36 anos, devorando 15 mil hectares num único ano. Em cinco anos, de 2017 a 2021, novas áreas de garimpo atingiram 59 mil hectares, superando todo o espaço tomado pela atividade garimpeira até o fim da década de 80.⁸²

Paralelamente aos dados de invasão temos também os dados de aumento de violência contra indígenas durante governo Bolsonaro.

Um relatório divulgado nesta quinta-feira 28 apontou aumento de 61% no número de assassinatos de indígenas entre 2019 e 2020, os dois primeiros anos do governo de Jair Bolsonaro, saindo de 113 para 183 mortos. Os índices estão registrados no relatório *Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil*, do Conselho Indigenista Missionário, o CIMI, organismo criado há 48 anos e vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB. De acordo com o estudo, foram registrados no ano passado 304 casos de violência contra indígenas, a maior parte delas assassinatos (183). Na sequência, aparecem casos de ameaças de morte (17), homicídio culposo (16), racismo e discriminação étnico cultural (15), abuso de poder (14), tentativa de assassinato (13), violência sexual (5).⁸³

Ou seja, invasão não só de terras, como também de corpos indígenas, situação dramática para povos tão invisibilizados em território brasileiro. Ademais, como explicar falas de Jair Bolsonaro datadas ainda do ano de 2016 nas quais dizia durante uma entrevista de um episódio em uma visita sua a uma aldeia indígena. "É para comer. Cozinha por dois, três dias, e come com banana. Eu queria ver o índio sendo cozinhado. Aí o cara: 'Se for, tem que comer'. Eu como! Aí, a comitiva, ninguém quis ir", contou Bolsonaro."⁸⁴

Práticas de canibalismo ou antropofagia já foram presentes em alguns grupos indígenas no Brasil, embora não existam registros contemporâneos de tais práticas. É uma questão cultural, antropológica, que não vem ao caso para essa questão⁸⁵. O que chama atenção é uma

⁸² ANGELO, Maurício. Bolsonaro cumpre promessa e garimpo em terras indígenas cresce 632% em uma década. **Observatório da Mineração**. 27/09/2022. Disponível em: <https://observatoriodamineracao.com.br/bolsonaro-cumpre-promessa-e-garimpo-em-terras-indigenas-cresce-632-em-uma-decada/>. Acesso em: 26/10/2022.

⁸³ OHANA, Victor. Assassinato de indígenas cresce 61% nos primeiros dois anos de governo Bolsonaro. **Cartacapital**. 28/10/2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/assassinato-de-indigenas-cresce-61-nos-primeiros-dois-anos-de-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 26/10/2022.

⁸⁴ **G1**. Campanha de Lula resgata vídeo de 2016 em que Bolsonaro diz que comeria indígena em ritual de aldeia. 07/10/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/07/campanha-de-lula-resgata-video-de-2016-em-que-bolsonaro-disse-que-comeria-indigena-em-ritual-de-aldeia.ghtml>. Acesso em: 26/10/2022.

⁸⁵ Embora, conforme sugere o seguinte artigo, Bolsonaro tenha dito ter sido convidado para “comer um índio”, tais práticas não são mais reproduzidas pelos indígenas nos dias de hoje. FREITAS, Pedro. Tribos indígenas brasileiras praticam canibalismo? **Mega curioso**. 06/10/2022. Disponível em:

pessoa branca, totalmente alheia de tal cultura, ter esse tipo de desejo. Não existe outra interpretação possível que não entenda que a atitude de Bolsonaro não passa de perversidade, fruto de sua repulsa pelos povos indígenas e por seu entendimento preconceituoso a respeito destes, vistos por Bolsonaro enquanto animais que se explora, se caça e se come. Era uma tragédia anunciada, e por isso não surpreende que tal aumento de violência contra indígenas tenha ocorrido durante o governo bolsonarista.⁸⁶

Contudo, o racismo contra negros também não fica atrás dentro dos pilares simbólicos e concretos do bolsonarismo. Na realidade, a questão racial no Brasil é muitas vezes encarada como algo velado, de humor, tudo dentro do limite de uma suposta “democracia racial”.

Todo o discurso de democracia racial na verdade tenta esconder uma estratégia de racismo que funciona há décadas em território brasileiro.

Nesse sentido, em um pequeno e preciso texto, o autor Franco Alves da Silva⁸⁷, se baseando em referências como Silvio de Almeida e Frantz Fanon, nos mostra como essa estratégia perversa funciona para o racismo brasileiro. Num primeiro momento existe a argumentação de que determinadas falas preconceituosas na verdade seriam apenas frutos de humor popular, e assim tentam amenizar os efeitos de sua fala e ganhar pra si uma suposta legitimidade através da piada. Porém, dentro do estigma de piada ocorre a mais violenta das desumanizações do outro, com a figura do negro sendo atrelada a de vagabundo, vadio, malandro, bem como de animal. O negro é inferiorizado, desumanizado, e isso acaba por ter contornos para além do discurso violento, pois todo esse discurso acaba por lançar bases para cortes ou inibições de políticas públicas voltadas para pessoas negras, como destaca Silva,

Isso não se trata apenas de um discurso, “uma piada de bom humor”: tornou-se uma política pública que foi colocada em prática logo no seu primeiro ano de governo como presidente. De acordo com a parceria entre o Inesc (Instituto de Estudos Socioeconômicos) e a Conaq (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), o apoio federal a comunidades quilombolas vem diminuindo desde as políticas de austeridade fiscal adotadas pelo governo de Michel Temer, quando a garantia de direitos históricos foi ameaçada pela PEC do teto de gastos.

<https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/123165-tribos-indigenas-brasileiras-praticam-canibalismo.htm>. Acesso em: 26/10/2022.

⁸⁶ Vale mencionar que invasão de corpos e terras indígenas não é uma prática inventada ou iniciada pelo bolsonarismo. É uma política brasileira desde pelo menos 1500. O que ocorre com o bolsonarismo é a intensificação dessa prática. Bem como a tentativa de sufocamento de áreas indígenas como vimos, tanto por práticas ilegais de garimpeiros, como também de tentativas de artifícios “legais” em tramitação nos corredores do Congresso Nacional brasileiro, como no caso da PL 191/2020, que visa liberar a mineração em terras indígenas.

⁸⁷ SILVA, F. A. O racismo de Jair Bolsonaro: origens e consequências. **Nexo Jornal**. 17/11/2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-racismo-de-Jair-Bolsonaro-origens-e-consequ%C3%A2ncias>. Acesso em: 27/10/2022.

Em 2019, o governo federal cortou ainda mais a verba destinada para comunidades quilombolas. Isso prejudica políticas públicas que auxiliam na garantia da titulação das terras ocupadas e na sustentabilidade e qualidade devida dos quilombos. Houve ainda uma substancial redução do financiamento ao programa de Enfrentamento ao Racismo e Promoção da Igualdade Racial: em 2019, a verba foi cerca de R\$ 15 milhões, valor 60% menor do que os R\$46 milhões de 2016.⁸⁸

Além do que, não foram poucas as vezes que Bolsonaro proferiu falas racistas, mas sempre teve o luxuoso aval do STF brasileiro, que por pelo menos duas vezes o inocentou de acusações de racismo. Bolsonaro por mais de uma vez já se referiu aos povos quilombolas em sentido animalesco como se estes fossem medidos em “arrobas” como animais.⁸⁹ Ou na ocasião em resposta à pergunta da cantora Preta Gil, sobre o que ele faria se seus filhos namorassem uma mulher negra, na qual Bolsonaro respondeu relacionando mulher negra a promiscuidade, e que seus filhos receberam educação.⁹⁰ Em ambos os casos o STF não conseguiu, ou não quis conseguir, enxergar indícios claros de conotação racial em suas falas, algo que só faz corroborar o racismo estrutural existente no Brasil.

Somada a essas questões também existem os efeitos psicológicos contraditórios que atingem em cheio parcela significativa de pessoas negras da sociedade, como aponta a autora, Pinheiro-Machado, após tentar identificar a partir do conteúdo de suas entrevistas, como também de suas referências intelectuais, como o racismo estrutural também incide sobre a consciência de pessoas negra.

De intelectuais como William E. B. Du Bois a Cornel West, a noção de “dupla consciência” tenta dar conta da identidade conflituosa de sujeitos (negros) que sofrem preconceito, mas também procuram se enquadrar na norma. Os meninos que pedem punitivismo vivem esse dilema existencial: sabem que podem ser as próximas vítimas, mas negam as estatísticas do encarceramento em massa e da brutalidade da polícia.⁹¹

Ou seja, por mais que pessoas negras moradoras de favela possam ser alvos principais da violência policial defendida por Bolsonaro, tamanha contradição em seu íntimo pode os levar

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ RAMALHO, Renan. STF arquiva inquérito contra Bolsonaro por falas sobre Preta Gil. **G1**. 27/05/2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/05/stf-arquiva-inquerito-contr-bolsonaro-por-falas-sobre-preta-gil.html>. Acesso em: 27/10/2022.

⁹¹ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 109.

a apoiar o bolsonarismo, mesmo que este não represente uma resolução real de toda problemática que envolve sua vivência cotidiana, e sim a manutenção da mesma. E, por mais que esse pensamento contraditório possa parecer ilógico num primeiro momento, se fizermos o esforço de refletir as condições materiais adversas que acometem a uma grande maioria de pessoas negras no Brasil, podemos interpretar que existe uma lógica dentro dessa contradição que anseia por sobrevivência, ainda que seu resultado seja diametralmente oposto, a lógica que impera em muitas das pessoas negras é a de sobreviver de alguma forma dentro de uma sociedade branca e repressora.

1.5.5 Escola sem partido.

O Escola Sem Partido (ESP) é mais um elo de ligação de todos os círculos de atuação do bolsonarismo, e aqui parece haver uma intenção estratégica importante para o movimento, uma vez que os bolsonaristas entendem que grande parte das digressões da sociedade, oriundas do movimento negro, trabalhador, LGBTQIA+, feministas, e da esquerda como um todo, são gestadas e “incentivadas” desde as escolas básicas até o ensino superior por intermédio de uma suposta “doutrinação marxista” a qual orientaria e doutrinaria nossos jovens e crianças a um caminho de depravação, destruição de valores, e até mesmo da corrupção. Por isso o ESP é um movimento que tenta interferir o máximo possível em questões substanciais da educação como um todo no país.

Mas, para além de tais ataques contra a educação, há também a intenção de normatizar e propagar ideais e valores neoliberais para o cotidiano da população, como também tentar consolidar na aprendizagem a intensificação do que Paulo Freire (um dos alvos preferidos do ESP), chamou de “educação bancária”, isto é,

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção "bancária" da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da praxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só

existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.⁹²

E assim solidificar as bases de uma educação pobre, sem criatividade, e sem crítica do mundo e as coisas como são.

A batalha pela hegemonia de uma sociedade passa também pela educação pois o trabalho educativo de uma dada ideologia faz parte do bojo da luta de classes, e por esse motivo a ideologia bolsonarista também tenta disputar os rumos da educação para alçar sua ideologia enquanto dominante na sociedade. E fazem isso sobretudo através do projeto do ESP, que como aponta o autor Fernando Penna, é um projeto que acaba por embrutecer tanto alunos como professores.

Como analisar o programa “Escola sem Partido” diante dessa discussão sobre as funções da Educação? É importante destacar que mesmo uma configuração que se propõe a limitar a escolarização apenas à dimensão da qualificação (a escola apenas deveria instruir) não deixa por causa disso de socializar os alunos segundo algumas representações e de reduzir o espaço para o desenvolvimento de diferentes subjetividades. Impedir a problematização e a pluralização de representações segundo os quais os alunos estão sendo socializados é reforçar representações únicas, necessariamente excludentes e que reforçam desigualdades existentes na sociedade. Reduzir o espaço para que diferentes subjetividades se tornem possíveis constitui uma maneira de tentar controlar as subjetividades e formatá-las segundo um mesmo molde. Em suma, uma forma de embrutecimento de alunos e professores.⁹³

E tal embrutecimento e total atrofia de mentes se enquadra com os anseios de elementos presentes no bolsonarismo que tenta reproduzir um tipo de sociabilidade ainda mais antidemocrática e preconceituosa, calcada em valores conservadores da família (heteronormativa), da religião (cristã) e do próprio mercado (capitalismo).

Mas para além de sua própria reprodução, o bolsonarismo ataca pilares da educação por saber que é justamente através da educação que muitos dos sujeitos históricos conseguem adquirir autonomia suficiente na sociedade para contestar determinadas decisões e posturas de

⁹² FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. In: PATTO, M.H.S. (Org). **Introdução à psicologia escolar**. 3d. rev. atual. São Paulo: Casa do psicólogo, 1997. p. 62. Disponível em: <http://funab.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/Freire-1997.-Educacao-bancaria-e-educacao-libertadora-1-5.pdf>. Acesso em: 18/06/2022.

⁹³ PENNA, Fernando. Programa “Escola Sem Partido”: Uma ameaça à educação emancipadora. In: Org: MONTEIRO, A. M., GABRIEL, C. T., MARCUS, Martins. **Narrativas do Rio de Janeiro nas Aulas de História** – São Paulo: Mauad, 2016. p. 48.

governantes. Educação e insubordinação caminham lado a lado muitas das vezes e isso afeta diretamente os interesses daqueles que dominam ou pretendem dominar sobre a sociedade, isso é, sobre a classe trabalhadora.⁹⁴

O ESP, conforme Penna salienta, é obra de criação e reprodução de Miguel Nagib, e também da família Bolsonaro⁹⁵. E para além de compor o corolário ideológico do bolsonarismo, o ESP também ilustra que o golpismo de 2016 tem relação de proximidade com o bolsonarismo em muitas de suas pautas. Como por exemplo, no caso do ministro da educação de Michel Temer, o “Mendoncinha”, que já se mostrava alinhado ao ESP e já tentava aparelhar o MEC para interferir em questões caras para a educação brasileira desde o golpe de 2016.

Esse episódio envolvendo ameaças de morte à professora Débora Diniz da UNB (a quem me solidarizo) é um escândalo político que infelizmente confirma o fortalecimento dessa tendência fascizante na crise brasileira. Há evidentemente uma escalada neofascista que, como no fascismo histórico, só tem condições de prosperar pela cobertura dada pelas instituições estatais. O aparelho de repressão do Estado, das polícias a parcelas significativas do aparelho de Justiça são coniventes com a escalada dessas manifestações fascistas.

Que essa ameaça seja com uma professora da UNB é sintomático. Não foi também há pouco tempo que do próprio MEC tentou-se censurar uma disciplina de um professor da mesma UNB, através de uma declaração do próprio ministro da Educação, que se valeu dos argumentos obscurantistas do tal projeto/movimento “Escola Sem Partido”? Não sendo propriamente “Mendoncinha” um fascista, sua ação no aparelho de Estado dá vida a este.⁹⁶

Desse trecho várias coisas ficam evidentes como o elo de ligação do bolsonarismo com o governo golpista de Temer, a anuência das instituições burguesas de Estado com a ascensão de elementos fascistas no âmbito da educação, bem como a própria ofensiva de ameaça de morte contra uma educadora em plena democracia. Sintomático, conforme destacou o autor Demian Mello, lembrando o caso de a ameaça vir logo de um nicho da educação no qual o ministro da educação já havia lançado ataques, e por isso também a ideia de uma “onda”, pois é exatamente assim que aconteceu, uma onda obscurantista que veio tentando varrer tudo possível dentro da

⁹⁴ Não é por acaso que o movimento estudantil fora um dos pilares de contestação da própria ditadura empresarial-militar brasileira. Assim como após os golpes de 1964 e 2016, pouco tempo depois a classe dominante efetuou alterações sensíveis de currículo. Como a reforma educacional de 1971 e a BNCC mais recente.

⁹⁵ PENNA, Fernando. Programa “Escola Sem Partido”: Uma ameaça à educação emancipadora. In: Org: MONTEIRO, A. M., GABRIEL, C. T., MARCUS, Martins. **Narrativas do Rio de Janeiro nas Aulas de História** – São Paulo: Mauad, 2016. p. 43-45.

⁹⁶ MELLO, Demian. Onda conservadora, fascismo e Escola Sem Partido. **Professorescontraoesp**. 20/07/2018. Disponível em: <https://professorescontraoescolasempartido.wordpress.com/2018/07/20/onda-conservadora-fascismo-e-escola-sem-partido/>. Acesso em: 08/11/2022.

educação. Não se tratava da tentativa de uma reforma educacional simplesmente, se tratava também de destruição. E foi, desde a ditadura, o ataque mais perigoso que a educação brasileira recebeu.

1.5.6 Milícia e militarismo.

A milícia, e o militarismo no geral, isto é, Forças armadas, polícias militares, e também as polícias federal e civil, encontram no bolsonarismo um elo de ligação que os coloca dentro de um *modus operandi* calcado pela violência e pela corrupção, e esse “elo das armas” consegue ser efetivo para a sustentação do bolsonarismo que se utiliza da simbologia da ordem através da força como um dos principais fatores de mobilização de sua massa.

Do lado das milícias, o principal nome vinculado ao bolsonarismo é o de Fabrício Queiroz, conforme destaca o autor Bruno Paes Manso,

Como Jair vivia em Brasília, a aproximação com os grupos de policiais e paramilitares do Rio se deu por meio do sargento Fabrício Queiroz, ex-colega de Bolsonaro no Exército e linha de frente do 18o Batalhão. Queiroz era cria da Praça Seca, em Jacarepaguá, e participava dos conflitos policiais com os integrantes do tráfico na Cidade de Deus, que sempre rendeu arrego, armas e uma ampla diversidade de receitas. Em 2003, Queiroz conheceu Adriano da Nóbrega, com quem atuou num homicídio na Cidade de Deus.

A participação de policiais do 18o foi fundamental para que as milícias se espalhassem por Jacarepaguá, Recreio e Barra, principalmente depois de 2002, reinventando o modelo de Rio das Pedras. Queiroz era o principal articulador da base de aliados bolsonarista no meio paramilitar. Quando atuava na polícia, a pedido de Jair ele foi cabo eleitoral de Flávio, que, com 22 anos, ia concorrer ao Parlamento estadual. Queiroz levou o garotão imberbe e criado na Tijuca para pedir votos nos batalhões policiais. Anos depois também ajudou a indicar nomes a serem homenageados por Flávio no Parlamento — o capitão Adriano, suspeito de diversos assassinatos, foi um condecorado recorrente. Em 2007, Flávio contratou Queiroz para trabalhar em seu gabinete e, quatro meses depois, levou para lá a mulher do capitão Adriano. Em 2016, foi a vez de a mãe de Adriano ser contratada por Flávio, para atuar também em seu gabinete. Em 2018, o Ministério Público do Rio apontou Fabrício Queiroz como articulador das rachadinhas (apropriação de parte dos salários destinados aos funcionários do gabinete) no gabinete de Flávio. De acordo com as investigações do MP, o esquema foi criado no ano em que Queiroz começou a trabalhar para Flávio.⁹⁷

⁹⁷ MANSO, Bruno. **A república das milícias**: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro. São Paulo: Todavia. 2020. p. 272 -273.

A ligação entre a família Bolsonaro e a milícia se mostrou bastante evidente e harmoniosa, o bolsonarismo ampliava e solidificava seus votos em áreas controladas por milicianos, recebia apoio ainda maior do meio da polícia militar, e em troca cedia espaço e estrutura parlamentar para efetuar os esquemas das “rachadinhas”. Para além disso, Bolsonaro se qualificava como o candidato ideal para representar os interesses da milícia, e não por acaso um dos motes de sua campanha girava justamente pela promessa de facilitação das leis relacionadas a armamentos em solo brasileiro.

Não obstante, embora aparentemente pudesse haver algum tipo de incompatibilidade entre milícia e forças armadas, fato é que em conformidade com a ideologia bolsonarista, ao menos no sentido da violência contra representantes da esquerda, tanto Exército como milícia pareciam concordar, ainda que fosse uma concordância dissimulada.

O assassinato de Marielle Franco e de Anderson Gomes ocorreu em meio ao mal-estar criado entre Temer e os militares linha-dura. O duplo homicídio era uma evidente afronta ao governo federal e ao Exército no Rio, mesmo assim foi tratado de forma pusilânime pelos comandantes da intervenção. Os generais deram declarações protocolares, sem sequer esboçar empenho para pegar os assassinos. Houve também a percepção incômoda de que os militares concordavam com muito do que havia sido dito nos dias seguintes ao crime com o objetivo de minimizá-lo.⁹⁸

Embora o assassinato de Marielle tenha ocorrido durante o governo golpista de Michel Temer, o meio militar já sabia das relações que a milícia ligada a família Bolsonaro tinha em relação ao caso do assassinato, mas mesmo assim não se importou em compor um governo cujas relações com organizações milicianas se expunham para qualquer um que quisesse ver.

Contudo, se de um lado o bolsonarismo se apoiava na violência e corrupção das milícias, do outro se apoiava no “Braço forte - Mão amiga”⁹⁹, do Exército brasileiro.

Como nos apresenta Manso, Jair Bolsonaro condensava para o meio militar uma espécie de representante do incomodo dos porões da ditadura de 1964.

Durante o processo de redemocratização, muitos militares que participaram dos confrontos se ressentiram com as críticas de que foram alvo. Entendiam a volta da democracia como um retrocesso, como um espaço para que esquerdistas tomassem o poder, justamente o grupo que militares e policiais haviam se dedicado tanto a combater. Bolsonaro tirou do armário esse ressentimento e faria dele o mote de sua carreira política, como se fosse um

⁹⁸ Idem, p. 284.

⁹⁹ Slogan do Exército brasileiro.

infiltrado com a missão de sabotar o sistema que se formava na Nova República. Seu incômodo começou a se manifestar ainda no Exército, quando ele era um oficial, em meados dos anos 1980.¹⁰⁰

A relação de Bolsonaro com os militares apesar de conflituosa ao longo de sua própria carreira militar, expressa uma série de concordâncias e inspirações para a vida e defesa ideológica de Bolsonaro.

Assim, como aponta Manso, um dos nomes de maior relevância e referência para Bolsonaro foi do ex-coronel Brilhante Ustra, um dos principais nomes da tortura dos porões da ditadura¹⁰¹. Cujas defesas ideológicas se assemelhavam bastante à própria defesa ideológica de outro dos pilares “intelectuais” do bolsonarismo, o autor Olavo de Carvalho, falecido durante o governo Bolsonaro. Carvalho e Ustra carregavam em seu pensamento muito da doutrina anticomunista relacionada a teorias da conspiração de um suposto plano mirabolante das esquerdas para dominar culturalmente a sociedade.

Na segunda frente, o ex-chefe do DOI coordenava e escrevia livros. Seu primeiro projeto recebeu o nome de Orvil (“livro” escrito ao contrário), que pretendeu ser uma resposta ao Brasil: nunca mais. O Orvil foi um produto coletivo feito pelos integrantes da seção de informações do Exército, iniciado em 1985 a pedido do ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves. Os autores narravam as ofensivas dos comunistas para tomar o poder no Brasil, desde a criação do Partido Comunista no país, em 1922, passando pela Intentona, em 1935, até a luta armada pós-1964. A quarta e mais recente tentativa, dizia o livro, estava em pleno vigor na Nova República. E seria a mais perigosa, porque não ocorreria pela força, e sim pelo controle das instituições culturais, com os comunistas assumindo postos em escolas, universidades, jornais, nas burocracias do governo. O livro foi finalizado em 1987 com quase mil páginas, mas teve sua publicação vetada por Leônidas. Cópias do original passaram a circular de mão em mão entre a irmandade de militares inconformados, com toda a fúria das teorias da conspiração compreendidas apenas por alguns poucos iluminados.¹⁰²

E dentro da mesma lógica ideológica de Ustra, Carvalho acreditava na utilização da força como forma de resolução dessa “guerra cultural”. Mas, apesar da evidente irracionalidade de seu pensamento, sendo motivo de chacota por muitos, Carvalho sabia bem como instruir e

¹⁰⁰ MANSO, Bruno. **A república das milícias: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia. 2020. p. 258.

¹⁰¹ Idem, p. 263.

¹⁰² Idem, p. 266.

aguçar o lado mais violento do bolsonarismo, como na ocasião, que além de ter relativizado publicamente os crimes de tortura durante a ditadura, Carvalho sustentava que,

Em suas redes sociais, espaço hoje mais influente na comparação com as páginas de opinião de um grande jornal, Carvalho defendeu que a vitória de Bolsonaro representa “não só uma derrota” para os “representantes do atual esquema de poder”, mas “sua total destruição enquanto grupos, enquanto organizações e enquanto indivíduos”. “Eles não estão lutando pelo poder nem para vencer uma eleição, estão lutando pela sobrevivência política, social, econômica e até física”.¹⁰³

Em tom de ameaça, bastante similar a defesa fascista de eliminação física das oposições ao regime, Carvalho inflava as hordas bolsonaristas sugerindo a criação de um movimento organizado em prol de um enfrentamento físico, em outras palavras, a criação de um partido paramilitar para imposição e manutenção do bolsonarismo através da força. “Notem bem - escreveu Olavo --, eu não disse militância conservadora nem militância liberal. A política não é uma luta de ideias, é uma luta de pessoas e grupos”.¹⁰⁴

Contudo, a ideia de associar o olavismo e seu peso sobre o bolsonarismo ao presente segmento das *milícias e militarismo* se deu pela necessidade de se refletir algumas contradições do próprio bolsonarismo que nos ajudam a elucidar o grau de nervura que o olavismo teve e tem dentro do bolsonarismo. A “ala ideológica”, fortemente centrada no olavismo, se mostrou ser uma ala ainda mais radical que a própria “ala militar” do bolsonarismo, e ironicamente uma ala com anseios mais militarizados que os próprios militares. O que gerou inclusive disputas internas pelo poder dentro do governo Bolsonaro, conforme mostra a seguinte matéria abordando a disputa por cargos entre olavistas e militares e pelo tom maior ou menor de radicalidade do governo:

Além de convencerem Bolsonaro a suavizar o discurso, eles atraíram o centrão, hoje com mais de 300 cargos na burocracia estatal, e usaram o Diário Oficial para reduzir o radicalismo do governo. As nomeações de radicais, mesmo para cargos de escalões inferiores, passaram a ser sistematicamente barradas na Casa Civil. No dia seguinte, o responsável pela indicação recebia um telefonema do Planalto. O interlocutor justificava o veto com alguma razão técnica, mas imediatamente sugeria um substituto com currículo mais vistoso,

¹⁰³ **CARTACAPITAL**. Da relativização da tortura à ‘destruição’ da oposição a Bolsonaro. 15/10/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/da-relativizacao-da-tortura-a-destruicao-de-quem-se-opoe-a-bolsonaro/>. Acesso em: 17/11/2022.

¹⁰⁴ **NOGUEIRA, M. A.** O nome disso é fascismo. **Marcoanogueira.pro**. 17/09/2019. Disponível em: <https://marcoanogueira.pro/o-nome-disso-e-fascismo/>. Acesso em: 17/11/2022.

na maioria das vezes algum militar. Dessa forma, os generais ampliaram sua base na Esplanada ao mesmo tempo em que minaram o território inimigo.¹⁰⁵

Desse modo, o pensamento ideológico do olavismo reproduzido nas fileiras bolsonaristas carregava em nosso entendimento elementos de luta política bastante similares aos empregados por fascistas ao longo da história. A inspiração se não totalmente clara e declarada, parece bastante evidente, e toda virulência e violência do pensamento olavista não pode ser interpretado enquanto circo ou distração, uma vez que as rusgas entre olavistas, a ala militar e a própria família Bolsonaro, ocorria sobretudo por Carvalho entender que era preciso avançar na radicalização, ir além dos limites da democracia burguesa, e se impor pela força pois assim conforme ele e Ustra pensavam, se tratava de uma guerra contra uma esquerda que supostamente havia se infiltrado em campos estratégicos da república brasileira, travando uma “guerra cultural”, e era preciso reconduzir a luta para o terreno da força material, onde eles tinham melhores condições de alcançar a vitória.

1.6 Temer e Bolsonaro.

Outro ponto importante a ser mencionado versa sobre as continuidades na estruturação política brasileira mais recente, isto é, o fio de continuísmo que existiu entre a agenda golpista de Michel Temer e a agenda autoritária de Jair Bolsonaro. Existiu uma ligação orgânica entre as pautas defendidas por Temer que foram aprofundadas pelo bolsonarismo.

No governo Temer, um outro fato histórico chama a atenção para o objetivo de Etchegoyen concretizado. Pela primeira vez desde sua criação, o Ministério da Defesa passou a ter como titular um militar. A criação da pasta, prevista na Constituição de 1988, só chegou a ser efetivada em 1999, no segundo governo de Fernando Henrique Cardoso. Tratava-se de mais uma etapa no processo de redemocratização, simbolizando justamente a supremacia do poder civil sobre o militar, o que ganhou outra conotação quando Temer nomeou para a pasta o general da reserva do Exército Joaquim Silva e Luna.¹⁰⁶

¹⁰⁵ SCHAFFNER, Fábio. Ala ideológica reage à ascensão dos militares no governo Bolsonaro. **GZH**. 21/07/2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/07/ala-ideologica-reage-a-ascensao-dos-militares-no-governo-bolsonaro-ckcv7kogn0022013gxf2zy6jp.html>. Acesso em: 18/11/2022.

¹⁰⁶ FARIA, Glauco. “Temer e Bolsonaro: uma nova versão do ‘grande acordo nacional’?”. **Rede Brasil Atual**. 12/09/2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2021/09/temer-bolsonaro-grande-acordo-nacional/>. Acesso em: 07/06/2022.

A inserção dos militares no cenário político de decisões importantes da República já representava com Temer uma ferida nos princípios da redemocratização, e com Bolsonaro se tornou um padrão, que em vista do seu alto número de militares em pastas chaves do governo, representava uma normatização dessa casta política novamente em posições estratégicas do Estado brasileiro.

Assim, após o golpe de 2016 o governo Temer tratou de pavimentar, ainda que não intencionalmente, o caminho para que o bolsonarismo pudesse se desenvolver posteriormente. Além da presença marcante e problemática de militares, durante o curto, mas caótico período de Temer no poder, como ponto de inflexão para maior intensificação da deterioração da democracia brasileira, as reformas também fizeram parte da agenda golpista e tiveram apoio bolsonarista.

O presidente Jair Bolsonaro (PL) defendeu nesta segunda-feira, 10, a reforma trabalhista aprovada em 2017 no governo Michel Temer. A medida tem sido criticada nas redes sociais pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), principal rival do atual chefe do Executivo nas eleições deste ano.

“Os direitos trabalhistas no Brasil estão resguardados no artigo sétimo da Constituição. Nem por emenda constitucional você pode alterar, porque são cláusulas pétreas. Então, a reforma trabalhista do Temer não tirou direitos, ninguém perdeu férias, décimo terceiro salário, hora extra, aviso prévio”, disse Bolsonaro, em entrevista à Jovem Pan.

De acordo com o presidente, a reforma foi a melhor maneira de regular as relações de trabalho e deu “fôlego” à criação de empregos. “Com muitos direitos, você pode não ter emprego”, afirmou Bolsonaro.¹⁰⁷

Tanto Temer como Bolsonaro, visavam a retirada de direitos da classe trabalhadora brasileira, como podemos ver na candente contradição da fala de Bolsonaro, apesar de dizer que a reforma não tirou e nem poderia retirar direitos, logo em seguida sugere que a reforma foi benéfica justamente por alterar regulações concernentes aos direitos do trabalhador.

Não obstante, Bolsonaro também foi favorável a outra medida polêmica e prejudicial ao conjunto da classe trabalhadora efetuada pelo governo Temer.

Em 2016, Jair Bolsonaro votou sim à PEC 241, que congelou as despesas do Governo Federal por 20 anos. A proposta passou a impedir que o presidente ultrapasse o teto de gasto. Na época, o atual chefe do executivo federal era

¹⁰⁷ **INFOMONEY.** Bolsonaro defende reforma trabalhista do governo Temer, alvo de críticas de Lula. 11/01/2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-defende-reforma-trabalhista-do-governo-temer-alvo-de-criticas-de-lula/>. Acesso em: 21/11/2022.

deputado federal pelo Rio de Janeiro. Seu filho, Eduardo, parlamentar por São Paulo, também foi favorável.¹⁰⁸

Não só Temer acabou indiretamente auxiliando no percurso do bolsonarismo, como o próprio Bolsonaro antes disso já havia ajudado Temer a tirar Dilma da presidência votando a favor do assim chamado processo de impeachment em 2016.¹⁰⁹

Desse modo, se as frações de classe ligadas a Temer e Bolsonaro não eram exatamente as mesmas ou aliadas, fica claro que ao menos possuíam pautas em comum, e de uma forma ou de outra todo o processo golpista de 2016, passando pelas medidas do governo Temer, auxiliaram na construção do autoritarismo bolsonarista e todo seu avanço sobre a classe trabalhadora, sendo o bolsonarismo a continuidade histórica do golpe de 2016.

Com base no exposto até aqui, surge uma questão a se pensar para esse período: Os elementos da crise conjuntural na qual o bolsonarismo surgiu habilitaram de fato este enquanto um processo de crise de hegemonia? Se lançarmos mão do entendimento de Gramsci, quanto a natureza de uma crise de autoridade ou de hegemonia, e adaptarmos às características do processo político brasileiro em questão, parece apropriado responder que sim. E dentro dessa mesma lógica que o autor Alvaro Bianchi pensava já em 2015, por ocasião de um colóquio relacionado ao pensamento gramsciano.

Podemos começar afirmando que há uma crise de hegemonia e é isso que caracteriza a política presente. Quando Gramsci fala de crise de hegemonia, ele está pensando fundamentalmente em uma crise de representação. Ou seja, em um distanciamento cada vez maior entre representantes e representados. Nessas situações de crise os partidos que tentam dirigir a vontade coletiva nacional, por razões diversas, deixam de fazer isso. O caso mais evidente é o do Partido dos Trabalhadores. Estabelece-se um fosso entre o Partido dos Trabalhadores, o governo que esse partido dirige e aqueles que diz representar ou que deveria representar. De acordo com a análise de Gramsci, calcada na leitura que Marx fez da ascensão de Luís Bonaparte ao poder, é justamente nestes períodos de crise de representação que se manifestam as formas mais mórbidas da política, que emergem alternativas diversas, das mais polarizadas e estranhas e o choque entre os diversos partidos e entre as diferentes frações políticas e sociais se manifesta cotidianamente. É aquilo que vemos hoje no dia-dia da política, abrindo inclusive a possibilidade de que indivíduos, partidos ou mesmo instituições estatais até então absolutamente marginais na

¹⁰⁸ LOPES, Naian. Bolsonaro votou e defendeu o teto de gastos quando era deputado. **DCM**. 20/10/2021. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/bolsonaro-defendeu-teto-de-gasto/>. Acesso em: 21/11/2022.

¹⁰⁹ Vale mencionar que em 2020 o próprio Michel Temer revelou ter votado em Bolsonaro, e se considerando satisfeito com seu voto.

vida nacional apareçam como a alternativa, ou seja, como aqueles que conseguem galvanizar em certo momento a opinião pública e apresentar-se como a direção possível.¹¹⁰

De fato, o bolsonarismo parece ter conseguido galvanizar essa tal opinião pública brasileira, emergindo a partir de uma crise de hegemonia, um momento no qual a classe dominante fracassou com a empreitada da conciliação de classes, e ao mesmo tempo as massas, ainda que ao seu modo desorganizado, saíram de seu papel de passividade e passaram a atividade e agitação política, fruto da insatisfação com os rumos dessa aliança política contraditória e inconciliável.¹¹¹ Os representados passaram então a questionar a autoridade e legitimidade dos representantes. E foi precisamente dessa brecha histórica que se abriu um leque de possibilidades políticas que o bolsonarismo conseguiu se sobressair diante dos demais grupos ideológicos que disputavam os rumos da hegemonia do país.

E para o autor Nicos Poulantzas, a crise de hegemonia, expressa no momento em que há instabilidade hegemônica, crise ideológica com disputas entre as frações de classe no bloco no poder, em meio à crise dos representantes-representados, acompanhada também de uma crise econômica, seriam alguns dos ingredientes do que ele chamou de “processo de fascistização”.¹¹² E no decorrer dessa pesquisa observaremos um pouco mais quais os limites e possibilidades que o bolsonarismo e as características próprias da realidade brasileira possuíam para consolidar ou não esse processo de fascistização.

¹¹⁰ BIANCHI, Alavaro. Revolução passiva e crise de hegemonia no Brasil contemporâneo. **Revista Outubro**, n. 28, abril de 2017. p. 33-34. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/04/02_Bianchi_2017.pdf. Acesso em: 05/01/2023.

¹¹¹ GRAMSCI, A. Caderno 13, Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. In: **Cadernos do Cárcere**, vol. 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

¹¹² POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura**. Santa Catarina: Enunciado e Publicações, 2021. p.77-96.

2 CONJUNTURA DAS ELEIÇÕES 2018.

Entender as manobras e táticas eleitoreiras de Bolsonaro ajuda a compreender a emergência do bolsonarismo enquanto ideologia concorrente do jogo político brasileiro. E o período das eleições em 2018 se mostra bastante rico para análises mais aprofundadas do fenômeno bolsonarista.

Dessa maneira, faz-se necessário identificar as táticas empregadas por Bolsonaro para angariar eleitores, passando pela sua construção difusa e multifacetada enquanto candidato, sua relação bastante intensa com o uso das *fake News* e as lógicas psicológicas por trás de seu sucesso, bem como da própria metamorfose sofrida de eleitores lulistas que acabaram por migrar de ala política e ideológica e se tornarem defensores árdus do bolsonarismo. Tamanha problemática de contradições nos oferece chaves para alcançarmos um melhor entendimento do bolsonarismo e toda movimentação que levou Bolsonaro, candidato de extrema-direita, a presidência do Brasil.

2.1 Um Bolsonaro para cada eleitor.

Um elemento que fica bastante claro aos olhos de quem analisa o bolsonarismo, é o das várias facetas que ele consegue ter para cada nicho específico da sociedade, e esse todo de incoerência e contradição foi estudado pela autora Isabela Kalil, que em sua pesquisa nos mostra que conseguiu mapear pelo menos 16 perfis de bolsonaristas compondo a massa dos eleitores e seguidores do bolsonarismo.¹¹³ São eles:

OS ELEITORES DE BOLSONARO

Dezesseis perfis emergiram de pesquisa de dois anos em protestos de extrema direita em São Paulo. Abaixo, o que anseia cada grupo, segundo as palavras deles próprios.

1. PESSOAS DE BEM

Homens e mulheres acima de 35 anos

Buscam fim da impunidade e instituições fortalecidas

¹¹³ No entanto, faz-se importante pontuar que as várias facetas do bolsonarismo não foram forjadas somente no período eleitoral. Na verdade, antes mesmo de sua campanha eleitoral o bolsonarismo já se desenvolvia de modo camaleônico no seio da sociedade. O que muda durante a campanha é a intensificação que isso assume.

2. MASCULINOS VIRIS

Homens de 20 a 35 anos

Buscam armas para fazer justiça com as próprias mãos

3. NERDS, GAMERS, HACKERS, HATERS

Homens de 16 a 34 anos

Buscam excluir mulheres, gays e negros de produtos pop

4. MILITARES E EX-MILITARES

Homens e mulheres com carreira militar

Buscam guerra às drogas como forma de combate à criminalidade

5. BOLSOGATAS

Mulheres de 20 a 30 anos e de classe média e alta

Buscam sucesso individual e combate à corrupção e à violência

6. MÃES DE DIREITA

Mulheres de 30 a 50 anos e de classe média baixa

Buscam proteção às crianças contra o kit gay e a doutrinação marxista

7. HOMOSSEXUAIS CONSERVADORES

Homens gays de 20 a 40 anos

Buscam combate à corrupção e extermínio de bandidos

8. ÉTNICOS DE DIREITA

Negros, indígenas, orientais e imigrantes

Buscam autonomia política e fim do vitimismo

9. ESTUDANTES PELA LIBERDADE

De 14 a 30 anos, de escolas e faculdades públicas e privadas

Buscam o fim da doutrinação marxista e das cotas

10. PERIFÉRICOS DE DIREITA

Moradores de periferia, trabalhadores, autônomos e desempregados

Buscam segurança pública e menos intervenção do Estado na vida íntima (para eles, “Estado mínimo”)

11. MERITOCRATAS

De classe média alta e alto nível de escolarização

Buscam combate à corrupção e ao modelo econômico do PT

12. INFLUENCIADORES DIGITAIS

Produtores de conteúdo para redes sociais

Buscam salvar o Brasil do risco de uma ditadura de esquerda

13. LÍDERES RELIGIOSOS

Padres, pastores, missionários

Buscam proteção a valores de família e combate à ideologia de gênero

14. FIÉIS RELIGIOSOS

Evangélicos, católicos, espíritas, judeus

Buscam proteção a valores de família contra a ditadura gayzista

15. MONARQUISTAS

Provenientes do Rio e de São Paulo, fãs da família real

Buscam manutenção da ordem e combate à teologia da libertação

16. ISENTOS

Evitam discutir política com conhecidos para não causar desavenças

Buscam combate ao sistema, ao PT e à corrupção, vista não só como roubar dinheiro, mas como questão de valores.¹¹⁴

Dessa distribuição fica claro que o bolsonarismo sabia exatamente o que estava fazendo ao buscar flertar com diversos setores da sociedade com o intuito de ampliar ao máximo possível sua influência no seio da sociedade, conseguindo apoio até mesmo de parcelas de um

¹¹⁴ A presente distribuição resumida dos 16 perfis foi feita pela autora FREITAS, Carolina. Apoiadores de Bolsonaro enxergam diferentes versões do candidato. **Valor Econômico**. 27/10/2018. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/10/27/apoiadores-de-bolsonaro-enxergam-diferentes-versoes-do-candidato.ghtml>. Acesso em: 18/10/2022. Mas com base na pesquisa da autora KALIL, Isabela. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. **FESPSP**. Out. 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>. Acesso em: 18/10/2022.

dos seus principais alvos de ataques, como no caso de homossexuais por exemplo, neste caso, homossexuais conservadores.

É interessante destacar que tais eleitores não necessariamente se misturam em seus cotidianos, assim como possuem referências distintas de vida, mas que ainda assim o bolsonarismo conseguiu contornar tudo isso com seus vários discursos direcionados a cada grupo, em cada ocasião específica.

Não obstante, entendemos que toda essa estratégia discursiva tratou-se de parte de um movimento mais amplo voltado para a construção de uma nova hegemonia burguesa para a sociedade brasileira, dotada de uma ideologia difusa e de forte presença de elementos fascistas e de outros elementos da direita e do conservadorismo nacional. Bem como de elementos que o bolsonarismo tratou de ir buscar fora do país.

Por fim, a investigação estabelece algumas correlações com a campanha de Donald Trump, nos Estados Unidos. Este paralelo se justifica tanto pelas alusões do candidato brasileiro ao presidente americano, quanto pelo fato da família Bolsonaro ter estabelecido uma proximidade com assessores da campanha de Trump, como o caso de Steve Bannon, fato amplamente divulgado por um dos filhos do candidato, Eduardo Bolsonaro. A perspectiva aqui defendida é a de que embora a cultura, contexto e dinâmica política nacional tenha muitas especificidades, o candidato brasileiro tem seguido uma estratégia de comunicação muito similar ao presidente americano, especialmente por segmentar sua campanha em diferentes perfis de eleitores usando técnicas de *microtargeting* e *profiling*.¹¹⁵

Todavia, no ano de 2015, por exemplo, com o bolsonarismo ainda começando a dar seus primeiros passos em direção a algo mais amplo, não era só a bipolarização política que pairava sobre o Brasil, e assim a imagem abaixo também foi fruto de disputas nas redes sociais para saber se o vestido era preto e azul ou branco e dourado:

¹¹⁵ KALIL, Isabela. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. **FESPSP**. Out. 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>. Acesso em: 18/10/2022. p.6-7.

Figura 3: Azul e preto ou branco e dourado? Vestido polêmico 'quebra' a internet.



Fonte: página do site G1 da Globo.¹¹⁶

Pegando emprestado o meme, parece ser um excelente recurso didático para compreendermos o que a antropóloga Isabela Kalil argumenta em seu trabalho acerca do bolsonarismo, uma vez que o bolsonarismo funciona da mesma maneira para seus apoiadores. Cada grupo de apoio listado pela autora enxerga um Bolsonaro de cada cor, e isso depende tanto das referências que determinados sujeitos dispõem em seus contextos sociais, como da própria estratégia política de Jair Bolsonaro, que optou por moldar seu discurso da maneira que lhe convinha a partir de vários espaços diferentes.

Contudo, se podemos afirmar algo com certeza é que existe uma resposta para ambas as situações, no primeiro caso a cor verdadeira do vestido é preta e azul, no segundo, concretamente falando só existe um único Bolsonaro real, e é sem dúvidas um inimigo da classe trabalhadora.

Mas, é preciso entender o porquê de tamanha confusão. No primeiro caso se dá em função de questões de ordem neurológica, posto que está relacionado com a forma que nossos cérebros conseguem interpretar a luz, como também de acordo com os dispositivos em que vemos a imagem, que podem incidir com alterações de cor dependendo de sua tecnologia. No segundo, que nos interessa de verdade, está ligado a uma série de elementos de um movimento de construção de uma dada hegemonia que age de forma deliberada no seio da sociedade com

¹¹⁶ **G1.** Azul e preto ou branco e dourado? Vestido polêmico 'quebra' a internet. 27/02/2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/02/azul-e-preto-ou-branco-e-dourado-vestido-polemico-quebra-internet.html>. Acesso em: 19/10/2022.

a intenção de se moldar para cada grupo social de maneira que se torne palatável para um maior contingente possível de pessoas. E isso, conforme veremos durante todo o trabalho, está diretamente ligado a uma série de elementos conjunturais e estruturais que são exaustivamente trabalhados e fortalecidos pelos pilares do bolsonarismo, e apesar da evidente presença de valores e bases arcaicas em seu conjunto, não se pode ignorar o fato de que o bolsonarismo consegue ao mesmo tempo também ser extremamente moderno e sofisticado em sua prática política e ideológica.

E toda essa difusão de elementos poderia fazer algumas pessoas acreditarem ser o bolsonarismo algo distante do fascismo, talvez algo “novo”. No entanto, no próprio fascismo histórico também é possível enxergar essa mistura de elementos e valores como base para a sustentação ideológica fascista. O que ocorre de fato com o bolsonarismo é trazer novos elementos ao corolário da ideologia fascista, e como discutiremos de forma mais detida no terceiro capítulo desse trabalho, não é preciso existir um governo ditatorial aos moldes de uma ditadura fascista italiana ou alemã para podermos discutir fascismo na realidade, pois o fascismo pode ser entendido em várias dimensões, como de: movimento, governo, regime, ideologia, e estamos convencidos que a ideologia e movimento bolsonarista estão repletos de elementos da ordem fascista.

2.2 *Fake News* e *Psicologia de massas* bolsonaristas.

Pode-se argumentar que a mentira sempre fez parte do jogo político das disputas eleitorais no mundo todo. No Brasil, por exemplo, um suposto fantasma do comunismo sempre foi ressuscitado quando convinha para a classe dominante justificar alguma de suas atrocidades políticas, como no caso do famoso plano Cohen em 1937, forjado por Getúlio Vargas para permanecer no poder através de um golpe.¹¹⁷

No entanto, as *fake news* possuem uma diferença tanto qualitativa como quantitativa na atualidade. Quantitativa pelo número expressivo de *fake news* circulando diariamente a cada segundo em função das facilidades que a tecnologia e as redes sociais proporcionam. E qualitativa pela nervura dos conteúdos, uma vez que as *fake news* agem segundo perfis psicológicos de cada grupo social ao qual são direcionadas, sendo estrategicamente pensadas

¹¹⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Imaginário anticomunista. In: _____. **Em guarda contra o “perigo vermelho”:** O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002. p.86-87.

para estimular emoções, anseios, medos, e ou perspectivas e desejos mais íntimos de cada um em relação ao candidato beneficiado pela mentira compartilhada.

Manipulação de medos foi o que a Cambridge Analytica fez na eleição de Donald Trump. Quem disse isso foi Christopher Wylie, aquele nerd que ajudou a municiar a guerrilha trumpista com a criação de um banco psicosocial de dados.

“Nós exploramos o Facebook para colher milhões de perfis de pessoas. E construímos modelos para explorar o que sabíamos sobre eles e direcionar seus demônios interiores. Essa foi a base em que toda a empresa (Cambridge Analytica) foi construída”, disse Wylie no jornal britânico *The Guardian* de 17 de março passado.¹¹⁸

E foi dessa maneira que Bolsonaro conseguiu parte de seu êxito eleitoral durante as eleições de 2018, se utilizando da mesma tática que levou Trump em 2016 a presidência dos EUA. Fato que levou a família Bolsonaro buscar o mesmo nome responsável por tamanha estratégia manipulatória para auxiliar em sua campanha, o norte americano Steve Bannon, embora este tenha admitido no máximo ter cedido apoio informal a campanha bolsonarista.

Nessa perspectiva de manipulação de dados a favor de interesses políticos eleitorais, segundo matéria do jornal eletrônico, Carta Capital, no período próximo das eleições de 2018 houve no Brasil ataques *hackers* roubando dados de usuários do *Facebook*, algo importante para o método da *Cambridge Analytica*, pois o *modus operandi* da CA consistia em roubo de dados de usuários de redes sociais justamente para traçar perfis psicológicos destes usuários e assim poder direcionar as notícias certas para cada grupo de pessoas específico.

A matéria da Carta Capital também sugere que o roubo de dados do *Facebook* no Brasil pode ter tido ligação direta com a evolução das intenções de voto em prol de Jair Bolsonaro e da crescente rejeição ao candidato petista, Fernando Haddad naquela altura. Afinal, o mote das *fake news* versava em manipulações voltadas para difamação do candidato petista e suas supostas intenções “diabólicas”, enquanto que exaltavam o mito de Bolsonaro, o capitão salvador da pátria.

E toda essa manipulação de medos é facilmente encontrada dentre as várias *fake news* compartilhadas durante o período das eleições. Em sua maioria estimulando medos relacionados aos costumes, como as *fake news* do “Kit gay”, “mamadeira de piroca”, “banheiros unissex”. Medos relacionados a religião, como a suposta intenção do PT em fechar igrejas,

¹¹⁸ **CARTA CAPITAL.** As pistas do método ‘Cambridge Analytica’ na campanha de Bolsonaro. 19/10/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/as-pistas-do-metodo-201ccambridge-analytica201d-na-campanha-de-bolsonaro/>. Acesso em: 30/11/2022.

acabar com os valores cristãos e etc. E os medos que não poderiam deixar de aparecer, os do fantasma do comunismo, tendo *fake news* relacionadas a supostos guerrilheiros cubanos, bem como um suposto plano de dominação dos comunistas para destruir o país.

Foram inúmeras *fake news* com sua ampla maioria beneficiando Bolsonaro conforme apurado pelo levantamento do congresso em foco em 2018: “Das 123 *fake news* encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro”¹¹⁹. Que teve até mesmo o luxuoso e criminoso patrocínio de empresários que ajudaram a impulsar mensagens de cunho bolsonarista via redes sociais.¹²⁰

Todavia, tais *fake news* eram combatidas diariamente por alguns órgãos de verificação de notícias falsas, como por exemplo a “Agência Lupa”, “Aos fatos”, e “Fato ou fake”. No entanto, como constatou pesquisa realizada pelo MIT, as *fake news* além de causarem mais impacto que notícias verdadeiras, se espalham 70% mais rápido¹²¹, o que torna o combate já de antemão desvantajoso e difícil em lograr êxito.

Não obstante, se o bolsonarismo não pode e não deve ser entendido e explicado somente por um viés psicológico e até mesmo patológico das massas, tampouco pode ser compreendido em sua completude sem se refletir sobre questões da ordem cognitiva e psíquica que a essência do bolsonarismo possui. Desse modo, é de grande contribuição a obra do autor Rodrigo Seixas, que nos mostra as profundidades de ordem cognitivas que as *fake news* possuem em meio as disputas políticas e ideológicas de um período tão bipolarizado como o dos últimos anos no Brasil.

O que faz um sujeito acreditar ou não em uma informação veiculada nas mídias sociais? Como esse tipo de crença se organiza e funciona? Vivemos em plena época de convicções, de crenças sólidas (mas ainda crenças) em determinadas formas de ver o mundo em detrimento de outras. Não há problema algum nisso. É normal, em todo processo de conhecimento, o descarte de proposições em função de outras mais adequadas para responder a determinados questionamentos. O problema, na verdade, está no fato de que a aceitação ou não da validade de uma proposição deixa de ser uma consequência natural do acesso a melhores informações sobre um

¹¹⁹ MACEDO, Isabella. Das 123 Fake News encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro. **Congresso em foco**. 16/10/2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/>. Acesso em: 30/11/2022.

¹²⁰ CARTA CAPITAL. As pistas do método ‘Cambridge Analytica’ na campanha de Bolsonaro. 19/10/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/as-pistas-do-metodo-201ccambridge-analytica201d-na-campanha-de-bolsonaro/>. Acesso em: 30/11/2022.

¹²¹ CORREIO BRAZILIENSE. ‘Fake news’ se espalham 70% mais rápido que notícias verdadeiras, diz MIT. 08/03/2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia.664835/fake-news-se-espalam-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml. Acesso em: 30/11/2022.

determinado fenômeno – como acontece frequentemente no processo científico – e passa a ser meramente um ato de identificação com determinada crença; um ato, portanto, axiológico e afetivo. Se creio, logo é verdade. Ora, é bem verdade que se possa crer, naturalmente, por critérios legítimos e razoáveis de probabilidade, em uma determinada forma de ver o mundo e não em outra. Portanto, seria mais correto afirmar que o caso da validação de *fake news* está para além da crença, alcançando o nível do gosto, o que permite reconstruir o intertexto: *Gosto, logo acredito. Acredito, logo é verdade.*¹²²

A frase final nos oferece uma das chaves explicativas do fenômeno das *fake News*, que se tratam em verdade do pessoal, do íntimo e do sentimento dos indivíduos. As pessoas que recebem determinadas *fake news* a recebem justamente por gostarem, por terem proximidade com tais pautas noticiadas, ou por odiarem o que é veiculado. Isto é, de um jeito ou de outro as emoções são fortemente trabalhadas, que levou ao autor Seixas¹²³, entender que as *fake news* ocorrem em meio a uma tendência dos seres humanos em formarem “tribalismos”, que seriam grupos de pessoas que se formam em função de uma série de questões de ordem biológica, cognitiva, social, cultural, etc. Levando também a formação de tribos políticas e morais, com sujeitos que se juntam em função de familiaridade de gostos, convicções, bem como recusas e oposições a determinadas noções de mundo de outras tribos.

Conforme explica Seixas,

Nesse sentido, em termos de *fake news*, duas principais possíveis situações podem ocorrer com os receptores no processo cognitivo-discursivo: 1- Ele recebe e compartilha ou 2- Ele recebe e descarta, criticando o seu recebimento. No caso 1, o agente recebe *fake news* e compartilha, na maior parte das vezes, porque concorda com o que ali está sendo veiculado. Esse processo, como visto anteriormente, tem base nas emoções tribais (identificação afetiva) de um determinado grupo ideológico e na identificação valorativa entre os próprios valores e os valores presentes naquele discurso compartilhado. Trata-se, portanto, de um movimento de *consonância cognitiva*, pelo qual os elementos de cognição dos agentes envolvidos em uma interação discursiva estão em harmonia.

No caso 2, por sua vez, a informação veiculada não está em consonância com os valores e as opiniões do agente. Há, portanto, uma cisão cognitiva clara, uma ruptura, conforme nomeia Angenot (2008), a qual pode gerar um estado de *dissonância cognitiva*. Ocorre dissonância, ressalte-se, quando algumas informações, opiniões e valores estão em desarmonia, o que faz com que o agente tente reestruturar uma situação para que a dissonância não seja percebida, seja reduzida ou mesmo para eliminá-la.

¹²² SEIXAS, Rodrigo. Gosto, logo acredito: O funcionamento cognitivo-argumentativo das Fake News. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 30, n. 59, p. 279-295, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44056>. Acesso em: 29/11/2022. p. 279-280.

¹²³ Idem, p. 284-285.

Destarte, o compartilhamento de notícias falsas segue exatamente a lógica da diminuição da dissonância e, por corolário, espalha a notícia por meio da grande ressonância cognitiva que as redes sociais, sobretudo o *Whatsapp*, permitem. Vale pontuar que, levando em conta a configuração da internet instantânea, as informações atualmente podem ser disseminadas rapidamente, fenômeno comumente reconhecido por *viralização*, o que acaba por beneficiar as *fake news*, causando um certo tipo de efeito manada. Trata-se, em suma, da tendência da quase totalidade de um grupo fortemente tribalizado em seguir um mesmo caminho, uma mesma opinião, uma mesma direção (BRETON, 1999). As *fake news* ecoam, portanto, nas vozes dos diferentes membros do grupo e ressoam, rapidamente, no cenário discursivo de uma determinada sociedade, em determinada época.¹²⁴

E todo esse processo cognitivo envolvendo *fake news*, defesas políticas e ideológicas, da maneira que ocorre na atualidade sendo fortemente ampliada pelas tecnologias de informação podem inclusive colocar democracias em risco¹²⁵. O valor destrutivo das *fake news* e de toda polarização ideológica em meio a isso vem operando contornos dramáticos para as várias democracias mundo a fora.

Porém, como complemento à discussão psicológica das *fake news* em meio ao bolsonarismo levantada por Seixas, o autor Diogo Bogéa, nos mostra como nós seres humanos, somos muito mais suscetíveis às tantas redes afetivas que nos cercam em nossas vidas do que propriamente à racionalidade que acreditamos tanto ser nossa marca registrada enquanto espécie.

Vejam então que nossa lida com as circunstâncias e informações que nos chegam não é primariamente racional. Cada circunstância ou informação já é “de cara” processada e interpretada por essa intrincada rede de marcações efetivas que constroem para nós uma série de ideais sobre “quem ou o que *queremos ser*” e “quem ou o que *não queremos ser*” - computada aí a ambivalência revirante que nos faz frequentemente, na tentativa de nos tornar quem queremos ser, acabarmos agindo justamente de acordo com aquilo que não queremos ser – e vice-versa.

Por isso a argumentação racional parece ter tão pouca força diante do impacto afetivo de uma imagem ou vídeo de *whatsapp* que, caindo na minha rede afetiva, *confirma* todos os meus ideais de vida.¹²⁶

¹²⁴ Idem, p. 292.

¹²⁵ Idem, p. 282.

¹²⁶ BOGÉA, Diogo. **Psicologia do Bolsonarismo**: porque tantas pessoas se curvam ao mito. S. l.: Editora Oficina de Filosofia, 2021. p. 35.

Ou seja, para Bogéa, assim como para Seixas, as *fake news* se inserem dentro de uma “lógica”, menos racional e mais afetiva, na qual cada sujeito, inserido em suas tribos de afinidades resolve acreditar naquilo que *gosta e quer* acreditar.

É interessante pensar que ambos os autores mostram com isso que não só eleitores bolsonaristas estão suscetíveis a acreditar em *fake news*, como também eleitores de esquerda no geral também acabam caindo em determinadas notícias falsas que soem palatáveis para si. A grande questão aqui é que o grosso das *fake news* é direcionada justamente para manipular e estimular os sentimentos e afetividades do senso comum da sociedade. Senso comum esse calcado nas referências hegemônicas tensionadas pela forte influência da ideologia dominante vigente. Ou seja, se bolsonaristas são mais acometidas por tais notícias falsas isso pode ser explicado porque os valores socialmente defendidos por eles no geral se assemelham ao que impera no senso comum, e se o senso comum é de modo geral racista, homofóbico, machista, e afins, e as *fake news* tensionam ao extremo tais pautas, pessoas inseridas no espectro ideológico bolsonarista acabam por ser mais atingidas por elas.

Fato é que acreditar ou não em *fake news* está longe de ser uma questão puramente racional, de se ser mais ou menos ignorante simplesmente.

Isso explica porque pessoas com uma tão sólida formação universitária – de base iluminista-racional-científica – abraçam com total confiança a *fake news* mais tosca que receberam no grupo do trabalho ou da família no *whatsapp*. É o que o *poder* das redes afetivas, dos desejos e das fantasias é muito maior do que o limitado poder da articulação racional.¹²⁷

Desse modo, se trata na verdade da visão de mundo distinta que ambos os grupos em disputa na sociedade possuem. A referência de mundo que apetece o defensor bolsonarista está calcada na manutenção e extensão dos privilégios e preconceitos sociais, e por isso a questão das *fake news* é bem mais profunda do que parece ser, uma vez que se a analisarmos mais detidamente encontraremos um fosso bem fundo de toda a problemática que envolve o fenômeno bolsonarista, mas também as próprias estruturas que sustentam o capitalismo.

Não obstante, em nosso raciocínio, o combate efetivo das *fake news* passa *necessariamente* pela mudança dos valores hegemônicos presentes no senso comum da sociedade. E, portanto, tal mudança exige que o capitalismo e todo arcaísmo que o retroalimenta seja destruído mediante uma revolução social. E que dessa revolução novas referências sejam

¹²⁷ Idem, p. 36.

trabalhadas para as massas com novos valores, nova cultura, novas formas de entendimento do homem e de sua relação com o outro. Pois, de outro modo o máximo que se pode fazer para combater as *fake news* está em medidas de combate aos mecanismos de circulação e impulsionamento das mesmas. Que dependem da boa vontade de grandes bilionários responsáveis pelas principais redes sociais digitais do mundo, e ou de políticos que pressionem dentro de manobras possíveis para que tais bilionários façam algo quanto ao problema. Mas, mesmo assim, não passam de medidas paliativas que não tem poder real de solução da questão, uma vez que a nervura que faz as *fake news* terem tanto poder continua sólida dentro da própria sociedade capitalista.

2.3 Do Lulismo ao Bolsonarismo. A “metamorfose”.

Existem alguns elementos de flerte e migração do lulismo para o bolsonarismo, o que ilustra bem o nível de contradição da realidade política e ideológica brasileira. Sendo assim, acreditamos ser interessante tratar um pouco dessa migração, ou mutação, de parte do eleitorado lulista para o bolsonarista.

Começando por figuras envolvidas no cenário político brasileiro com passado recente intimamente ligado ao petismo e ao lulismo que acabaram por se deslocar para o campo bolsonarista. São os casos do bispo da Igreja Universal, Marcelo Crivella, ex-ministro da pesca do governo Dilma; Tarcísio Freitas, lançado na política no governo Dilma, foi integrante do governo Bolsonaro como Ministro da Infraestrutura, e recentemente, após decisivo apoio bolsonarista nas eleições de 2022, assumiu como governador eleito do Estado de São Paulo¹²⁸; Edir Macedo, figurinha carimbada em todo governo vitorioso, já apoiou FHC, apoiou Lula, Dilma, Temer, e com Bolsonaro não foi diferente¹²⁹; Valdemar Costa Neto, que já teve aliança a época do governo Lula:

Em 2002, quando Lula se deu conta de que precisaria fazer gestos à direita para ampliar seu eleitorado e conseguir vencer as eleições, foi o mesmo PL que se abre agora a Bolsonaro que ele procurou. O PL de Valdemar era então o partido do empresário José Alencar, que virou vice de Lula. O partido tinha,

¹²⁸ PIRES, Breno. Quem é Tarcísio de Freitas, preferido de Bolsonaro para governador de SP. **Estadão**. 14/01/2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,tarcisio-freitas-governador-sp-bolsonaro,70003950487>. Acesso em: 11/04/2022.

¹²⁹ TOMAZELLI, Lucas. De Lula a Bolsonaro, Edir Macedo e a Universal aumentam seu poder estando sempre perto de quem manda. **Yahoo**. 17/01/2020. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/de-lula-a-bolsonaro-edir-macedo-e-a-universal-vao-na-onda-de-quem-manda-070035709.html>. Acesso em: 11/04/2022.

então, Anderson Adauto no Ministério dos Transportes, que acabou envolvido nas denúncias do mensalão. Valdemar Costa Neto também se envolveu nas mesmas denúncias e chegou a ser condenado pelo Supremo. Anderson Adauto foi substituído no Ministério dos Transportes por Alfredo Nascimento, que também se envolveu em denúncias.¹³⁰

Outro caso é o do antigo garoto propaganda do petismo, o astronauta Marcos Pontes, financiado pelo governo Lula para se transformar no primeiro brasileiro a ir ao espaço, hoje sendo ex-ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações do Governo Jair Bolsonaro.

Não obstante, estas são algumas das ligações entre políticos e personagens ligados a política brasileira que após terem flertado de alguma maneira, em menor ou maior grau com os governos do PT, saíram em defesa do bolsonarismo como se nunca tivessem sido aliados com aqueles que se tornaram alvos de seus ataques. E esse fato ilustra não só uma evidente contradição do próprio bolsonarismo como também demonstra o fisiologismo de alguns grupos políticos que se mantêm na cúpula do poder em diferentes governos, mesmo que precisem ir de um polo ideológico a outro em determinadas ocasiões.

Porém, outro grupo interessante de se perceber tais contradições está presente no cidadão comum que por uma série de motivos e questões acabou optando por migrar do lulismo ao bolsonarismo, conforme aponta no seguinte trecho a autora Consuelo Dieguez:

Alguns dias antes, por volta das onze da noite de 31 de agosto, uma sexta-feira, os ministros do TSE haviam decidido, por seis votos a um, pela rejeição do registro da candidatura de Lula à presidência. Na sessão, a maioria dos ministros também proibiu Lula de fazer campanha como candidato. Estava correndo o prazo de dez dias para que o PT substituísse Lula na chapa quando Bolsonaro foi esfaqueado, roubando o protagonismo que, naquele momento, era para ser de Haddad.

A jornalista Rebeca Ribeiro, que trabalhava na AM4 com o marqueteiro Marcos Carvalho na campanha bolsonarista, contaria depois que, mesmo antes da facada, no momento em que Lula saiu do jogo, a migração de votos do ex-presidente para Bolsonaro foi um efeito visto de imediato em vídeos que a equipe recebia. Muitos desses vídeos vinham do Nordeste. “Diziam ‘se não é para votar no Lula, voto no Bolsonaro’”, lembraria Rebeca.¹³¹

¹³⁰ LAGO, Rudolfo. De Lula a Bolsonaro, assim é Valdemar Costa Neto. **Congresso em foco**. 09/11/2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/de-lula-a-bolsonaro-assim-e-valdemar-costa-neto/>. Acesso em: 11/04/2022.

¹³¹ DIEGUEZ, Consuelo. **O ovo da serpente**: Nova direita e bolsonarismo – Seus bastidores, personagens e a chegada ao poder. São Paulo: Companhia das letras, 2022. p. 242.

É verdade que alguns desses votos podem ter migrado em função de algum tipo de empatia relacionada a “facada” sofrida por Bolsonaro na conjuntura eleitoral. Porém, apesar de uma migração lulista para o bolsonarismo parecer estranha à primeira vista, é o que a autora Esther Solano captou em suas entrevistas e pesquisas relacionadas ao crescimento da extrema-direita em meio as eleições de 2018. Muitos dos entrevistados diziam ter sido lulistas no passado, mas que naquele momento apoiariam o bolsonarismo.

Vários dos entrevistados que proclamam seu voto em Bolsonaro, em 2018, admitiram ter votado no PT durante seus primeiros mandatos. Quando questiono o porquê, a maioria coincide: porque pensavam que Lula seria um líder que mudaria o país, estava perto do povo, era carismático, alguém diferente dos políticos de sempre e porque pensavam que ele não era corrupto, ou seja, argumentos muito parecidos com os colocados, hoje em dia, quando tratam da figura de Bolsonaro: proximidade, carisma e honestidade. Quando questiono a distância ideológica, programática, biográfica dos dois, isso parece não ser levado em consideração. O personagem parece ser mais relevante que o sujeito político. Especialmente interessantes são as falas dos entrevistados, que nasceram ou moram em regiões periféricas de São Paulo. Todos eles coincidem também em se sentirem traídos, enganados pelo PT, principalmente pela questão da corrupção e pelo seu afastamento da população: *pensava que o Lula era honesto e próximo das pessoas. Hoje sei que ele é o maior ladrão de Brasil e agora penso que Bolsonaro é quem de verdade é honesto e próximo das pessoas* (Entrevistado D).¹³²

A resposta desse entrevistado denuncia algo candente entre as massas votantes do Brasil, que é a necessidade de uma espécie de senso de paternalismo, de carisma. A identificação buscada por muitos eleitores é muitas das vezes antes carismática do que política, por isso a aparente contradição de se ir de um lado ao outro do espectro político-ideológico não oferece impedimento algum para o votante. O eleitor brasileiro nem sempre vota em partidos ou projetos políticos e ideológicos, em certas conjunturas acaba votando em figuras paternas que sejam palatáveis para si em algum sentido. E esse paternalismo, ou carisma, tanto Lula como Bolsonaro possuem de sobra, embora ambos a sua maneira.

Entretanto, Solano também conseguiu captar outro elemento interessante e importante de perceber do eleitorado ex-petista, aqueles que saltaram da condição de “pobres” para a condição de “classe média”.

Entrevistada M: Eu não sou mais pobre. Eu subi na vida.

¹³² SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. **FES Brasil**, nº 42, maio de 2018. p. 25. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>> Acesso em: 16/12/2022.

Pesquisadora: E como foi isso? Acha que os programas do governo Lula ou a geração de emprego durante seu governo tiveram algo a ver?

Entrevistada M: (visivelmente incomodada com a pergunta): Não! Teve nada. Teve a ver meu trabalho e o de meu marido, o esforço da gente.

Pesquisadora: A senhora pensa, então, que melhorou de vida por mérito seu e de seu marido?

Entrevistada M: Mas é claro! Por isso não voto mais Lula que só fala em pobre, em pobre, e parece que a gente tem de agradecer alguma coisa. Não. Votei no Dória. Agora não gosto tanto, mas antes gostava. Ele entendia essa coisa da gente vir de baixo e trabalhar e ser alguma coisa na vida.¹³³

Na resposta da entrevistada também surge outro elemento cada vez mais presente no imaginário popular, fruto de intenso trabalho ideológico sobretudo da grande mídia, que é a tal da “meritocracia”¹³⁴. É latente que tal mecanismo oriundo das classes dominantes ocorra primeiro para expropriar direitos da classe trabalhadora no Estado e ampliar a exploração sobre o trabalho, e segundo para permear ideologicamente o conjunto da sociedade, para construir um imaginário social que ratifica os níveis socioeconômicos da sociedade, atribuindo o nível de pobreza como uma “escolha” pessoal de cada um, uma vez que bastaria esforço e mérito individual para ascensão social.

Desse modo, os sujeitos acabam por projetar sua posição socioeconômica num patamar acima do deles próprios, logo, dentro do raciocínio que se faz, para tais sujeitos acometidos por tal lógica, para ascender na vida seria preciso deixar de apoiar um candidato que trabalha para pobres e começar a apoiar aquele que trabalha para a seleta casta de indivíduos que conseguiu ascender economicamente supostamente somente com o esforço de seu próprio suor¹³⁵. E assim a identificação de classe desse sujeito, que embora pertença de fato a classe trabalhadora na maioria dos casos, acaba se direcionando para o imaginário ideológico burguês, que oferece em seu arcabouço discursivo a normatização daquilo que ele aprendeu a acreditar, que é o ideal de cidadão dotado de autonomia, não dependente de políticas assistencialistas do Estado, um cidadão “de bem”, que aspira conquistar riquezas materiais, e que se sente melhor diante de

¹³³ Idem, p. 26.

¹³⁴ Como já vimos também para o caso de religiosos inertes na teologia da prosperidade de igrejas neopetencostais.

¹³⁵ É claro que não se trata aqui de defender que indivíduos não possam aspirar a posições na hierarquia social que signifiquem maior dignidade de vida, nem mesmo entender como menciona a entrevistada, “.. e parece que a gente tem de agradecer alguma coisa”. Não, de fato nenhum trabalhador que conseguiu ascender socialmente durante os governos Lula o deve exclusivamente às políticas de cunho social lulista. Mas, é preciso identificar que em seu discurso existe uma carga do ideário meritocrático que a faz acreditar que sua ascensão social e de qualquer um que tenha sido pobre uma vez na sociedade dependeria única e exclusivamente de seu próprio esforço e vontade. Isso sim se trata de uma inverdade e um problema a ser encarado, pois se trata de um artifício ideológico das classes dominantes que acaba por fomentar uma dada visão de mundo no seio da sociedade que acaba levando muitos trabalhadores a concordar e apoiar políticas de esvaziamento do Estado em tudo se refere a políticas sociais.

seus próprios semelhantes de classe por estar gozando de um mínimo de prestígio econômico a mais. Se torna uma questão simbólica de *status* social, mas ainda que tais sujeitos se busquem e se agrupem, não criam uma nova classe, e sim uma espécie de comunidade mitificada onde compartilham ideais de vida, valores, crenças, e objetivos em comum, e acreditam que por terem melhores condições de vida se encontram numa suposta posição intermediária dentre a hierarquia social vigente.

Porém, essa é só uma parte dos setores que compõem a propalada “classe média”, pois existem também aqueles setores mais frustrados e menos afortunados da pequena burguesia que acabam se misturando aos recém chegados ao que eles acreditam ser o andar “do meio” da hierarquia social, formando assim um extrato social difuso, heterogêneo, complexo, e contraditório por excelência.

Não obstante, tal extrato social acaba por desempenhar um papel importante no seio da sociedade capitalista, seja servindo de massa militante de movimentos autoritários, como o próprio fascismo, seja contribuindo para a manutenção da desigualdade social em prol da defesa da competição e mérito no capitalismo, como aponta o autor, Sávio Cavalcante:

Em outro trabalho (Cavalcante, 2018), busquei desenvolver a forma pela qual a classe média adere ideologicamente aos princípios que fundamentam a operação. O mecanismo, em linhas gerais, deve-se ao fato de que a classe média, para justificar sua condição privilegiada na divisão do trabalho e na estratificação social, apresenta uma disposição estrutural a negar qualquer movimento – seja legal (cotas) ou ilegal (corrupção política) – que pareça contornar as “regras do jogo” na disputa por renda e postos de trabalho social e economicamente valorizados no mercado e no Estado. Como sua reprodução social se efetiva essencialmente por meio do aparelho escolar, formalmente aberto a todas as classes, fomenta-se a ideologia de que a desigualdade social é fruto apenas de um investimento diferencial em termos de esforço para o estudo e habilidades para o indivíduo ter sucesso nos mecanismos de seleção da burocracia de Estado (vestibular e concurso público) ou do mercado.¹³⁶

E segue o autor justificando a adesão do grosso da classe média ao projeto político bolsonarista.

Se a classe média tem um apego fundamental à ideologia meritocrática – o que, aliás, é um fundo importante da rejeição à ascensão social de Lula, operário que, segundo essa ideologia, não poderia se credenciar para governar um país –, como explicar a defesa de um candidato desprovido de credenciais de qualificação educacional ou, ao menos, habilidade de comunicação?

¹³⁶ CAVALCANTE, Sávio. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. **Repositório Unicamp**. 2020. p. 125. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1213732>. Acesso em: 19/12/2022.

Embora pareça tentador dizer que a classe média mente ao professar a ideologia meritocrática, o mecanismo de justificação social é mais complexo. Na prática, a oposição declarada de Bolsonaro a políticas de ação afirmativa ou à noção de direitos em geral já o habilita ao campo de defesa da meritocracia, mesmo que ele não tenha o perfil de um “vencedor”.

Porém, isso ainda é insuficiente. Foi preciso encontrar uma ressignificação do mérito por meio da valorização genérica de um merecimento atrelado a uma ética familiar de esforço em geral. Ao se apresentar como um “homem comum” ou “médio”, um tipo que não é estranho à grande parte das famílias, as posturas e falas inadequadas ao espaço público foram, como nos laços afetivos familiares, normalizadas. A atenção para a diversidade de gênero, sexualidade, racial etc. promovida, em maior ou menor extensão, por políticas sociais, educacionais e culturais no ciclo petista, foi ridicularizada: a denúncia de opressões se tornou “vitimismo” ou “mimimi”. Mérito seria visto naquele que, mesmo numa posição difícil, não exige direitos e/ou políticas afirmativas, se resigna à sua posição e, assim, pode transformar até mesmo o fracasso em virtude moral.¹³⁷

E como complemento ao que destaca o autor, outro ponto merece ser refletido, essa mesma classe média chegou a apoiar outras figuras com perfis (em tese) mais palatáveis e mais qualificados ao seu gosto, como o político Aécio Neves, logo abandonado após fracassar em sua batalha contra o petismo nas eleições de 2014, essa mesma classe média também flertou durante bastante tempo com a figura do “super homem” do à época juiz da Lava-Jato, Sérgio Moro. Porém, foi em Jair Messias Bolsonaro que finalmente encontrou alguém com potencial de expressar e defender suas posições políticas e ideológicas.

E essa ressignificação apontada pelo autor não foi de modo algum um problema para os setores médios bolsonaristas, uma vez que as pautas de defesa da família e de costumes conservadores possuíam tanto ou maior relevância para o imaginário ideológico da classe média, o que explica em parte a adesão quase que doentia pela persona de Bolsonaro pois este condensava todos os elementos que o grosso dos setores médios da sociedade julgava essencial para promover a manutenção dos valores de sua casta e o arrefecimento dos valores crescentes dos “inimigos” progressistas da sociedade.

2.4 Violência e agitação política com leniência da mídia e instituições da república (STF).

¹³⁷ Idem, p. 126-127.

Em um texto curto, porém preciso, a autora Esther Solano¹³⁸, traça parte da construção histórica do Brasil no período de 2014-2017, no qual o bolsonarismo conseguiu usufruir o máximo quanto possível. Segundo dados da autora que apurou grupos de direita nas redes sociais, desde 2014 foram criando-se pautas de defesa direitista que englobavam questões de ordem policialesca, de corrupção, e questões morais. Dessa construção, que teve forte auxílio de medidas jurídicas, bem como midiáticas, criou-se a figura de que a autora chamou de “o inimigo”, que seria todo e qualquer sujeito que se afastasse de alguma forma do ideal do “homem de bem” pretendido pelos cidadãos moralistas direitistas da sociedade.

Do texto da autora é possível inferir uma dada evolução do pensamento conservador de direita, que após englobar todas as pautas citadas acima como parte de uma agenda de lutas pela “salvação” da sociedade brasileira, chegaram até o ponto da “antipolítica”, uma espécie de descrença generalizada direcionada sobretudo aos partidos políticos tradicionais da República. Tendo o PT como o símbolo maior da deterioração do país. Bem como a Globo e o próprio STF, que como aponta Solano, seriam entendidos por esses atores políticos de direita, insatisfeitos com a política brasileira, como fazendo parte do sistema corrupto e imoral do Estado brasileiro.

Fato é que todo esse percurso tortuoso intensificado após o pleito de 2014, com tais ideias de supostos inimigos da nação, assim como vários outros elementos que já tratamos, acabou resultando numa conjuntura extremamente hostil e instável para as eleições de 2018.

De 2014 até 2018 vimos as campanhas em prol do impeachment da ex-presidente Dilma; as manifestações oriundas das contradições das Olimpíadas de 2016 no país; o golpe de 2016 com a chancela tanto da mídia hegemônica, como do judiciário; e em paralelo a todo esse processo, o lavajatismo golpista liderado pela figura do juiz Sérgio Moro, que concretizou as ambições dos golpistas de 2016 ao prender Lula em 2018 num processo jurídico que depois se mostrou fraudulento, ficando claro que o principal objetivo morista não era jurídico, e sim político e ideológico, em assegurar a vitória política de Jair Bolsonaro.

Portanto, em um curto espaço de tempo não faltaram elementos de instabilidade e crise para a configuração do Estado brasileiro. Como já mencionado, tivemos nesse período uma crise de hegemonia, e estas foram as condições materiais nas quais as eleições de 2018 se desdobraram.

¹³⁸ SOLANO, Esther. Quem é o inimigo? Retóricas de inimizade nas redes sociais no período 2014-2017. In: PINHEIRO-MACHADO, R.; FREIXO, A. de (Org.). **Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

O período das eleições de 2018 nos revelou parte do que o bolsonarismo era capaz e sua potencialidade enquanto ideologia violenta. No período eleitoral de uma disputa nada democrática e muito menos pacífica, aconteceram inúmeros episódios de violência, precisamente direcionadas aos alvos preferidos do bolsonarismo, como negros, mulheres, LGBTs, e petistas num geral. Era claro que a disputa eleitoral tinha contornos não só de disputa partidária e ou de ideias, como também de corpos e horizontes possíveis de civilização. Pessoas foram mortas durante as eleições simplesmente por discordarem e se oporem a mitologia bolsonarista.

“Foi, sim, a eleição mais violenta, tanto na ideologia quanto entre eleitores. E não só desconhecidos, mas familiares, amigos”, diz Beatriz Pedreira, 32, cientista social e cofundadora do instituto Update.

Ela realça o que vê como um fator de agravamento: a recessão que precedeu o pleito.

O site Vítimas da Intolerância, das ONGs Open Knowledge Brasil, Brasil.IO e Agência Pública de jornalismo, totalizou quase 60 ocorrências ligadas às eleições, incluindo 36 homicídios e agressões.

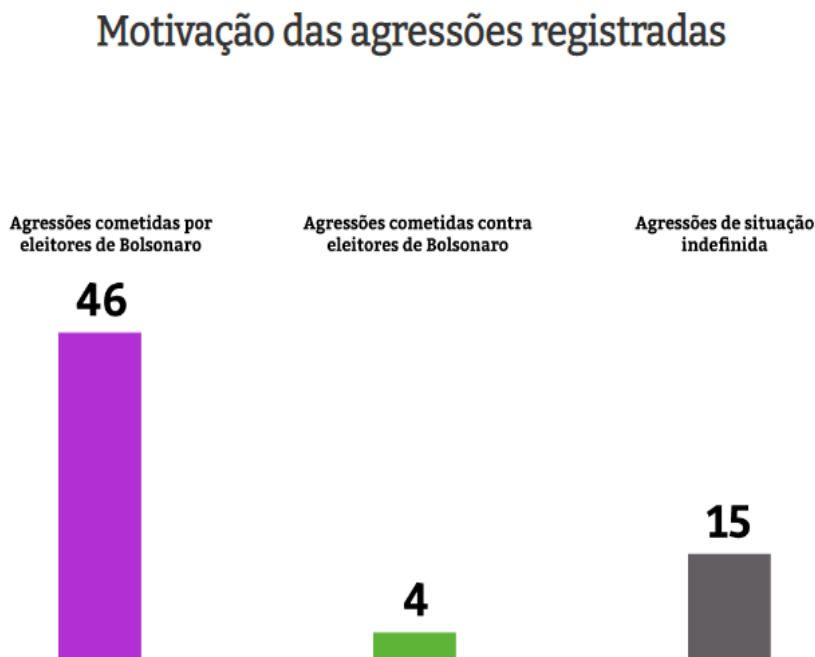
Já a plataforma Violência Política no Brasil, dos portais Opera Mundi, Outras Palavras e De Olho nos Ruralistas, contabiliza 133 agressões por motivos políticos, incluindo oito mortes e 42 lesões corporais.

A maioria envolve ataques de apoiadores de Jair Bolsonaro (PSL) contra gays, mulheres e pessoas vestindo símbolos da esquerda, como bonés do MST ou camisetas do PT.¹³⁹

E como vemos no gráfico abaixo, a polarização política não era tão polarizada assim quando diz respeito aos números de agressões, uma vez que o lado bolsonarista responde por pelo menos cerca de 10 vezes mais casos de violência cometida em relação ao lado não bolsonarista:

¹³⁹ GREGORIO, Rafael. Eleição de 2018 será lembrada pelos casos de violência, dizem analistas. **Folha de S.Paulo**. 28/10/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/eleicao-de-2018-sera-lembrada-pelos-casos-de-violencia-dizem-analistas.shtml>. Acesso em: 20/12/2022.

Figura 4: Gráfico com registro de agressões cometidas por eleitores em 2018.



Fonte: Site da agência de jornalismo, apública.¹⁴⁰

E tais dados poderiam ser ainda maiores, uma vez que muitas das agressões sequer são registradas, mas não há dúvidas que a violência do pleito teve como seu principal impulsionador o a época candidato à presidência, Jair Bolsonaro. “Segundo Lima, do FBSP, a radicalização dos políticos fez as pessoas se sentirem autorizadas a cometer atos violentos. “Principalmente Bolsonaro, com um discurso de destruição do inimigo”, ele diz”.¹⁴¹ - Um discurso fascista de destruição do inimigo para ser mais apropriado -. O poder de um discurso destrutivo em meio a uma conjuntura tão hostil é ingrediente suficiente para resultar em uma combustão de violência política quase que desenfreada.

No entanto, em 2018 era possível ouvir coisas como: “mas não foi Bolsonaro que matou ninguém, foram as pessoas”. Mas, quando um candidato político exalta uma comunidade mitificada que deveria se impor diante das “minorias”, ou que diz que os inimigos deveriam ser eliminados, sua massa de seguidores aficionada absolve seu discurso como um chamado. A

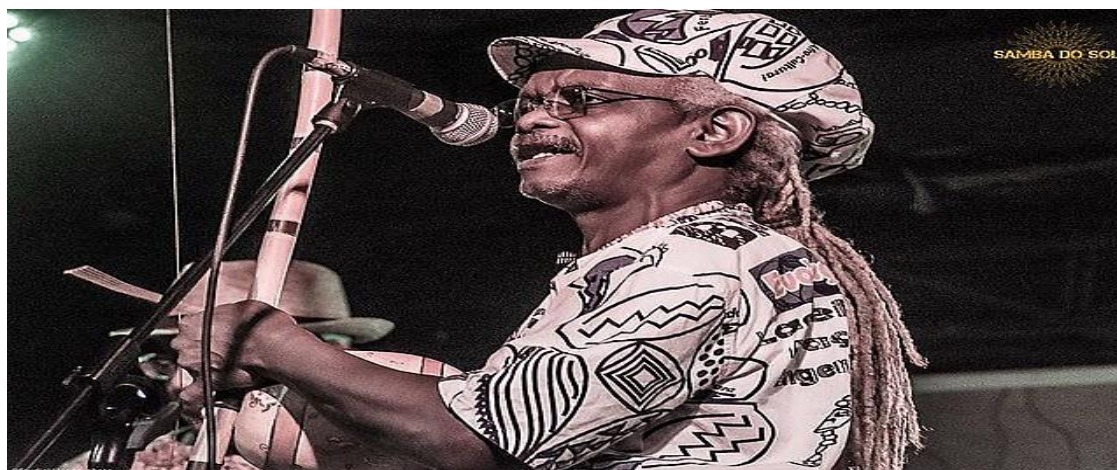
¹⁴⁰ RIBEIRO, Alexsandro; ZANATTA, Carolina; FARAH, Caroline; ROZA, Gabriele; LÁZARO JR, José; SIMÕES, Mariana; LAVOR, Thays. Infográficos: FONSECA, Bruno. Violência eleitoral recrudescu no segundo turno. **Apública**. 12/11/2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/11/violencia-eleitoral-recrudescu-no-segundo-turno/>. Acesso em: 20/12/2022.

¹⁴¹ GREGORIO, Rafael. Eleição de 2018 será lembrada pelos casos de violência, dizem analistas. **Folha de S.Paulo**. 28/10/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/eleicao-de-2018-sera-lemburada-pelos-casos-de-violencia-dizem-analistas.shtml>. Acesso em: 20/12/2022.

lógica bolsonarista é a de que Bolsonaro seria um paladino da moral e dos bons costumes, arauto da economia meritocrática e desbravador cristão que enfrenta demônios tradicionais do “sistema” maléfico. Assim, se seu líder os orientava, ou melhor dizendo, os chamava para o combate, para se somarem a ele nessa árdua batalha, eles tinham de responder ao chamado. Na realidade, deveriam fazer mesmo que não fossem chamados pois o senso de proatividade da massa bolsonarista exigia que eles, soldados supostamente patriotas, desembainhassem suas baionetas e caíssem no charco da luta de classes para defender a pátria de todo o mal proveniente de LGBTs, feministas, indígenas, quilombolas e comunistas.

Por esse motivo, o ex-capoeirista, Mestre Môa do Katendê, se tornou uma das vítimas do ódio desenfreado do bolsonarismo.

Figura 5: Môa do Katendê em uma de suas apresentações.



Fonte: Site Brasil de Fato.¹⁴²

Mestre de capoeira diz que 'votou no PT' e é assassinado por apoiador de Bolsonaro.

Mestre de capoeira é assassinado com 12 facadas pelas costas na Bahia após admitir ter votado "contra a intolerância". Vítima também era compositor, artesão, educador e ativista pela paz e contra o racismo. Assassino é fã de Jair Bolsonaro.¹⁴³

Esse caso é emblemático pelo perfil da vítima que condensava uma série de repulsas presentes no bolsonarismo, era um homem negro que lutava contra o racismo, era adepto da

¹⁴² **BRASIL DE FATO.** Homem é condenado a 22 anos de prisão por assassinato do mestre Moa do Katendê. 22/11/2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/22/homem-e-condenado-a-22-anos-de-prisao-por-assassinato-de-moa-do-katende>. Acesso em: 20/12/2022.

¹⁴³ **PRAGMATISMO POLÍTICO.** Mestre de capoeira diz que 'votou no PT' e é assassinado por apoiador de Bolsonaro. 08/10/2018. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/mestre-capoeira-assassinado-bahia-bolsonaro.html>. Acesso em: 20/12/2022.

capoeira, um estilo de luta extremamente ligado às raízes da escravidão brasileira e sua resistência. Môa fazia parte da cultura, da educação, além de ativista pela paz. Ou seja, vários elementos desprezados e ou até mesmo combatidos dentro do bolsonarismo, que estimula o racismo, menospreza raízes afro-brasileiras, detesta a cultura que não seja branca e europeia ou norte-americana, e odeia a educação libertadora, bem como almeja a guerra e nunca a paz.

Em outra ocasião, igualmente brutal, uma transexual também foi atacada por eleitores bolsonaristas,

Figura 6: A transexual Jullyana Barbosa mostrando marcas das agressões sofridas no período eleitoral de 2018.



Fonte: Site de notícias do UOL.¹⁴⁴

A transexual Jullyana Barbosa foi agredida no sábado (6) de manhã em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, com gritos de homofobia e apologia ao candidato à Presidência do PSL, Jair Bolsonaro. Em depoimento ao UOL, ela afirmou que o nome do presidenciável está sendo usado para justificar agressões ao público LGBT, sejam apoiadores do candidato ou não. Foi registrada denúncia na polícia. É mais um caso de uma série de agressões com apologias ao candidato.¹⁴⁵

No caso de Jullyana, não precisava muito para sofrer a agressão, a simples existência dela, o simples ato de respirar próximo a tais bolsonaristas transfóbicos e bandidos, já era suficiente para que seu direito mínimo de existência pudesse ser contestado e confiscado por

¹⁴⁴ MATTOS, Rodrigo. Transexual é agredida no Rio: "Estão usando Bolsonaro para nos atacar". **Uol**. 10/10/2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/10/transexual-agredida-rio-apoiadores-bolsonaro.htm>. Acesso em: 20/12/2022.

¹⁴⁵ Idem.

pessoas que se acham na posição de decidir sobre quem vive e quem morre dentro de sua comunidade almejada. Isso, pode ter vários nomes dentro de análises sociais, mas um deles, ainda que os próprios criminosos talvez nem conheçam de fato do que se trata, certamente é fascismo em estado puro.

Em outro caso, uma tentativa de feminicídio e de estupro de uma jornalista mulher foi perpetrada por outros eleitores bolsonaristas.

Figura 7: Jornalista agredida por bolsonaristas no período eleitoral de 2018.



Fonte: Site pragmatismo político.¹⁴⁶

Segundo ela relatou à Polícia, um deles vestia camisa do candidato a presidente Jair Bolsonaro (PSL). O motivo da agressão, de acordo com a profissional, seria o fato de ela ser jornalista e mulher.

Depois de ter votado, a mulher se dirigiu ao carro, que estava estacionado na via. Dois homens portando um pedaço de ferro abordaram-na na rua.

“Tinham um ferro, tipo um canivete. Viram meu crachá e disseram que eu era ‘riquinha’ e ‘de esquerda’ e também ameaçaram um estupro”, conta. Neste momento, relatou que os dois a cortaram no braço e no queixo.¹⁴⁷

A jornalista também condensa outro elemento crucial do imaginário de ódio do bolsonarismo, o machismo em estado mais arcaico possível. Para estes bolsonaristas a ideia de existir uma mulher que exerça uma função social que destoe da figura da mulher enquanto dona de casa, responsável pelo cuidado da família e afazeres domésticos, está subvertendo uma lógica

¹⁴⁶ **PRAGMATISMO POLÍTICO.** Jornalista é agredida e ameaçada de estupro por bolsonaristas. 08/10/2018. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/jornalista-agredida-ameacada-de-estupro.html>. Acesso em: 20/12/2022.

¹⁴⁷ Idem.

essencial em seu cotidiano. Muitos não conseguem suportar a ideia de uma mulher que seja independente e não submissa aos interesses imediatos dos homens. A jornalista é vista assim como uma mulher que carece de repressão e “reparos” para que se enquadre dentro do estereótipo almejado. E desse modo tais indivíduos acreditam que agressão física e sexual seja o caminho para “endireitar” essa mulher, ou simplesmente puni-la. É, portanto, uma forma de castigo simplesmente por ela ousar se recusar a cumprir um papel social previamente estabelecido para ela, e dentro da mitologia bolsonarista conservadora, cristã e de forte cariz fascista, tudo isso faz sentido, e em sua lógica perversa eles não são os vilões, e sim os mocinhos.

Contudo, estes foram só alguns dentre vários casos de tamanha brutalidade durante a conjuntura das eleições de 2018. Mas, sobretudo para as minorias alvos principais da violência bolsonarista, era como se as portas do inferno tivessem sido abertas com o aval de Bolsonaro e sua horda de seguidores estivessem sanando sua fome e sede de violência há muito reprimida. Não foi de modo algum uma eleição dentro da ordem, o STF que deveria ter cumprido seu papel de guardião da constituição sequer foi capaz de fazer o mínimo que se esperava, a institucionalidade burguesa foi leniente e conivente com todo o tensionamento praticado pelo bolsonarismo, e a cada omissão da suprema corte o bolsonarismo crescia e se consolidava. Mas tudo isso tem uma motivação bastante óbvia até, uma vez que após todo o processo que veio desde as jornadas de 2013 e eleições de 2014, somados ao lavajatismo, ao golpe de 2016 contra o petismo, o processo jurídico fraudulento resultante na prisão de Lula, não faria sentido que as classes dominantes tentassem impedir o único “campeão” disponível capaz de derrotar de vez o petismo na eleição seguinte imediata ao golpe.

Mesmo que Bolsonaro não fosse tido pela burguesia que o apoiou como a primeira e melhor opção, diante do caos que ela própria auxiliou em construir, o fosso aberto fora tão profundo que o tecido histórico ficou mais suscetível a emergência de uma opção mais extremada como Bolsonaro. E diante da conjuntura que se formou para o pleito de 2018 a burguesia não tinha outra saída senão a opção de fechar os olhos diante das digressões radicais do bolsonarismo para que seu projeto político visando ainda mais expropriações sobre a classe trabalhadora, coisa que a outrora lucrativa aliança de classes com o petismo não tinha mais condições em fazer, pudesse ser vitorioso.

3 APROXIMAÇÕES ENTRE BOLSONARISMO, (NEO)FASCISMO, E BONAPARTISMO.

3.1 O debate de caracterização do bolsonarismo.

Nesse primeiro momento será apresentado o debate a respeito das considerações de diferentes autores que compõem um largo campo de competências científicas, como antropólogos, sociólogos, historiadores, cientistas sociais. Assim como também um amplo espectro de disposições teóricas, pois o objetivo principal dessa parte é mostrar o surgimento do debate e tentar abarcar da maneira mais ampla possível o espectro de reflexões acerca do bolsonarismo, com seus principais argumentos e referências utilizadas pelos autores tendo em vista as relações possíveis entre o nascente bolsonarismo com o velho fantasma do fascismo.

Trata-se, portanto, de trazer as considerações, referências, problemáticas, insuficiências, bem como os principais pontos de argumentação sustentados pelos autores nesse debate que também aspira a uma posição de imposição simbólica e de autoridade a respeito de um novo tema de discussão dentro dos estudos acadêmicos.

Antes mesmo de se ter uma definição mais precisa quanto ao “bolsonarismo”, uma das primeiras obras a citar a possibilidade em aberto de Bolsonaro como sendo aspirante a fascista brasileiro foi a obra “O Fascismo no Brasil: o Ovo da Serpente Chocou”, em 2017, dos autores Guilherme Reis e Giovanna Soares.

Nessa obra os autores entendem que de 2013 ao golpe de 2016 abriu-se um vácuo político no qual a extrema-direita conseguiu preencher e se desenvolver. Para os autores existiam a época dois nomes expoentes com potencialidade para assumirem o signo de líder fascista de um movimento de extrema-direita em ascensão, eram eles os então deputado Jair Bolsonaro, e o juiz da lava-jata, Sérgio Moro.

A criminalização da política e particularmente da esquerda, o descrédito da representação, o incompetente trabalho dos partidos estabelecidos de levar adiante seus deveres de formação política e mobilização para a participação, e a profunda espetacularização e midiaticização dos escândalos são elementos que, somados, permitem que o ovo da serpente fascista tenha sido chocado ainda sem um líder pré-determinado para liderar as massas encantadas rumo ao avanço projeto reacionário.

Há, no entanto, figuras públicas qualificadas para encarnar o papel. As eleições municipais de 2016 mostraram não apenas um fracasso da esquerda como um todo, e do PT em particular, mas também a recorrência do discurso

por parte dos candidatos de não serem políticos tradicionais. Dois outros nomes, no entanto, podem ser apontados como os mais promissores para assumir tal papel: o juiz de primeira instância e comandante da Operação Lava-Jato Sérgio Moro e o deputado federal representante dos militares Jair Bolsonaro. Ambos se qualificam por seu antiesquerdismo, criminalização da política, conservadorismo, personalismo, e autoimputado papel de cruzado contra o sistema. Bolsonaro, no entanto, assume de forma muito mais explícita e completa o discurso fascista, além de já estar envolvido na disputa eleitoral, de já ter se lançado pré-candidato a presidente e de estar bem cotado nas pesquisas.¹⁴⁸

E complementam os autores,

Desde o golpe de 2016, pode-se dizer que o Brasil tem um governo autoritário e movido por pautas reacionárias, com um Estado crescentemente violento e descompromissado com os direitos e garantias; mas não é um governo ou um Estado fascista. Na sociedade, no entanto, o fascismo já é perceptível, podendo inclusive tornar-se uma força eleitoral relevante, a julgar pela repercussão pública do nome do deputado federal Jair Bolsonaro, abertamente um defensor da ditadura militar, da tortura, da homofobia e de políticas de segurança pública repressivas.¹⁴⁹

É interessante notar a lucidez por parte dos autores, ao menos pela seriedade de não terem subestimado a potencialidade eleitoral desse movimento de cariz fascista que de fato já representava uma força eleitoral preocupante em 2017. Conforme dados de pesquisa de intenção de voto do Datafolha, em junho de 2017, num cenário onde Sérgio Moro e Jair Bolsonaro figuravam como possíveis candidatos tínhamos os seguintes números¹⁵⁰:

Lula 29%

Sergio Moro 14%

Marina Silva 14%

Jair Bolsonaro 13%

Geraldo Alckmin 6%

Luciana Genro 2%

¹⁴⁸ REIS, Guilherme; SOARES, Giovanna. O Fascismo no Brasil: o Ovo da Serpente Chocou. **Desenvolvimento em debate**. v.5, n.1, p.51-71, 2017. p. 68. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dd/article/view/32164>. Acesso em: 08/01/2022.

¹⁴⁹ Idem, p. 54.

¹⁵⁰ DATAFOLHA. Pesquisa eleitoral. **Instituto de pesquisa**. 2018. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/pesquisaseleitorais/datafolha/pesquisa-datafolha-junho-2017/>. Acesso em: 08/01/2022.

Eduardo Jorge 2%

Ronaldo Caiado 1%

Branco / Nulo 15%

Não sabe 2%

Embora Lula despontasse isoladamente nessa e em praticamente todas as pesquisas de intenção de voto até o período próximo às eleições, é possível notar que somadas as porcentagens de Bolsonaro e Moro, o montante já significava 27% das intenções. Considerando a margem de erro seria possível inclusive considerar um empate técnico entre esse montante votante de Bolsonaro e Moro com os votantes de Lula. É claro que essa migração não ocorre de maneira tão mecânica e de forma total tal como sugiro. No entanto, a considerar o discurso e o bueiro histórico que tanto Jair Bolsonaro como Sérgio Moro emergiram, o mais provável é que ambos possuam um eleitorado minimamente semelhante. É o que parece mostrar os números das pesquisas sequenciais de julho e agosto. Considerando o mesmo cenário de opções, só que dessa vez sem a consideração de Moro como possível candidato, Bolsonaro passou de 13% em junho para 21% em julho e 25% em agosto de 2017. Ou seja, em 2 meses de pesquisa sem ter Moro como opção Bolsonaro praticamente dobrou em intenções de voto. Mais uma vez é preciso ressaltar, é claro que outros fatores podem ter contribuído para tal crescimento, mas fica evidente que importante contingente do possível eleitorado “morista” acabou migrando para Bolsonaro, o que ao menos em parte parece corroborar com o argumentado pelos autores.

No entanto, o debate no qual os autores figuram como uns dos primeiros a discutir academicamente, tem suas concordâncias e discordâncias com autores que publicaram posteriormente a respeito da proximidade ou não do bolsonarismo com a ideia de fascismo em pleno século XXI no Brasil.

Na leitura dos autores já era possível identificar uma espécie de movimento fascista no Brasil desde pelo menos o golpe de 2016, tendo Moro e Bolsonaro como principais aspirantes ao cargo de líder do movimento. Em meio a uma conjuntura cujos elementos trabalhados pelos autores ratificam sua averiguação sobre um movimento fascista, tais como: crise econômica e de representação das massas, forte sentimento de apressamento quanto a políticas de repressão e ao próprio militarismo em si, discurso anti-sistêmico, antidemocrático e violento sobretudo por parte de Jair Bolsonaro. E recorrendo a autores como Hannah Arendt, Domenico Losurdo, e outros de inspiração frankfurtiana, os autores tentaram se desconectar de uma visão do fascismo

somente enquanto algo violento e intolerante. Para eles estes adjetivos não podem por si só definir o fascismo, e sim alguns pontos mais específicos que compõem o corolário fascista e puderam ser identificados no Brasil do período pós golpe, como o anti-intelectualismo; personalismo; irracionalismo; bodes-expiatórios eleitos como culpados de todos os males da sociedade; suspeita paranoica; líder com carisma, que se faz povo. Todos elementos característicos do fascismo que estavam presentes na conjuntura política dos autores.

Não obstante, um dos primeiros autores a tentar definir aspectos ideológicos do “bolsonarismo”, o autor Felipe Catalani, argumenta de forma semelhante. Na visão do autor,

Muitas das especulações do caráter fascista do bolsonarismo rodam em falso. É evidente que há certos limites na analogia com o fascismo histórico: se na Alemanha hitlerista havia a ostentação de uma *Volksgemeinschaft* [comunidade do povo], calcada na ideologia do “sangue e solo” e até com ares pretensamente anti-capitalistas (na oposição entre capitalismo financeiro judaico rapinante versus capitalismo produtivo “com lastro”), o que vemos no Brasil atual é um esgarçamento total do tecido social, um hiperindividualismo de crise. Como contra-argumento, alguns dizem, por exemplo, que o fascismo seria necessariamente estatista e intervencionista, e que o programa de Bolsonaro é ultra liberal, ou que Bolsonaro não é fascista e sim “um soldado das guerras culturais” etc.¹⁵¹

Assim, o autor finca uma posição no debate que é a de entender o fascismo não como algo datado no entreguerras, mas sim um processo histórico que pode ressurgir com suas devidas adaptações. E desenvolve sua argumentação acerca do bolsonarismo da seguinte maneira.

Mas uma coisa é o governo Bolsonaro, que ainda não existe, e sobre o qual podemos ter algumas hipóteses; outra coisa é um fenômeno bem palpável e efetivo que é o que podemos chamar de bolsonarismo, ou o que Esther Solano chamou de “bolsonarização da esfera pública” (que é na verdade, creio eu, o tiro de misericórdia da esfera pública). O fascismo aqui deve ser entendido não tanto como um elemento do Estado ou uma forma de governo, mas como um fenômeno social e ideológico. Por vezes, a adesão ao discurso fascista aparece como uma patologia psicológica. Porém, também Adorno, que tanto se apoiou na psicanálise e na crítica da ideologia em suas análises do fascismo, afirmou que “o fascismo como tal não é um problema psicológico [...]. Disposições psicológicas, na verdade, não causam o fascismo.” Por mais que a família Bolsonaro seja um bando de psicopatas, isso não é uma explicação suficiente. Ou seja, devemos ter em vista que a ideologia não pode ser tomada

¹⁵¹ CATALANI, F. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. *Academia.edu*. 2018. p. 1. Disponível em: https://www.academia.edu/38270568/Aspectos_ideol%C3%B3gicos_do_bolsonarismo. Acesso em: 10/01/2022.

como uma dimensão psíquica autônoma, uma patologia individual, mas como algo que diz respeito a processos sociais e históricos objetivos.¹⁵²

Portanto, baseado em Theodor Adorno, que é a base teórica de todo o seu artigo, o autor chama a atenção para o entendimento do fascismo enquanto ideologia, ou seja, uma ideia borbulhante em meio ao imaginário social que representa também a correspondência concreta de um movimento nascente. E é importante compreender essa dimensão do fenômeno pois a altura de sua análise o bolsonarismo se encontrava ainda em fase de desenvolvimento e ascensão, com um movimento ideológico que poderia ou não alcançar um estado mais avançado como um regime e ou Estado fascista por exemplo.

Assim como se faz assertiva a sustentação do autor de que tratar o fascismo simplesmente enquanto uma patologia psíquica seria insuficiente para o bom entendimento do fenômeno.

Contudo, o autor vai além em sua apreensão, recorrendo ao sociólogo Florestan Fernandes, insere o processo histórico em questão na luta de classes na maneira pela qual ela é travada historicamente no Brasil.

Vale ressaltar que há um elemento desse novo fascismo que se vincula a uma forma específica da luta de classes no Brasil. Florestan Fernandes dizia que a luta de classes no Brasil não se dá entre capital e trabalho, e sim entre quem tem propriedade e quem não tem: por isso ela não é um mecanismo regulador interno do capital, mas sim simplesmente sanguinária. Alguns substantivos no programa de Bolsonaro são grafados em maiúsculo, dando a eles uma conotação semi-religiosa, mas no caso da propriedade privada, para não deixar dúvidas, é dito de forma clara: ela é sagrada. Portanto aquele que a infringe é um sacrílego. Isso é muito evidente no “programa”, que visa (1) armar os proprietários (2) “tipificar como terrorismo invasão de propriedade rural e urbana”, (3) para ladrões e assaltantes, “prender e deixar na cadeia” (para não citar as declarações que envolvem pena de morte e esterilização dos pobres). O que se revela aqui é uma matriz colonial desse neo-fascismo brasileiro, estruturalmente racista: uma parcela da população é considerada efetivamente descartável “como modess usado ou bombril” (Mano Brown).¹⁵³

Desse modo, o fascismo além de não ser simplesmente uma patologia psíquica de um bando de sujeitos enfurecidos e irracionais, também não ocorre numa dimensão apartada da política e do econômico. Pensar em fascismo no Brasil e em qualquer lugar do mundo é também

¹⁵² Idem, p. 3.

¹⁵³ Idem, p. 9-10.

pensar o capitalismo e todas as suas contradições que fazem desse fenômeno possível e frequentemente ressuscitado por seus asseclas.

Todavia, uma das primeiras autoras a tentar definir a composição do bolsonarismo foi a antropóloga, Rosana Pinheiro Machado. A preocupação da autora difere um pouco de tentar atrelar ou não o bolsonarismo ao fascismo, o interesse imediato para ela se voltou para os sentidos do bolsonarismo, ou seja, suas contradições mais evidentes; as disputas simbólicas por pautas identitárias na sociedade; assim como os valores defendidos por bolsonaristas.

Uma das grandes lições propostas pela autora reside no fato de se recorrer ao diálogo, sobretudo com jovens bolsonaristas, comumente flexíveis ao debate para tentar trazê-los aos valores democráticos. E critica a identificação mecânica de se considerar tais jovens simpatizantes de Bolsonaro como fascistas e ou de extrema-direita.

Em tempos de crise política, isso nos ajuda a fugir da razão do senso comum polarizado que, comumente, parte do princípio que existe um campo homogêneo que, ao se identificar com Bolsonaro, é automaticamente fascista, de extrema direita, produz discurso do ódio e é avesso ao diálogo. Esse encapsulamento de identidades juvenis não é apenas reducionista sob o ponto de vista acadêmico, como também traz outras implicações negativas. Eticamente, a rotulação não deixa de ser uma forma de violência e uma irresponsabilidade, uma vez que muitas vezes estamos nos referindo a adolescentes em processo de formação política. Politicamente, acreditamos que se trata de um erro estratégico que perde a oportunidade não apenas de entender as razões do apelo conservador, mas também de dialogar e oferecer discursos alternativos. Se uma parte do self desses jovens nos mostra flexibilidade e adaptabilidade, é nisso que precisamos nos agarrar para uma aposta em uma sociedade democrática.¹⁵⁴

Entretanto, um dos grandes feitos da autora foi ter buscado, ou pelos menos vislumbrado chegar a tal, as raízes do próprio bolsonarismo no cotidiano brutal da contraditória vida sob sociabilidade neoliberal.

Esperança e ódio não são - e nunca foram - categorias excludentes, mas coabitam ganhando maior ou menor espaço conforme o contexto. Isso nos ajuda a compreender porque, no caso em questão, não se pode falar em uma “virada conservadora”. De um lado, poderia-se inferir que a adesão bolsonarista tem algumas de suas raízes no próprio modelo de desenvolvimento lulista focado na agência individual e no consumo – e não na mudança estrutural dos bens públicos atrelada a um processo de

¹⁵⁴ PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. Da esperança ao Ódio: Juventude, Política e Pobreza do Lulismo ao Bolsonarismo. **Instituto Humanitas Unisinos**. n. 16. 04/10/2018. p. 12. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583354-da-esperanca-ao-odio-juventude-politica-e-pobreza-do-lulismo-ao-bolsonarismo>. Acesso em: 11/01/2022.

mobilização coletiva. Esse argumento é legítimo, porém incompleto, já que nosso esforço aqui também foi mostrar que mesmo políticas liberais tinham potência política, além de que o ideal da felicidade era algo finalmente avistado no horizonte das pessoas de baixa renda. De outro lado, também poderia se inferir que o crescimento do “bolsomito” nas periferias é fruto do golpe de 2016. Este também é um argumento legítimo e incompleto, uma vez que o lulismo foi incapaz de promover transformações estruturais. Logo, a agenda de austeridade de Michel Temer mais aprofunda do que inaugura uma vida de exclusão. Por isso, temos preferido pensar em um continuum histórico em que a violência estrutural – o racismo, a discriminação de classe, o patriarcado ancorado na figura do super macho - e a presença da igreja, do tráfico e da polícia sempre foram os modelos preponderantes, juntamente, é claro, com práticas cotidianas de resistência, criatividade, amor e reciprocidade.¹⁵⁵

Como a autora sustenta, é insuficiente apontar somente um dos motivos de gestação do bolsonarismo. Cada um deles deve ser somado à um complexo de causas que somadas parecem dar a real substância do bolsonarismo. E ir por esse caminho também parece ser o mais correto até mesmo para uma caracterização ou não do fenômeno enquanto algo fascista, uma vez que foge a frequentes transposições teóricas de outras realidades e contextos para encaixar em nossa realidade, ainda que seja necessário recorrer aos clássicos sobre o fascismo, é preciso ter cautela e rigor científico para buscar uma definição do bolsonarismo como fascismo, como não negligenciar a própria concretude que a realidade apresenta.

Não obstante, outros autores também tiveram mais cautela e rigor científico para considerações sobre o fascismo, precisamente no sentido de entender que se trata de um tema espinhoso e que merece astúcia para fugir a equívocos que podem ser caros para a própria mobilização social de resistência a um movimento de cunho fascista.

Como no caso do autor de tradição marxista, Demian Melo, que após citar um fragmento de uma obra do autor Leandro Konder, introduz algo bastante significativo para a apreensão do fenômeno do fascismo como um todo.

Como observamos no trecho em epígrafe, o saudoso Leandro Konder insistiu em seu livro *Introdução ao fascismo* que essa mania da esquerda chamar de “fascista” qualquer direita autoritária poderia ter legitimidade como recurso de agitação, mas era enganoso como instrumento de análise e pode produzir efeitos nefastos na luta política, pois desarma a esquerda no entendimento dos movimentos de seus adversários. É indiscutível que essa forma frouxa de considerar “fascista” qualquer direita produziu historicamente resultados

¹⁵⁵ Idem, p.13.

desastrosos na vida dos trabalhadores e a desarticulação violenta da esquerda.¹⁵⁶

E no decorrer do artigo o autor demonstra os perigos de se tratar um fenômeno de tamanha profundidade teórica e política com generalizações ou equívocos. Por isso, é preciso ter cautela na análise do bolsonarismo, embora o autor não tenha dúvidas em atribuir a figura de Jair Bolsonaro, ou seja, a personalidade central do bolsonarismo, como um fascista de fato.

No entanto, assumir que Bolsonaro seja de fato fascista não implica em dizer que seu governo ou que o movimento autoritário que lidera seja necessariamente (ou totalmente fascista). Mas, voltar aos clássicos mesmo aqueles equivocados a respeito do fascismo podem ser de grande proveito. Menos, tal como observa o autor, para aquelas pessoas “as quais nenhuma categoria “européia” teria capacidade heurística no mundo não-Occidental. Longe desse beco-sem-saída-epistemológico ficamos melhor para combater o fascismo.”¹⁵⁷

Em todo caso, para alguns autores a cautela é tamanha que o fazem inclusive rechaçar a alcunha de fascista para o fenômeno bolsonarista, ou pelo menos relativizar tal questão. É o caso dos autores Rodrigo Patto Sá Motta e Daniel Aarão Reis, que preferem tratar em termos de “populismo” e “extrema-direita”.

Motta buscou as raízes do quadro político do bolsonarismo nos anos 1980.

O quadro atual tem raízes na segunda metade dos anos 1980, logo após o fim da ditadura, quando diferentes grupos de direita se organizaram para enfrentar a esquerda que retornara à cena pública e conseguira imprimir caráter progressista à Constituição de 1988. Nesse contexto, foram organizados grupos de empresários rurais contrários à reforma agrária e entidades neoliberais críticas do intervencionismo estatal e do aumento de gastos sociais implicados na Constituição de 1988. Pouco depois, nos anos 1990, quando o Estado começou investigações oficiais sobre os assassinatos e desaparecimentos da ditadura e criou as primeiras políticas de reparação, grupos de militares da reserva se organizaram para defender uma memória positiva da ditadura e denunciar a influência da esquerda sobre os governos pós-regime militar.¹⁵⁸

¹⁵⁶ MELO, Demian. Sobre o fascismo e o fascismo no Brasil de hoje. **Blogjunho**. 2016. p. 1. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/sobre-o-fascismo-e-o-fascismo-no-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 12/01/2022. * Atualmente o site em questão encontra-se desativado, mas ao clicar no link é possível acessar o drive com todas as publicações feitas enquanto o site esteve no ar.

¹⁵⁷ Idem, p.7.

¹⁵⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Bolsonarismo**. Trabalho apresentado no evento: III International Association for comparative fascist studies Convention, Viena, 2020. p.3.

Portanto, na visão do autor o bolsonarismo tem uma ligação histórica com resquícios do próprio fim da ditadura no Brasil. E de fato, tais empresários rurais e entidades neoliberais compuseram o governo bolsonarista por exemplo, a chamada bancada do boi e seu ministro da economia, Paulo Guedes, parecem corresponder a tal afirmação. Assim como a evidente influência de militares da reserva, árdus combatentes de uma esquerda que ampliou sua influência dentro da democracia brasileira desde os anos 1990, se consolidando nos anos 2000.

No entanto, o autor não possui uma posição tão fechada quanto ao bolsonarismo, e apesar de não coadunar com a análise de alguns autores a respeito do bolsonarismo ser fascista, ele também deixa claro não se tratar de um absurdo em função de uma série de elementos que de fato suscitam proximidades do bolsonarismo com o fascismo.

A classificação de Bolsonaro como fascista ou neofascista tem sido corrente entre lideranças e intelectuais de esquerda, que dessa forma lançam mão do pior adjetivo disponível para nomear o adversário. Embora a paixão política tenha algum peso nessa análise, associar o bolsonarismo ao fascismo está longe de ser um absurdo. Considerando as tipificações mais correntes sobre o fascismo genérico (Payne, 2003; Paxton, 2007; Griffin, 1991), alguns aspectos realmente aproximam o bolsonarismo da cultura fascista e dos movimentos neofascistas.¹⁵⁹

Todavia, o autor cita alguns pontos que também distanciam o bolsonarismo do fascismo como a questão do nacionalismo fajuto, e o mais importante na visão do autor talvez seja o fato do bolsonarismo ter em sua composição o neoliberalismo, contrariando assim um ponto supostamente fundamental do fascismo.¹⁶⁰

Entretanto, apesar de não assumir uma posição suficientemente sólida a respeito da essência ideológica do bolsonarismo, fazendo considerações sobre fascismo e populismo, o autor parece ter preferência pelo uso do conceito de populismo, para, apesar de ser um conceito pouco preciso, expressar melhor ao menos a estratégia política do bolsonarismo. E isso fica mais claro pela consideração final do autor, na qual considera um dos horizontes possíveis do

¹⁵⁹ Idem, p. 8-9.

¹⁶⁰ No entanto, essa visão talvez se explique pelo próprio referencial teórico do autor que não entende o fascismo como diria Nicos Poulantzas, como uma “possibilidade histórica da burguesia” a partir de contradições do próprio capitalismo. Sistema capitalista que aliás, vale ressaltar, sequer é mencionado em todo o artigo. Mas, para melhor verificação da não impossibilidade do fascismo com o neoliberalismo, vale a leitura das seguintes obras: IANNI, Octavio. Neoliberalismo e nazi-fascismo. **Crítica Marxista**, São Paulo, Xamã, v.1, n.7, 1998, p.112. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie10Dossie1.pdf; ARAÚJO, W, P. Lawfare, neoliberalismo e neofascismo na mitologia do Estado de exceção brasileiro. In: **Conceitos** - N. 27, Vol. 1 (Jan.Jun 2019) ADUFPB - Seção Sindical do ANDES-SN.

bolsonarismo uma guinada maior ao populismo em função do programa “Auxílio Brasil”, que se encontrava em gestação na época de seu artigo.

Bolsonaro e o bolsonarismo não se encaixam perfeitamente nos conceitos de fascismo e populismo. Existem traços de aproximação e tendências fascistas, não é à toa que a maioria dos neofascistas o apoiam. Porém, a sua ligação com o neoliberalismo e com interesses de mercado tornam o caso complexo. Dentre os chamados populismos de direita em maior evidência no mundo, que em geral incrementam o papel econômico do Estado e/ou protegem a economia nacional de concorrência externa, o bolsonarismo representa um ponto fora da curva por sua aproximação com o neoliberalismo. Desde o princípio houve dúvidas sobre a sinceridade da sua conversão ao liberalismo econômico, claramente uma atitude oportunista baseada em cálculo eleitoral. A possibilidade de que ele mudasse em direção a alguma forma de nacionalismo e intervencionismo estatal econômico sempre foi considerada por analistas políticos. De fato, houve um ensaio nessa direção por seus ministros militares no início da pandemia (falaram em criar uma espécie de plano Marshall), mas a ideia foi logo abortada por reação do ministro da Fazenda Paulo Guedes e por falta de interesse de Bolsonaro.¹⁶¹

Outro autor que também produziu algo para rechaçar o designo de fascismo para a experiência bolsonarista foi o historiador Daniel Aarão Reis. Preferindo a utilização do termo “extrema-direita”, uma vez que para o autor o bolsonarismo constitui algo original ainda em desenvolvimento, e que, portanto, não teria uma conceituação clara. Enxergando assim os seguintes problemas na aproximação do bolsonarismo com o fascismo.

Alguns afirmaram que o Brasil teria voltado aos anos 1960 e estaria na iminência de um golpe de estado, como em 1964. Outros preferiram ver semelhanças com a conjuntura que levou à promulgação do Ato Institucional nº 5, editado em dezembro de 1968, que radicalizou a ditadura então existente²⁹. Numa incursão a um passado mais distante, foram invocadas as experiências do movimento integralista brasileiro nos anos 1930, da ditadura do Estado Novo e, num plano mais geral, formularam-se associações – controvertidas – com o fascismo italiano e mesmo com o nazismo alemão, como se verá adiante.

Tais interpretações merecem discussão. Entretanto, como estou convencido de que a ascensão atual da extrema-direita no Brasil constitui um movimento original e ainda com perfil não consolidado, cumpre, antes de tudo, descrever o fenômeno para melhor captar sua especificidade e empreender, se for possível, sua conceituação.¹⁶²

¹⁶¹ MOTTA, op. cit., p. 13.

¹⁶² REIS, Daniel, A. O bolsonarismo: uma concepção autoritária em formação. - **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU. 10/03/2021. p. 15-16. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607369-o-bolsonarismo-uma-concepcao-autoritaria-em-formacao-artigo-de-daniel-aarao-reis>. Acesso em: 13/01/2022.

A partir desse trecho o autor elenca cinco círculos que compõem a base do bolsonarismo, resumidamente: 1- militares, 2- baixa classe média, 3- igrejas evangélicas, 4- alta classe média, 5- setores da alta burguesia.

Curiosamente, talvez para ampliar a sustentação de sua argumentação, não é mencionado o apoio de organizações de referência fascista e nazista, como mais um “círculo” da composição bolsonarista, o que demonstra a insuficiência de sua análise, uma vez que esses setores cumpriram e continuam a cumprir um papel específico de agitação e terror frente ao “sistema” e por conseguinte à própria democracia burguesa.¹⁶³

O apoio neofascista a Bolsonaro vem de pelo menos desde o ano de 2004. São personalidades integralistas, fascistas, neonazistas, que apoiam virtualmente, presencialmente, e compuseram até mesmo áreas internas de seu recente governo. E por esse motivo é no mínimo irresponsável que na visão de Reis esse não seja considerado um sexto círculo de apoio ao bolsonarismo.

Ademais, ao menos nesse artigo, ao falar do equívoco de se relacionar o bolsonarismo ao fascismo, Reis está considerando somente a experiência histórica do entreguerras como referência. E nesse ponto se assemelha com a consideração que Motta também faz acerca do fascismo, de entender o fascismo sob o prisma do acontecimento histórico das décadas de 1920 até 1940, e mais precisamente sob os parâmetros do que foi o fascismo e nazismo na Itália e Alemanha daquele período.

E nesse sentido, uma conceituação mais ampla do conceito de fascismo, entendido como recurso e ou possibilidade histórica das classes dominantes na sociedade capitalista (não circunscritos ao fascismo histórico), passa longe de compor o arcabouço de possibilidades teóricas dos autores tal como é para tantos outros que se debruçaram sobre o conceito de fascismo nas últimas décadas, sobretudo daqueles com matriz teórica referencial marxista.

Por isso Reis sustenta a seguinte ideia:

Apesar de declarações altissonantes – e de bravatas em série –, que marcaram uma primeira fase do Governo, até junho de 2020, o governo e a extrema-direita não foram capazes de gestar até o momento uma doutrina coerente. Suas formulações encontrar-se-iam num estado gasoso, se a metáfora for permitida, o que dá conta das improvisações e acochambrações diversas, mal encobertas por uma estridente e poderosa propaganda. Trata-se de uma força política cujas concepções ainda estão em formação, como uma nebulosa, daí

¹⁶³ Para maiores informações vale a verificação das seguintes pesquisas e reportagens: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>; <https://www.poder360.com.br/brasil/grupos-de-extrema-direita-ganham-espaco-inspirados-pelo-bolsonarismo/>; <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/26/lider-de-ato-neonazista-pro-bolsonaro-em-2011-organiza-carreatas-em-apoio-ao-presidente-em-sp>.

as dificuldades em conceituá-la, embora sejam bastante claros – e perigosos – seus propósitos autoritários e antidemocráticos.

Tais propósitos, como já assinalado, tem raízes autoritárias no passado brasileiro. Entretanto, a extrema-direita atual é bastante diferente das referências que vertebraram as ditaduras do passado. E é questionável também a aproximação que se faz entre o quadro atual e a experiência integralista dos anos 1930 e, em particular, com a experiência do fascismo.

De um lado, as conjunturas internacionais que ensejaram as ditaduras e o fascismo histórico (e o integralismo) tem características qualitativamente diferentes das atuais. As ditaduras exprimiam alianças de classe bem definidas e projetos claros de modernização autoritária. Não é o caso da atual extrema-direita.¹⁶⁴

Há ainda autores que se utilizam de novos conceitos para os autoritarismos candentes no mundo atual, tal como destaca o autor Michel Lowy, a respeito do conceito utilizado pela autora Marilena Chaui, que apesar de partir do mesmo pressuposto de Reis e Motta na recusa do termo fascismo, tenta avançar com a utilização de uma nova conceituação:

Marilena Chaui também publicou no mesmo site um artigo muito interessante sobre os autoritarismos de nossa época. Marilena recusa o termo “fascismo” para esses novos fenômenos, preferindo o conceito de “totalitarismo neoliberal”. Segundo Chaui, o fascismo era militarista, imperialista e colonialista, o que não é o caso dos atuais regimes autoritários. Me parece um equívoco pois há vários exemplos de fascismos do passado sem vocação imperialista, o franquismo espanhol, por exemplo. O conceito de “totalitarismo neoliberal”, tal como ela propõe é muito rico, mas pode adotar várias formas, uma das quais corresponde ao que estamos chamando de neofascismo.¹⁶⁵

Assim como o autor Enzo Traverso, que diverge da utilização e caracterização dos fenômenos autoritários mais recentes como sendo fascistas e propõem uma nova conceituação, chamando-os de “pós-fascismo”. Para o autor:

Hoje a ascensão das direitas radicais desdobra uma ambiguidade semântica: por um lado, praticamente ninguém fala de fascismo – excetuando, talvez, em relação a Bolsonaro – e a maior parte dos comentaristas reconhecem as diferenças existentes entre esses novos movimentos e seus ancestrais dos anos trinta; por outro lado, qualquer intento de definir esse novo fenômeno implica uma comparação com o período entreguerras. Resumindo, o conceito de fascismo parece ao mesmo tempo inapropriado e indispensável para

¹⁶⁴ REIS, op.cit., p. 20-21.

¹⁶⁵ LOWY, Michael. Neofascismo : um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. 2021. **A terra é redonda**. 24/10/2019. p. 6-7. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-phenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/>. Acesso em: 13/01/2022.

compreender esta nova realidade. Esta é a razão pela qual o conceito de pós-fascismo corresponde a esta fase transicional. Pós-fascismo deve ser entendido tanto em termos cronológicos como políticos: por um lado, esses movimentos aparecem posteriormente ao fascismo e pertencem a outro contexto histórico; por outro, não pode ser definido comparando-o ao fascismo clássico, que segue sendo uma experiência fundacional. Por um lado, já não são fascistas; por outro, não são totalmente distintos, são algo intermediário.¹⁶⁶

Já a autora Virgínia Fontes, por sua vez, longe de alocar o fascismo como um capítulo restrito do entreguerras, prefere a utilização do conceito de “protofascismo” para abarcar o conteúdo ainda em desenvolvimento da experiência bolsonarista.

O governo que se implantou em 2019, presidido pelo presidente Jair Bolsonaro, tem viés nitidamente proto-fascista, lastreado centralmente em um anticomunismo primário, que considera todas as demais forças sociais diferentes de si mesmo como alvos de sua “caça às bruxas”. O lema ‘Deus, pátria e família’, verbalizado por expoentes do novo governo, faz lembrar tanto o velho integralismo (fascismo à brasileira, fundado em 1932 e que desaparece na década de 1970, com seus militantes absorvidos por outros partidos) quanto a divisa da hiper reacionária Tradição, Família e Propriedade (católica), que renasce das cinzas após essas eleições, tendo um grupo paramilitar realizando rituais de destruição de bandeiras antifascistas em universidades públicas. O caráter do novo governo não significa que tenha sido implantado no Brasil um ‘regime fascista’, mas evidencia que há tendências fortes nessa direção, e os seus desdobramentos dependerão do quadro de resistência e enfrentamento nacional, assim como das tensões internacionais.¹⁶⁷

Por fim, um dos primeiros autores a produzir uma obra de maior profundidade foi o historiador Marcelo Badaró Mattos. No seu livro “Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil”. Mattos aborda a questão em tom bastante cauteloso, faz um apanhado sobre explicações e tentativas de síntese a respeito do fascismo dentro da literatura marxista; nas discussões da III Internacional Comunista; debate os usos na historiografia; e chega por fim ao debate atual, mais precisamente em termos de neofascismo.

¹⁶⁶ TRAVERSO, Enzo. Pós-fascismo. Fascismo como conceito transhistórico. **Teoria marxista**. 13/09/2020. p. 2. Disponível em: <https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/pos-fascismo-fascismo-conceito-transhistorico-enzo-traverso>. Acesso em: 15/01/2022.

¹⁶⁷ FONTES, Virgínia. O núcleo central do governo Bolsonaro: o proto-fascismo. **Combate Racismo Ambiental**. 11/01/2019. p. 1. Disponível: <https://racismoambiental.net.br/2019/01/11/o-nucleo-central-do-governo-bolsonaro-o-proto-fascismo-por-virginia-fontes/>. Acesso em: 15/01/2022.

A construção do autor é bastante rica uma vez que considera a longa, a média e a curta duração do fenômeno, passando por diversas experiências históricas e a própria especificidade da configuração política e ideológica que a dominação burguesa assumiu e assume no Brasil. Os autores Antônio Gramsci e Leon Trotsky figuram como importantes referências sobre o fascismo na visão do autor, que trata de “atualizar” tais referências com uma série de novos autores do debate atual sobre fascismos.

E dentro da conclusão de sua obra, Mattos argumenta da seguinte maneira.

Vimos que a maioria das análises convergem para identificar diferentes grupos e interesses compondo (e disputando espaço entre si) o governo Bolsonaro. Militares, olavistas e ultraneoliberais convergiram em alguns momentos para apoiar determinadas linhas políticas do governo. O melhor exemplo se dá em torno à pauta econômica de retirada de direitos dos trabalhadores, aprofundando a superexploração da força de trabalho e a transferência de fundos públicos, serviços monopolizados pelo Estado e empresas estatais para o controle da acumulação privada. Em relação a outros aspectos, como a pauta moral/fundamentalista religiosa do governo, ou o grau de liberdade concedido pelo Estado para o uso privado e público da violência (com a liberação das armas e o excludente de ilicitude), há diferenças e disputas, que envolvem também a relação entre os três poderes. Em algumas pautas centrais para o projeto neofascista do bolsonarismo, portanto, há limites internos ao grupo que governa. Por isso mesmo, sequer quanto ao governo, que tem um neofascista à frente, podemos cravar uma rotulação simples de “governo neofascista”. Seria mais factível destacar a predominância da dimensão, ou componente, neofascista para definir o governo Bolsonaro. O que não se transfere automaticamente para tratar do regime político ou da forma de dominação adotada pelo Estado brasileiro depois de sua eleição. Afinal, um governo com um forte componente neofascista não necessariamente dará origem a um regime neofascista, assim como alguns políticos e governos fascistas na primeira metade do século XX também não lograram moldar completamente os regimes políticos de seus países ao gosto do fascismo.¹⁶⁸

Desse modo o autor consegue fazer uma análise resguardada de afirmações que poderiam ser precoces demais, mas sem que isso o impeça de afirmar a evidência de elementos de cariz fascistas na composição do governo bolsonarista. Esse é um ponto extremamente importante porque atenta para a complexidade dos regimes políticos, como sendo dinâmicos e cambiantes à medida que se faz preciso ser no interior da luta de classes.

¹⁶⁸ MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. São Paulo: Usina Editorial, 2020. p. 234.

Após esse exposto, é interessante notar como que por vezes alguns autores se utilizam de referências teóricas as quais simpatizam quase que como sinônimo de autoridade epistêmica absoluta a respeito dos temas que se discute. Esse parece ser um vício que acomete a ampla maioria dos autores, das mais variadas concepções teóricas, e talvez não seja necessariamente um problema, a problemática consiste quando tais referências são utilizadas de maneira mecânica e acriticamente, e em alguns casos tais signos de autoridade são utilizados mesmo quando a realidade material difere da apreciação que se faz diante dela. Aliás, essa questão também é válida para o inverso, no caso para a deslegitimação de determinados autores simplesmente por antipatia pessoal ou por representarem uma dada ideologia não aceita na visão do autor que escreve.

Não obstante, esse espinhoso debate a respeito da caracterização do bolsonarismo como sendo ou não fascista ainda merece uma análise mais aprofundada. Se no espaço de uma dissertação já não seria possível esgotar e resolver tal questão, não serão artigos que poderão dar conta de exprimir a essência ideológica do bolsonarismo. Que vale ressaltar se tratar de um processo histórico ainda sem um desfecho consolidado, com muitas alternativas no horizonte histórico de possibilidades.

No entanto, o que parece ficar evidente é que tanto as defesas do bolsonarismo como fascista, e como não sendo fascista são ou insuficientes ou postulam problemas em suas articulações e considerações¹⁶⁹. Falar em fascismo é falar de um conceito extremamente complexo, como também falar de uma experiência histórica. E é preciso ter clareza em alguns pontos dessa discussão.

Primeiro é preciso definir o que de fato é o fascismo (a partir da referência teórica que se faz mão obviamente). Segundo, é preciso destrinchar que existe o conceito fascismo, e também a experiência histórica (que não foi idêntica nos países que ocorreu). Terceiro, é preciso considerar que existe fascismo enquanto **movimento, regime, governo, e personalidades fascistas**. Por fim, mas não menos importante, é também preciso manter o rigor científico, e apesar do conceito poder ser alargado, existe um limite para isso, pois se não poderia se incorrer no erro de perder de vista a capacidade heurística do conceito e sua nervura seria totalmente esvaziada de sentido e validade para analisar a realidade histórica do bolsonarismo.

Mas, se existe um ponto consensual a todos os autores aqui utilizados é a ciência de que se tratando ou não de fascismo, o bolsonarismo oferece grave risco a já frágil democracia brasileira, e aspira resistência a esse período caótico e brutal.

¹⁶⁹ Algo que também pode ser justificado pela emergência do tema, algo muito difuso no período que tais autores escreveram, embora já tivessem elementos bastante concretos em sua composição.

3.2 Bonapartismo.

Existe todo um vigoroso debate em cima do conceito de bonapartismo, discutindo as condições e características dessa modalidade de dominação da burguesia, geralmente análises voltadas para a compreensão do fenômeno no sentido de governo ou regime. Mas, para nosso recorte de pesquisa em questão parece mais apropriado e interessante discutirmos somente a experiência histórica da obra do autor Karl Marx, “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte”, para identificarmos algumas das semelhanças desse contexto histórico que chamam a atenção para analisarmos os movimentos do bolsonarismo pré-eleições de 2018.¹⁷⁰

Nessa obra Marx expõem vários dos acontecimentos que precederam a conquista do Estado por Bonaparte, apresentando a construção política da *conjuntura* francesa dialeticamente relacionada a sua *estrutura*, que deram bases para o surgimento da figura de Bonaparte como uma opção política viável em meio à crise vivida pela França no período.

E é importante ressaltar esse ponto da análise de Marx pois nos revela a essência de seu método de análise histórica, conforme destacam os autores Ângelo Papim e Glaciélma Silva na seguinte passagem,

Engels (2011 apud MARX, 2011) revela que a análise clara do golpe “[...] só foi possível graças ao conhecimento preciso que Marx tinha da História francesa” (p. 21). Engels (2011 apud MARX, 2011) completa, ao afirmar que, o que chama de “[...] clarividência em relação aos fatos [...]” (p. 21) deve-se a capacidade de Marx de compreender “não só a história francesa passada, como a que estava em curso” (p. 21).¹⁷¹

Portanto, a metodologia utilizada por Marx considerava não só os acontecimentos da conjuntura francesa, mas também os traços estruturantes, para entrelaçar seus dados concretos e conhecer para além da aparência, a essência do fenômeno do 18 de Brumário.

¹⁷⁰ Entendemos ser interessante também por conta de Marx, apesar de não ter sido um historiador de fato, ter construído uma obra com evidente caracterização histórica em meio aos acontecimentos do fenômeno, fazendo sua análise sob a carne viva dos fatos. Algo que hoje poderíamos facilmente chamar de “História do tempo presente”, ou, conforme já expomos na introdução, “História do tempo imediato”.

¹⁷¹ PAPIM, A; SILVA, G. O papel da análise histórica em o 18 de brumário de Luís Bonaparte. **Unesp**. 18/10/2017. p.7. Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/upload/trabalhos/2017101816509.pdf>. Acesso em: 16/05/2022.

Todavia, das características da campanha bonapartista analisada por Marx podemos elencar alguns elementos que podem ser observados sob forma “semelhante” na realidade brasileira do bolsonarismo¹⁷². O primeiro deles:

3.2.1 A sociedade 10 de dezembro e os 300.

A sociedade 10 de dezembro, era um grupo mais ou menos organizado. Nas palavras de Marx:

Essa sociedade data do ano de 1849. Sob o pretexto da instituição de uma sociedade beneficente, o lumpemproletariado parisiense foi organizado em seções secretas, sendo cada uma delas liderada por um agente bonapartista e tendo no topo um general bonapartista⁴⁰. Roués [rufiões] decadentes com meios de subsistência duvidosos e de origem duvidosa, rebentos arruinados e aventurecos da burguesia eram ladeados por vagabundos, soldados exonerados, ex-presidiários, escravos fugidos das galeras, gatunos, trapaceiros, lazzaroni [lazarones], batedores de carteira, prestidigitadores, jogadores, maquereaux [cafetões], donos de bordel, carregadores, literatos, tocadores de realejo, trapeiros, amoladores de tesouras, funileiros, mendigos, em suma, toda essa massa indefinida, desestruturada e jogada de um lado para outro, que os franceses denominam la bohème [a boemia]; com esses elementos, que lhe eram afins, Bonaparte formou a base da Sociedade 10 de Dezembro. Era “sociedade beneficente” na medida em que todos os seus membros, a exemplo de Bonaparte, sentiam a necessidade de beneficiar-se à custa da nação trabalhadora. Esse Bonaparte se constitui como chefe do lumpemproletariado, porque é nele que identifica maciçamente os interesses que persegue pessoalmente, reconhecendo, nessa escória, nesse dejetos, nesse refugio de todas as classes, a única classe na qual pode se apoiar incondicionalmente; esse é o verdadeiro Bonaparte, o Bonaparte sans phrase [sem retoques].¹⁷³

Esse grupo promovia agitações políticas no seio da sociedade francesa com o intuito de favorecer os anseios de Bonaparte. Esses fiéis “súditos” de Bonaparte serviam como focos de desestabilização da república francesa, ajudando a intensificar a crise da conjuntura, uma vez

¹⁷² É importante ressaltar que não se trata aqui de uma comparação histórica profunda das duas realidades, e sim uma breve reflexão de elementos da conjuntura bonapartista que nos parecem interessantes para pensarmos alguns elementos da conjuntura bolsonarista em questão.

¹⁷³ MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2011. p. 91.

que promoviam ataques físicos e verbais contra os republicanos enquanto ressoavam os gritos de “viva o imperador”. Nas palavras de Marx, eram sua própria “força combatente”.¹⁷⁴

Movimento semelhante pôde ser identificado no Brasil de Bolsonaro em seu momento de “amadurecimento” político e ideológico, sobretudo durante o período das eleições. E mesmo não possuindo um nome específico - embora algumas células do bolsonarismo tenham de fato cunhado nomes para si, como os “300”, composto por bolsonaristas que tentaram pressionar decisões e posturas do próprio STF – de modo geral são geralmente rotulados vulgarmente por “bolsominions” pelos opositores civis, ou bolsonaristas, pela própria imprensa e intelectualidade.

Contudo, como vimos ao longo do capítulo 2, no decorrer do desenvolvimento do bolsonarismo vários desses grupos de bolsonaristas se prestaram a mesma função dos dezembristas de Bonaparte, criando agitações políticas e ideológicas para pavimentar as condições propícias da caminhada autoritária daquele que chamavam de “mito”, nesse caso, Jair Messias Bolsonaro, tendo seu auge de atuação sobretudo no período das eleições em 2018. Mas o grito de ordem da “força combatente” bolsonarista era diferente, por vezes clamavam até mesmo pela volta da ditadura brasileira de 1964. O que se assemelha a outro elemento que aproxima ambos os grupos, que para além da agitação que promoviam, exaltavam um passado autoritário onde supostamente existia “ordem”.

No entanto, por mais que muitos desses grupos agissem de modo mais ou menos “espontâneo”, ou sem nenhuma interferência direta de Bolsonaro, o que importa considerar são os efeitos dessas agitações e manifestações de contestação antipetista, e da velha política em si (sic). E assim ter em mente que o grande triunfo desses movimentos bolsonaristas foi ter conseguido colocar massas nas ruas, ter conquistado ideologicamente a preferência de grande parte dos setores médios, assim como parte não menos significativa da própria classe trabalhadora.¹⁷⁵

3.2.2 As transgressões constitucionais e leniência do judiciário.

Durante as digressões de Bonaparte, as notabilidades burguesas das cidades departamentais, os magistrados, os juízes comerciais etc., recebiam-no em toda parte, quase sem exceção, do modo mais servil, mesmo quando, como

¹⁷⁴ MARX, K. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. In: _____. **A revolução antes da revolução**. Vol. 2. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 275-278.

¹⁷⁵ Conforme já vimos no primeiro e segundo capítulos quanto a composição social do bolsonarismo, bem como as contradições dos trabalhadores que migraram do lulismo ao bolsonarismo.

em Dijon, atacava sem reservas a Assembleia Nacional e especialmente o partido da ordem.¹⁷⁶

Em nosso caso bolsonarista também não foram poucas as ocasiões nas quais Jair Bolsonaro insultou e ou desafiou princípios e pilares da própria constituição da democracia burguesa brasileira, como por exemplo quando disse a absurda frase numa ocasião em que dava entrevista para a rádio Jovem Pan: “O erro da ditadura foi torturar e não matar” (2008 e 2016)”.¹⁷⁷ Ou, quando discursando para apoiadores em evento na Paraíba no ano de 2017, disse:

Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem (2017).¹⁷⁸

E antes mesmo de estar cotado para se tornar presidente, quando disse em discurso na tribuna da câmara em 1999:

A atual Constituição garante a intervenção das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo (1999).¹⁷⁹

Também quando defendeu a tortura no mesmo ano, em ocasião que se referia a Chico Lopes, ex-presidente do Banco Central. “Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também” (1999)”.¹⁸⁰

Em qualquer democracia sólida e minimamente séria no mundo esse tipo de postura teria sido motivo de punição correspondente à gravidade dos fatos. Mas, em terras tropicais brasileiras as reações dos ministros do STF no decorrer desses mais de 15 anos de transgressões, apesar de condenatórias em sua maioria, nunca passaram de cartas de repúdio ou medidas insignificantes. Ações verdadeiramente concretas e ou severas, que poderiam e deveriam ter

¹⁷⁶ MARX, K. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. In: _____. **A revolução antes da revolução**. Vol. 2. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 307.

¹⁷⁷ **CARTACAPITAL**. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. 29/10/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 13/06/2022.

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ Idem.

sido feitas, jamais aconteceram, e esse ponto não pode ser de modo algum negligenciado, uma vez que a suprema corte brasileira teve várias chances de impugnar o perigoso desenvolvimento do bolsonarismo, mas optou por ser leniente, ou se omitir tacitamente, conforme os juízes que compunham o STF no período do golpe de 2016, pois devem ter aderido ao “grande acordo nacional. Com o Supremo, com tudo.”¹⁸¹ Conforme mencionado pelo ex-senador Romero Jucá, após um vazamento em relação a ocasião do golpe em cima de Dilma Rousseff.

3.2.3 As personas grotescas e carismáticas de Bonaparte e Bolsonaro.

A escória da sociedade burguesa acaba por formar a falange sagrada da ordem, e o herói Crapulinski entra triunfalmente nas Tulherias como “salvador da sociedade”.¹⁸²

Em certa altura de sua obra, Marx atribui a Bonaparte como sendo um “personagem medíocre e grotesco”.¹⁸³ Nesse ponto mais uma vez vemos uma enorme semelhança, Jair Bolsonaro é para além de sua postura inescrupulosa, também uma figura extremamente medíocre e grotesca, mas carismática para seus seguidores, e que conseguiu atrair uma massa de semelhantes e ou pessoas antipetistas que embora também enxergassem nele uma figura grotesca, apoiaram com o intuito de derrotar o petismo.

Não se trata aqui de atacar ou menosprezar a figura pessoal de Bolsonaro atribuindo a ele tais características, trata-se na verdade de constatar que apesar de toda sua aspereza, se Bolsonaro não possuísse para tantas pessoas todo um “carisma” provavelmente não teria conseguido angariar fileiras de bolsonaristas a seu dispor.

E aqui entra um ponto de distanciamento entre ambas as figuras, mas que também é ao mesmo tempo um ponto de extrema aproximação, no caso Bonaparte Marx destaca,

A tradição histórica deu origem à crença milagrosa dos camponeses franceses de que um homem chamado Napoleão lhes devolveria a glória perdida. E apareceu um indivíduo alegando ser esse homem por portar o nome de Napoleão, em decorrência da seguinte prescrição do Code Napoléon: “La

¹⁸¹ **EL PAÍS**. “A solução mais fácil era botar o Michel”. Os principais trechos do áudio de Romero Jucá. 24/05/2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html. Acesso em: 01/06/2022.

¹⁸² MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2011. p.37.

¹⁸³ Idem, p.18.

recherche de la paternité est interdite” [A investigação da paternidade é interdita]. Após vinte anos de vagabundagem e uma série de aventuras grotescas, cumpre-se a saga e o homem se torna imperador dos franceses. A ideia fixa do sobrinho se torna realidade porque coincidiu com a ideia fixa da classe mais numerosa entre os franceses.¹⁸⁴

E mais adiante complementa,

Porém, entenda-se bem. A dinastia Bonaparte não representa o camponês revolucionário, mas o camponês conservador; não o camponês que se projeta para além da condição social que garante a sua subsistência, ou seja, que se projeta para além da parcela, mas, antes, aquele que quer consolidá-la; não o povo do campo que quer subverter a velha ordem com a sua própria energia em aliança com as cidades, mas, pelo contrário, aquele que, apaticamente encerrado nessa velha ordem, quer ver a si mesmo posto a salvo e favorecido junto com a sua parcela pelo fantasma do Império. Essa dinastia não representa o esclarecimento, mas a superstição do camponês, não o seu parecer, mas o seu preconceito, não o seu futuro, mas o seu passado, não a sua moderna Cévennes⁶¹, mas a sua moderna Vendée⁶².¹⁸⁵

Portanto, Bonaparte tinha consigo uma parcela importante das massas da realidade francesa de sua época. E, de modo semelhante Bolsonaro também teve parcela relevante das massas no contexto brasileiro. Mas, o jogo político do bolsonarismo, sobretudo no período das eleições, não foi jogado entre trabalhadores (eleitores petistas), contra burguesia (eleitores bolsonaristas), é bem mais complexo do que isso. Dentre a composição de eleitores bolsonaristas existia também trabalhadores, mas não o trabalhador progressista ou revolucionário, minimamente crítico de sua condição de classe, e sim o trabalhador conservador, preconceituoso, que enxergava na figura de Jair o mito de Bolsonaro. Era um trabalhador não preocupado em construir um futuro, e sim restabelecer um passado. Neste caso, um passado mítico de uma suposta paz e harmonia do período ditatorial, onde muitos asseguram não ter existido corrupção, e sim “ordem e progresso”. Um passado onde pautas progressistas relacionadas a maternidade, sexualidade, gênero, e raça, não faziam parte do cotidiano mais comum.¹⁸⁶ E essa parcela de trabalhadores entendia e entende todas essas pautas como transgressões e ataques às suas referências e aos seus próprios modos de viver e se relacionar socialmente.

¹⁸⁴ Idem, p. 143.

¹⁸⁵ Idem, p. 144.

¹⁸⁶ Ao menos não possuíam a mesma visibilidade e espaço que possuem hoje.

3.2.4 O perigo vermelho. Tudo se tornou socialismo.

Por fim, o último ponto da conjuntura bonapartista que lembra a conjuntura bolsonarista, é o estigma da luta pela ordem contra a “anarquia”, e o perigo vermelho.

Toda e qualquer reivindicação da mais elementar reforma financeira burguesa, do mais trivial liberalismo, do mais formal republicanismo, da mais banal democracia é simultaneamente punida como “atentado contra a sociedade” e estigmatizada como “socialismo”.¹⁸⁷

Não foram poucas as vezes que muitos bolsonaristas e o próprio Bolsonaro se declararam como combatentes do socialismo, mesmo que esse socialismo não passasse de um mero liberalismo petista, como na ocasião que Jair Bolsonaro disse o seguinte:

Vamos nos unir, vamos unir esse Brasil aqui. Não vou botar um corneteiro para tocar uma corneta e dar o toque de sentido não, fiquem tranquilos, não vai ter isso não, mas unir, pelo exemplo, pela dedicação, pelo amor à pátria, pelo respeito da família, pela vontade de nos afastarmos de vez do socialismo, do comunismo.¹⁸⁸

E não importava a concretude dos fatos, e sim o recurso retórico de agrupar todo e qualquer opositor ao desígnio de perigo ou ameaça vermelha. Uma tática discursiva também presente em discursos fascistas, onde se cria o “nós”, a comunidade mitificada predestinada a salvar a sociedade, e o “eles”, todo o resto (socialistas e comunistas sobretudo), caracterizados como todo o “mal” da sociedade. Isto é, toda a depravação, corrupção, imoralidade, a ser combatida e eliminada da existência. Uma tática mesquinha, podre, bastante pobre, mas que ao que parece deu frutos na realidade bonapartista de mais de 150 anos atrás, e permanece dando frutos nos dias de hoje.

Não obstante, como dissemos, optamos por essa breve consideração de tais elementos utilizando a obra de Marx por captar o período dos acontecimentos precedentes ao golpe de 18 de Brumário, e se o fascismo é uma possibilidade de pensar o bolsonarismo, o bonapartismo,

¹⁸⁷ MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2011. p. 37.

¹⁸⁸ **REUTERS**. Bolsonaro diz defender país de comunismo e "curar" lulistas com trabalho. 06/10/2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-defender-pais-de-comunismo-e-curar-lulistas-com-trabalho/>. Acesso em: 30/05/2022.

ou movimento bonapartista do contexto de Bonaparte, também parece um caminho para futuras análises mais profundas quanto ao conteúdo concreto do governo bolsonarista em si.

3.3 Fascismo.

“Existe um ponto na história em que a burguesia é obrigada a repudiar o que ela própria criou.” - Gramsci¹⁸⁹

Existe toda uma vasta bibliografia acerca do fenômeno do fascismo que nos contornos desse trabalho seria inviável de ser discutida em sua completude. Por isso, optamos por debater sobre fascismo selecionando alguns dos principais teóricos a respeito do tema dentro do arcabouço teórico marxista, ou próximo a ele.

No entanto, como ponto de partida acreditamos ser pertinente discutir rapidamente qual a possibilidade de existência de um novo fenômeno fascista para os dias atuais e para isso utilizamos um importante autor fora do escopo marxista para começarmos nossa provocação. É o caso do historiador e cientista político, Robert Paxton, que argumenta sobre a possibilidade de uma reedição se não do fascismo tal como conhecemos em termos clássicos, mas de algo parecido, e igualmente perigoso.

Em sua obra “Anatomia do Fascismo”, Paxton argumenta da seguinte maneira:

De qualquer forma, um fascismo do futuro – uma reação de emergência a alguma crise ainda não imaginada – não teria que ter uma semelhança perfeita com o fascismo clássico, em termos de seus signos e símbolos externos. Algum movimento futuro disposto a “abrir mão das instituições livres” a fim de desempenhar as mesmas funções de mobilização de massas, tendo como meta a reunificação, a purificação e a regeneração de algum grupo prejudicado, decerto daria a si próprio um outro nome, e usaria símbolos novos. Isso não o tornaria menos perigoso.¹⁹⁰

Esse é um ponto fundamental, e talvez dos mais complexos, o fascismo nos dias atuais não necessariamente se reivindicaria enquanto fascismo. Talvez por questões de tática política, ou simplesmente por entenderem a necessidade de empregar algo de verniz renovado, algo mais

¹⁸⁹ GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos**. vol. II. Lisboa: Seara Nova, 1977. p. 361.

¹⁹⁰ PAXTON, Robert O. Outras épocas, outros lugares. In: _____. **Anatomia do Fascismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007. p. 286-287.

adequado às condições históricas do presente. Paxton reflete em sua obra um caráter não fixo do fascismo. Uma certa adaptabilidade, sobretudo do fascismo no poder, que congrega relações com outras ideologias de extrema-direita com objetivos em comum.¹⁹¹ O que também não significa que qualquer coisa possa ser entendida enquanto fascismo. Na verdade, essa questão somente joga luz sobre as contradições inerentes ao próprio fascismo, bem como a configuração do Estado burguês, cuja classe dominante se divide em frações de classes com correlações de forças distintas, mas que se interpolam em meio a sua dominação.

Assim, é de se supor que o fascismo no Brasil de hoje, sendo outra localidade, com outras estruturas históricas, estando em outra época, não tendo os mesmos elementos, certamente não seria o mesmo fascismo que o da Itália e Alemanha dos anos 20-40. Embora, algumas características centrais sejam necessárias para o entendimento dessa nova realidade como fascista. E nesse sentido avançamos agora para uma breve discussão acerca de questões fundamentais do fascismo histórico para podermos desenvolver nossa argumentação quanto ao caráter fascista dentro do bolsonarismo.

Em nosso entendimento, o fenômeno do fascismo está diretamente ligado às contradições próprias do sistema socioeconômico capitalista. A esse respeito, o autor Daniel Guerin argumenta a seguinte questão:

Los revolucionarios tienen una tendencia bien natural a ver todo desde su punto de vista. Por eso tienen la impresión de que el capitalismo recurre a la solución fascista, única y exclusivamente para vencer a la revolución proletaria que le amenaza. Es cierto que hay en ello algo de verdad; que los propietarios tienen miedo de la revolución y subvencionan a bandas de matones para atemorizar a los obreros. Pero no es por miedo a la revolución por lo que se deciden a confiar el poder al fascismo. Ni en Italia ni en Alemania existía un peligro revolucionario en el momento en que el fascismo tomó posesión del Estado. En realidad, aquéllos recurren a la solución fascista no tanto para protegerse contra los disturbios callejeros, como contra los transtornos ocasionados por su propio sistema económico. El mal que tratan de evitar está más bien dentro que fuera del sistema.¹⁹²

Ou seja, existe uma ligação orgânica entre fascismo e capitalismo, não sendo o fascismo somente um dispositivo para combater a classe trabalhadora organizada em momentos de crise revolucionária. Trata-se também de uma forma que a burguesia encontrou para contornar contradições e crises profundas de seu próprio sistema econômico.

¹⁹¹ PAXTON, Robert O. Outras épocas, outros lugares. In: _____. **Anatomia do Fascismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007. p. 283-336.

¹⁹² GUERIN, Daniel. **Fascismo y Gran Capital**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1973. p. 32.

No mais, em essência, é dentro desse mesmo sentido que o autor Bertolt Brecht se refere na seguinte passagem de uma de suas peças teatrais,

Vocês, melhor aprenderem a ver, em vez de apenas
Arregalar os olhos, e a agir, em vez de somente falar.
Uma coisa dessas quase chegou a governar o mundo!
Os povos conseguiram dominá-la, mas ainda
É muito cedo para sair cantando vitória:
O ventre que gerou a coisa imunda continua fértil!¹⁹³

O ventre continua fértil por se tratar exatamente do sistema capitalista. Não é possível pensar o fascismo em sua concretude sem pensar nas contradições do capitalismo. No entanto, a partir dessa constatação é preciso compreender de que maneira essa relação se desdobra dentro da luta de classes em tempos e espaços históricos distintos.

Nessa mesma linha de relação entre fascismo e capitalismo os autores marxistas Antonio Gramsci, Evguiéni Pachukanis, e Carlos Mariátegui, nos oferecem considerações pertinentes para o entendimento do fenômeno.

O autor Pachukanis, que observou o fenômeno fascista de perto também oferece uma interpretação bastante similar à do autor Daniel Guérin, na medida que considera a necessidade histórica do fascismo como não sendo algo estritamente como mecanismo burguês de enfrentamento e eliminação de setores da classe trabalhadora revolucionários.

Os adversários burgueses do fascismo lutam com todas as forças para provar que a tomada do poder pelos fascistas no outono de 1922 não pode ser justificada do ponto de vista da “salvação da Itália do bolchevismo”. Talvez nesse ponto eles estejam certos, pois sem uma ditadura, por meio dos métodos do parlamentarismo, a burguesia da Itália não poderia se sustentar – isso é absolutamente indiscutível. A ditadura foi necessária porque o governo parlamentar foi absolutamente incapaz de conduzir as medidas indispensáveis, necessárias para equilibrar o orçamento, eliminar o déficit, desenvolver a economia, fortalecer o debilitado aparelho de Estado; em resumo, para todas aquelas medidas financeiras e administrativas emergenciais que constituem as condições de estabilização capitalista e para as quais, como vemos em muitos outros países (Alemanha, França, Polônia etc.), os governos dão poderes emergenciais.¹⁹⁴

¹⁹³ Esse texto é o epílogo da célebre peça teatral “A resistível ascensão de Arturo Ui” de Bertolt Brecht. Com evidente e contundente referência ao fascismo.

¹⁹⁴ PACHUKANIS, Evguiéni B. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2020. p. 39.

Ora, Pachukanis ressalta que Mussolini teve enorme respaldo das classes dirigentes justamente para colocar em prática a cartilha da burguesia de sua época. (contraditório ou não, cartilha dos sonhos da própria burguesia liberal).

Tendo recebido nas mãos poder ilimitado e liberto das falações dos parlamentares, Mussolini muito rapidamente aprovou, nos terrenos políticos e econômico, tudo o que dele podiam esperar os círculos burgueses. Efetivou uma redução severa do aparelho estatal. Mussolini aboliu o Ministério do Trabalho, fundiu o Ministério da Economia com o da Fazenda, suprimiu uma série de postos de ministros aliados. Dissolveu a Guarda Real, uma força armada especialmente criada para fins policiais, na qual os fascistas não confiavam por ter sido criada por seu inimigo Nitti. Reduziu o efetivo inflado das estradas de ferro, eliminou sua escassez, racionalizou o transporte, equilibrou o orçamento, restaurou a disciplina em todo o aparelho do Estado. O déficit de orçamento, que chegava em 1922-1923 a 3,29 bilhões de liras, foi reduzido em 1923-1924 a 418 milhões de liras. Simultaneamente, Mussolini efetivou uma série de desnacionalizações: telefonia, radiotelegrafo, expedição de encomendas; aboliu o monopólio do fósforo; aboliu o imposto sobre herança, enquanto introduziu impostos sobre os salários aos médios proprietários de terra e fazendeiros; eliminou restrições de locação; aboliu a aposentadoria por idade; permitiu a retirada da jornada de oito horas e, em seguida, promoveu o aumento geral de uma hora diária. A derrota do movimento sindical permitiu a redução do salário do operário italiano a um dos mais baixos da Europa. Isso tudo, claro, possibilitou o crescimento da produção e do mercado capitalista na Itália entre 1924 e 1925.¹⁹⁵

Todas essas medidas adotadas pelo regime fascista denotam sua relação orgânica com a burguesia e o capitalismo. E qualquer análise que diminua ou negligencie essa relação é uma análise não fiel aos vastos dados que corroboram a nervura capitalista e burguesa do fascismo. E para além disso, seriam análises que não contribuiriam como ponto de partida referencial para pensar a possibilidade de manifestação fascista nos dias atuais.

Não obstante, o autor Antônio Gramsci entendia o fascismo em meio a sua complexidade enquanto um processo histórico dotado do entrelaçamento de alguns fatores, tais como uma crise de hegemonia (conforme já tratamos, que seria uma crise dentre a relação de representantes-representados); uma crise orgânica (crise generalizada envolvendo sobretudo a junção de uma crise política e econômica); uma guerra de posição (também entendido como “guerra de trincheiras”, de modo resumido entendido como uma disputa ideológica entre as classes almejando hegemonia dentro da sociedade); bem como uma revolução passiva, que de modo breve significa um tipo de revolução distinto da revolução jacobina, e passiva justamente

¹⁹⁵ PACHUKANIS, Evguiéni B. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2020. p. 41-42.

pelo seu caráter de contenção e reorganização do Estado pelo alto, onde as classes dirigentes tomam pra si a condução das transformações históricas pra elas necessárias.

A hipótese ideológica poderia ser apresentada nestes termos: ter-se-ia uma revolução passiva no fato de que, por intermédio da intervenção legislativa do Estado e através da organização corporativa, teriam sido introduzidas na estrutura econômica do país modificações mais ou menos profundas para acentuar o elemento “plano de produção”, isto é, teria sido acentuada a socialização e cooperação da produção, sem com isso tocar (ou limitando-se apenas a regular e controlar) a apropriação individual e grupal do lucro. No quadro concreto das relações sociais italianas, esta pode ter sido a única solução para desenvolver as forças produtivas da indústria sob a direção das classes dirigentes tradicionais, em concorrência com as mais avançadas formações industriais de países que monopolizam as matérias-primas e acumularam gigantescos capitais. Que um tal esquema possa traduzir-se em prática, e em que medida e em que formas, isto tem um valor relativo: o que importa, política e ideologicamente, é que ele pode ter, e tem realmente, a virtude de servir para criar um período de expectativa e de esperanças, notadamente em certos grupos sociais italianos, como a grande massa dos pequenos burgueses urbanos e rurais, e, conseqüentemente, para manter o sistema hegemônico e as forças de coerção militar e civil à disposição das classes dirigentes tradicionais. Esta ideologia serviria como elemento de uma “guerra de posição” no campo econômico (a livre concorrência e a livre troca corresponderiam à guerra de movimento) internacional, assim como a “revolução passiva” é este elemento no campo político. Na Europa de 1789 a 1870, houve uma guerra de movimento (política) na Revolução Francesa e uma longa guerra de posição de 1815 a 1870; na época atual, a guerra de movimento ocorreu politicamente de março de 1917 a março de 1921, sendo seguida por uma guerra de posição cujo representante, além de prático (para a Itália), ideológico (para a Europa), é o fascismo.¹⁹⁶

Desse trecho depreende-se uma série de questões do pensamento gramsciano que intercala vários conceitos pra tentar dar conta de interpretar o fenômeno do fascismo em meio a conjuntura europeia de longa, média, e curta duração, tendo as contradições do capitalismo como elemento fundamental para seu entendimento concreto.

Mas, e aqui nos interessa refletir a chave interpretativa comumente utilizada por muitos autores marxistas, e que fora diversa, e variadas vezes trabalhada por Gramsci, que seria o conceito de “revolução passiva” e sua utilidade para determinadas ocasiões. Para Gramsci, o conceito também poderia ser mobilizado para entender o fascismo inserido numa lógica de “revolução” (passiva), levada a cabo por segmentos da burguesia de modo que as exigências das massas fossem controladas e em certa medida limadas do processo histórico em questão.

¹⁹⁶ GRAMSCI. A. Caderno 10, Introdução ao estudo da Filosofia. In: **Cadernos do Cárcere**, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 298-300.

Seria assim, uma revolução feita pelo alto, com anuência de instituições do próprio Estado burguês.

Contudo, faz-se importante salientar que por “passiva” o autor Gramsci não intencionava de modo algum menosprezar a intensa atividade social que ocorreu com a conjuntura do fascismo italiano. Na realidade, passiva se dá no sentido de ausência de iniciativa popular, ou seja, um consenso ativo das massas, e em seu lugar a existência de um processo de “transformismo”, isto é, um trabalho de hegemonia (no caso da revolução passiva uma hegemonia restrita), no sentido de promover uma transformação molecular de quadros, indivíduos, ou partidos, de uma dada posição na luta de classes para o seio da lógica burguesa na sociedade.¹⁹⁷ E apesar desse processo ser caracterizado por um trabalho de produção de consenso, isso não ocorre necessariamente sem a existência de coerção, conforme salienta o autor Alvaro Bianchi,

Mas esse consenso é coercitivamente fabricado, na medida em que tende à destruição da força política dos grupos subalternos através da decapitação de suas lideranças, “isto é, a desarticulação e a paralisação do antagonista ou dos antagonistas através da absorção dos seus dirigentes, seja disfarçadamente, seja, em caso de perigo emergente, abertamente para lançar a confusão e a desordem nas fileiras adversárias.”¹⁹⁸

Resultando assim em um consenso “passivo”, onde as massas não lideram, pelo contrário, apesar de mobilizadas, são lideradas por uma burguesia que as dirige.

E além disso, passivo também pode ser entendido no sentido de que se trata de uma revolução sem revolução, uma vez que os agentes mobilizados não destroem a estrutura do capitalismo. O fascismo faz é salvar o capitalismo em meio a uma crise profunda reorganizando suas formas de relações de produção, operando mudanças “mais ou menos profundas” na estrutura do Estado burguês, e ampliando o papel do Estado na economia como forma de tentativa de contornar a crise orgânica instaurada em todo o mundo capitalista, sobretudo europeu, no pós guerra.

Em certo sentido, embora não possa ser entendido como a mesma coisa, a revolução passiva se assemelha ao conceito de modernização conservadora, na medida que o Estado opera

¹⁹⁷ BIANCHI, Alvaro. Revolução Passiva: o pretérito do futuro. **Revista Crítica Marxista**, São Paulo, v.23, n.23, 2006. p: 11-17. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo127A_Bianchi_23.pdf. Acesso em: 06/01/2023.

¹⁹⁸ Idem, p. 16.

mudanças “mais ou menos profundas” pensando num desenvolvimento mais acentuado do próprio Estado capitalista. Embora, e esse talvez seja o principal ponto de distinção dos conceitos, ao menos em uma das interpretações possíveis do conceito, na revolução passiva, argumenta o autor Thiago Marques Ribeiro, que para Gramsci seria um conceito diretamente ligado a expressão internacional da luta de classes. E dentre essa complexa teia de relações na análise gramsciana, Ribeiro argumenta o seguinte:

A partir desses exemplos, fica claro que Gramsci pretender estender o conceito de revolução passiva como critério para interpretar, além do período da Restauração europeia no séc. XIX, também a vaga histórica que se abre com a Revolução Russa de 1917. Assim como as revoluções passivas do séc. XIX tinham como objetivo operar o processo de formação do moderno Estado burguês contendo de todas as formas uma mobilização ativa das classes subalternas, as mudanças pelas quais vinha passando os Estados capitalistas após a Primeira Guerra Mundial, especialmente com a ampliação das lutas operárias e a elevação da importância da questão sindical, tinham como objetivo superar o fase crítica pela qual passava a sociedade capitalista de então evitando uma ativa participação das massas – o que poderia redundar, como na Rússia, na superação do próprio capitalismo e na derrubada das velhas classes dominantes. Portanto, trata-se de ampliação do conceito de revolução passiva para dar conta também dos fenômenos históricos próprios do século XX, mais especificamente, após a Primeira Guerra e a Revolução Russa. Uma revolução ativa, portanto, precederia as vagas de revoluções passivas.¹⁹⁹

Ou seja, o ponto crucial para diferenciar os conceitos reside sobretudo no final do exposto acima, “Uma revolução ativa, portanto, precederia as vagas de revoluções passivas.” E essa noção serve para além de distinguir os conceitos de revolução passiva e modernização conservadora, também para pensarmos se o que ocorre na atualidade brasileira sob bolsonarismo poderia ou não ser entendido como revolução passiva, uma vez que não temos a nível de expressão internacional uma revolução ativa recente que tenha aberto uma vaga de revoluções passivas mundo a fora.

No entanto, com uma outra interpretação do conceito de revolução passiva, o autor Alvaro Bianchi, argumenta que esta pode ser entendida de três formas:

Que tipo de revolução passiva? Gramsci não fala apenas, nos Cadernos do Cárcere, de uma revolução passiva. Ele esboça ao menos três formas

¹⁹⁹ RIBEIRO, T. R. M. Gramsci, Revolução Passiva e História Contemporânea. Saberes e práticas científicas. **Anpuh-Rio**. 2014. p. 5-6. Disponível em: <http://www.grupodetrabalhoeorientacao.com.br/Tiago-Ribeiro-Marques/Gramsci-revoluciao-passiva-e-hist%C3%B3ria-contemporanea.pdf>. Acesso em: 20/06/2022.

diferentes da revolução passiva: uma primeira que poderia ser chamada de francesa, uma Revolução passiva e crise de hegemonia segunda piemontesa e uma terceira americana. A forma francesa é aquela na qual a restauração é precedida por uma revolução, ou seja, há um evento disruptivo na política que tem como resposta uma restauração que evidentemente não consegue reconstituir a velha ordem, mas constitui uma nova forma de organização política na qual o novo e o velho conciliam-se entre si. Isto é bastante claro na análise que Gramsci faz do Termidor, na França, mas essa conciliação entre o velho e o novo também aparece na análise marxengelsiana dos acontecimentos de 1848 na França e na Alemanha. Nas palavras de Engels, no final de 1848, a Europa vivia uma situação paradoxal na qual as antigas classes que haviam sido deslocadas encontravam-se novamente no interior do Estado, mas em aliança com aquelas que tinham feito a revolução. Revolução-restauração é, assim, uma forma “francesa” da revolução passiva.⁴

A revolução passiva que conduz à constituição do Estado nacional italiano, ou seja, o Risorgimento, é uma segunda forma. Nessa forma não há revolução, embora haja uma transformação importante na esfera da política. O advento de um novo Estado nacional, evitando as formas cataclísmicas que teriam sido verificadas no caso francês, ou, na formulação de Gramsci – um novo Estado é constituído, mas sem o aparto terrorista francês, ou seja, sem o fenômeno jacobino. Como ocorre o processo de unificação italiana? Ocorre por meio da liderança do Estado piemontês, com o seu exército e em especial seu aparato diplomático, seu aparato estatal. A constituição do novo Estado nacional ocorre por meio de um processo de expansão do Piemonte, de sucessivas anexações dos antigos Estados. Chama muito a atenção que o Piemonte não se dá o trabalho de sequer renumerar a dinastia, a ordem dos reis. O primeiro rei da Itália é Vittorio Emanuele II. O novo Estado nacional italiano era uma extensão do Piemonte, inclusive na sua própria simbologia.⁵

A forma americana é uma terceira. É aquela que Gramsci analisa nos seus escritos sobre o americanismo e fordismo, quando ele está estudando justamente as transformações na esfera da produção com o advento da linha de montagem, mas também o New Deal nos Estados Unidos e o intervencionismo estatal na economia. Nesta forma, a inovação-conservação ocorre não no âmbito da política, mas no âmbito das forças produtivas. Ou seja, o que nós temos com este complexo americanismo-fordismo é uma atualização do capitalismo. Uma nova forma de apresentá-lo, uma nova maneira de organizar o processo de acumulação nessa economia capitalista.²⁰⁰

Dessas três formas, a primeira francesa não possui paralelo na atualidade brasileira, a segunda piemontesa igualmente não, e a terceira americana relacionada ao fordismo e New Deal, poderia talvez habilitar pensar o bolsonarismo enquanto revolução passiva, uma vez que o bolsonarismo apoiou a concretização da recente reforma trabalhista brasileira, bem como auxiliou na intensificação da uberização do trabalho na realidade do país. O que levou o autor Pedro Luiz Teixeira de Camargo, a lançar a seguinte hipótese:

²⁰⁰ BIANCHI, Alavaro. Revolução passiva e crise de hegemonia no Brasil contemporâneo. **Revista Outubro**, n. 28, abril de 2017. p. 30-31. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/04/02_Bianchi_2017.pdf. Acesso em: 05/01/2023.

Gramsci, acerca do fordismo e do taylorismo, relata com propriedade em sua obra *Americanismo e Fordismo* como isso se dá, considerando essa relação, inclusive, uma forma de revolução passiva, já que reorganizou todo o processo produtivo do século XX.

Trazendo para os dias atuais, será que o processo de uberização do trabalho não seria uma nova forma de revolução passiva das relações produtivas no século XXI? Será que esse processo, de lógica similar ao taylorismo (aumento máximo de produção diminuindo o custo com o trabalhador) não representa para a Revolução 4.0 o que Taylor e Ford significaram para a 2ª Revolução Industrial?

Porém, embora faça certo sentido, é preciso considerar também que o processo de uberização do trabalho brasileiro já vinha ocorrendo antes mesmo do bolsonarismo chegar ao poder. Dentro do próprio período petista já seria possível identificar tal situação, e a reforma trabalhista, expressão do governo golpista de Michel Temer, parece ter ratificado e acelerado algo já em curso. O que parece indicar que embora tais mudanças legislativas tenham de fato seu conteúdo devastador para a classe trabalhadora, talvez não sejam suficientes para considerá-las enquanto uma atualização a nível estrutural e até mesmo permanente do capitalismo brasileiro.

Na realidade, a “uberização” do trabalho talvez pudesse ser entendida não como uma atualização do capitalismo, e sim uma espécie de retomada de algo que em essência já existia dentro do capitalismo. Como bem observou Virgínia Fontes, citando o trabalho por peça de Marx:

“Dado o salário por peça, é naturalmente do interesse pessoal do trabalhador aplicar sua força de trabalho o mais intensamente possível, o que facilita ao capitalista elevar o grau normal de intensidade. Do mesmo modo, é interesse pessoal do trabalhador prolongar a jornada de trabalho.” [...] “mesmo permanecendo constante o salário por peça, implica em si e para si uma baixa de preço do trabalho.” [...] “Mas a maior liberdade que o salário por peça oferece à individualidade tende a desenvolver, por um lado, a individualidade e, com ela o sentimento de liberdade, a independência e autocontrole dos trabalhadores, por outro lado, a concorrência entre eles e de uns contra os outros.” Marx (1985, pp. 141-142. *apud* FONTES, 2017, p.47).²⁰¹

Mas a uberização seria certamente um processo de rearticulação das relações de trabalho, que obviamente impactam o processo produtivo e as estratégias da burguesia na

²⁰¹ FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Revista Niep**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 8, p. 45- 67, 2017. p. 47. Disponível em: <http://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/220>. Acesso em: 12/01/2023.

extração de mais-valor. Bem como a própria ideia que se tem do trabalho, como se o empreendedorismo estivesse extinguindo as relações de trabalho na sociedade, e não na verdade substituindo as relações de emprego (assegurado por direitos) para os trabalhadores, por uma selva onde o trabalhador trabalha, mas não tem emprego e nem seguridade de direitos, conforme destacado por Fontes:

Essas iniciativas não acabam com o trabalho, mas aceleram a transformação da relação empregatícia (com direitos) em trabalho isolado e diretamente subordinado ao capital, sem mediação contratual e desprovido de direitos. Antes como depois, o interesse central do capital prossegue sendo a extração e a captura do mais-valor.²⁰²

E de fato, com a uberização do trabalho nas últimas décadas ocorre uma espécie de transformação nos Estados capitalistas.

Os Estados capitalistas realizaram um duplo movimento: reduziram sua intervenção na reprodução da força de trabalho empregada, ampliando a contenção da massa crescente de trabalhadores desempregados, preparando-os para a subordinação direta ao capital. Isso envolve assumir, de maneira mais incisiva, processos educativos elaborados pelo patronato, como o empreendedorismo e, sobretudo, apoiar resolutamente o empresariado no disciplinamento de uma força de trabalho para a qual o desemprego tornou-se condição normal (e não apenas mais ameaça disciplinadora). O crescimento da violência estatal é, portanto, um aspecto dos mais importantes, e merece estudos detalhados.²⁰³

A burguesia consegue com isso estabelecer relações contratuais de trabalho desprovidas de direitos, resultando numa extração direta e ainda mais brutal de mais-valor da classe trabalhadora, bem como uma maior alienação da consciência de classe dos trabalhadores.

A grande questão aqui seria entender que o bolsonarismo não inaugura nenhuma dessas questões, e sim se coloca no curso da intensificação de tais mudanças e “reatualizações” do capital no Brasil, isto é, se coloca na esteira desse que é um dos traços do neoliberalismo que exerce influência concreta em solo brasileiro desde pelo menos o início dos anos 1990.

Assim, para pensar o bolsonarismo enquanto revolução passiva no sentido de reorganização do processo produtivo e atualização do capitalismo, seria preciso então

²⁰² FONTES. Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Revista Niep**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 8, p. 45- 67, 2017. p. 49. Disponível em: <http://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/220>. Acesso em: 12/01/2023.

²⁰³ Idem, p. 55.

considerar todo o lastro de uberização do trabalho oriundo de governos anteriores, começando talvez pelo governo FHC, passando pela experiência petista no poder, e considerando então o bolsonarismo como parte desse longo processo de revolução passiva à brasileira.

O autor Alvaro Bianchi, por exemplo, considera em alguns de seus trabalhos a experiência do lulismo enquanto uma forma de revolução passiva no Brasil. Seria preciso um trabalho mais detido e direcionado a esse tema em específico para refletir se o bolsonarismo poderia ser incluído numa espécie de continuum da revolução passiva lulista, em que pese as contradições disso, para compreendermos melhor a adequação e ou utilidade do conceito. No entanto, em um artigo recente o próprio Bianchi conclui um de seus textos a respeito da questão da revolução passiva no Brasil da seguinte maneira:

Então, e com isso é possível concluir, está na hora de deixarmos de lado, para entender o momento atual, a noção de revolução passiva e começarmos a mobilizar a noção de crise orgânica. A revolução passiva brasileira já se esgotou, e se esgotou nesta crise econômica e política que estamos vivendo. Se quisermos compreender a situação presente, o conceito de crise orgânica será mais produtivo.²⁰⁴

Desse modo, apesar da elasticidade que o conceito de revolução passiva comporta, pensando nas análises da atualidade que se debruçam sobre essa interpretação gramsciana da realidade, parece adequado entender que trilhar o caminho da revolução passiva para compreender o fenômeno do bolsonarismo seria um equívoco. E concordando com o autor, o conceito de crise orgânica parece de fato ser mais produtivo e esclarecedor para nossa conjuntura.

Contudo, pensando em outra característica no caso do fascismo italiano que poderia nos auxiliar a tentar compreender mais a fundo a essência do fascismo, temos sua composição social, ou seja, a pequena burguesia rural e urbana como Gramsci salienta, que por conta de sua função social majoritariamente policial e não produtiva como são as massas trabalhadoras (camponeses, operários), não pôde e nem teve interesse em empreender uma ofensiva plenamente revolucionária contra o Estado burguês. Desse modo, não existiu um projeto político de poder da pequena burguesia distinto ao da alta burguesia no contexto italiano, ela

²⁰⁴ BIANCHI, Alvaro. Revolução passiva e crise de hegemonia no Brasil contemporâneo. **Revista Outubro**, n. 28, abril de 2017. p. 35. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/04/02_Bianchi_2017.pdf. Acesso em: 07/01/2023.

nada mais fez que reajustar forças dentro do próprio Estado capitalista, mas, sem destronar as classes tradicionais, e sim se unindo a elas.²⁰⁵

Aliás, não é difícil atestar essa elaboração de Gramsci quando analisamos a própria composição social do fascismo no poder. Mussolini não destrona a monarquia, é coroado por ela, Mussolini não derruba a Igreja Católica, a torna aliada, Mussolini não ataca o sistema capitalista, ele o desenvolve às custas do controle absoluto do Estado e domesticação massiva da classe trabalhadora. O fascismo, com apoio fundamental da pequena burguesia, cumpriu uma importante função de controlar e disciplinar a classe trabalhadora para que fosse possível que um país como a Itália fizesse frente a outras potências industriais mais avançadas que monopolizavam as matérias-primas da conjuntura observada por Gramsci.

Nesse sentido, o autor Daniel Guerin parece corroborar o que Gramsci desenvolveu em seu pensamento. Em uma de suas pesquisas o autor identifica como se deu o apoio industrial ao Fascismo histórico. E considera dois polos industriais em sua análise: O primeiro das indústrias pesadas, que obviamente tinham muito a ganhar com a guerra imperialista que fazia parte fundamental da doutrina fascista, assim como sua ofensiva direta contra o proletariado organizado, e por isso apoiavam politicamente o regime. E o segundo polo, das indústrias leves, com um outro tipo de apoio, algo mais passivo que ativo, como explica o autor na seguinte passagem:

Pero los grupos capitalistas de la industria ligera son incapaces de resistir al fascismo y, aunque no desean su triunfo, no hacen gran cosa para cerrale el camino. ¿Por qué? En primer lugar porque el fascismo es un movimiento «nacional», es decir, al servicio de las clases poseedoras, y que por ello merece su simpatía o, al menos, su indulgencia. Además, ingenuamente, creen que el fascismo no llegará a instaurar una ditadura «totalitaria», que el fascismo es un movimiento político más, y que, como tal, le podrán manejar y utilizar de acuerdo con sus conveniencias. Por eso los políticos «liberales», que tienen estrechas relaciones con los medios de la industria ligera, tratan con gran tolerancia al fascismo. Fieles a sus tácticas habituales de «paz social», se imaginan que el fascismo, una vez domado y parlamentarizado, les servirá de contrapeso de las fuerzas proletarias.

Pero el día que el fascismo, con gran asombro suyo, se haya convertido en una fuerza política considerable que persigue sus propios fines, un movimiento de masas que no pueden contener sin emplear contra él la fuerza armada, entonces la industria ligera y los políticos «liberales» colocarán su solidaridad de clase por delante de su divergencia de intereses. Se horrorizan ante la perspectiva de verter la sangre de «patriotas» y se resignan al triunfo del fascismo. Entonces, el capitalismo en su conjunto se une para instalar al fascismo en el poder.²⁰⁶

²⁰⁵ GRAMSCI, A. **Escritos políticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2004, 2v. p. 270.

²⁰⁶ GUERIN, Daniel. **Fascismo y Gran Capital**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1973. p. 38.

Ou seja, fica evidente o caráter classista do regime fascista na medida que se compreende que os mais diversos setores da burguesia acabaram por optar, de modo ativo ou passivo, isto é, apoiando ou conformando-se ao regime, para que esse pudesse resolver suas questões econômicas de primeira ordem, como também oferecer uma ofensiva radical contra os trabalhadores organizados em meio a luta de classes candente daquela conjuntura. E por isso mesmo se configura enquanto revolução passiva na visão de Gramsci: “Seria possível dizer que se tratou sempre de revoluções do “homem de Guicciardini” (no sentido de De Sanctis), nas quais os dirigentes salvaram sempre o seu “particular”.²⁰⁷

Falando um pouco mais sobre o caráter de classe burguês e capitalista do fascismo temos também um autor mais recente, Gilberto Calil, que o caracteriza do seguinte modo ao pensar na composição social do fascismo tendo a pequena burguesia como substrato social predominante.

Uma das características fundamentais do fascismo, em suas distintas experiências históricas, é o fato de que embora se constitua como expressão dos interesses do grande capital (como as políticas concretas dos regimes fascistas comprovam fartamente), sua ascensão é impulsionada fundamentalmente por setores intermediários, muito especialmente a pequena burguesia. Esta característica, que hoje se observa nitidamente nos dados das pesquisas eleitorais (ainda que diluídos nos critérios de “faixa de renda” usados pelos institutos de pesquisa) e também na conformação de milícias e grupos de ação violenta, foi observada também durante a ascensão do nazismo, por Wilhelm Reich, que observando os dados eleitorais comprovou o apoio majoritário da pequena burguesia urbana e rural ao nazismo.²⁰⁸

É claro que existem distinções entre a pequena burguesia do fascismo histórico com a pequena burguesia da atualidade. Mas, analisando a base eleitoral dos candidatos à presidência do Brasil em 2018, os setores médios (cuja composição inclui a pequena burguesia), aparecem compondo a base social majoritária do bolsonarismo²⁰⁹. É um elemento que não pode ser desprezado pois demonstra um indicativo importante do fenômeno autoritário do bolsonarismo.

²⁰⁷ GRAMSCI, A. Caderno 10, Introdução ao estudo da Filosofia. In: **Cadernos do Cárcere**, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 393.

²⁰⁸ CALIL, G. Gramsci e o Fascismo: A posição da pequena burguesia. **Esquerda Online**. 07/10/2018. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/10/07/gramsci-e-o-fascismo-a-posicao-da-pequena-burguesia/>. Acesso em: 12/07/2021.

²⁰⁹ DATAFOLHA. Pesquisa Datafolha: veja perfil dos eleitores de cada candidato a presidente por sexo, idade, escolaridade, renda e região. **Instituto de pesquisa**. 03/10/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/pesquisa-datafolha-veja-perfil-dos-eleitores-de-cada-candidato-a-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-e-regiao.ghtml>. Acesso em: 20/07/2021.

Outra importante contribuição ao debate vem das mãos do autor latino-americano, Mariátegui, que dentro de uma lógica indo-americana, considerava o fascismo nos seguintes termos:

O “fascismo” podia vencer na guerra; não podia vencer na paz. O “fascismo” não é um partido; é um exército. É um exército contra-revolucionário, mobilizado contra a revolução proletária, num instante de febre e de belicosidade, pelos diversos grupos e classes conservadores. O “fascismo” é, por conseguinte, um instrumento de guerra. Sua ação não pode ser senão violenta. A paz significa para ele a inação, a desocupação.

Os “fascistas” provêm dos diferentes partidos e setores burgueses. O “fascismo” não constitui, portanto, um conglomerado homogêneo. Em suas fileiras há elementos de filiação e origem claramente reacionárias e conservadoras. Nelas está representada toda a vasta gama social em que se recruta o proselitismo liberal, radical, democrático, republicano e nacionalista.²¹⁰

A definição de Mariátegui quanto ao fenômeno do fascismo histórico é interessante na medida que este chama atenção para o caráter burguês e também contrarrevolucionário do fascismo, se não como já vimos, necessariamente um instrumento de guerra utilizado diretamente contra uma revolução em curso, tal como destacam Guérin e Pachukanis, é ao menos um movimento histórico essencialmente contrário aos avanços da classe trabalhadora, uma vez que seja para eliminação sumária de parcela da classe trabalhadora organizada ou para sanar os problemas da ordem do capital, o desenvolvimento do capitalismo significa concretamente avançar sobre o conjunto da própria classe trabalhadora, pois não existe desenvolvimento capitalista sem expropriação, sem exploração, sem morte. O fascismo só escancara e intensifica isso.

Mas, como destaca Mariátegui, o elemento candente do fascismo é a violência. Não existe fascismo sem o emprego da violência. Seu *modus operandi* sempre pressupõe a ação violenta em tempos violentos. Se hoje o bolsonarismo não encontra um contexto belicoso de guerra clássica conforme conjuntura do entreguerras, encontra um contexto de crise estrutural e humanitária do capitalismo, uma vez que este se desenvolve na esteira da segunda maior crise da história do capitalismo, deflagrada em 2008 e desenvolvida na década seguinte com mais intensidade no Brasil. Como também a mais recente crise operada pela pandemia de covid-19 já tendo Jair Bolsonaro enquanto presidente do país. Resultando na mistura de ingredientes

²¹⁰ MARIÁTEGUI, J. C. **As origens do fascismo**. São Paulo: Alameda Casa Editorial. 2008. p. 179-180.

clássicos do surgimento do fascismo, como os sentimentos de medo e desesperança em meio ao crescimento da violência em função do desespero que paira na sociedade.

3.4 Fascismo como traço histórico brasileiro em meio a contrarrevolução “a quente”.

É importante observarmos a luz da obra do sociólogo marxista Florestan Fernandes, sua apreciação quanto a essência autocrática do Estado burguês brasileiro, como também as contradições próprias do desenvolvimento histórico do país. Pois para Fernandes, a estrutura do Estado brasileiro é composta por alguns elementos particulares, dentre eles o fascismo, como define:

Quarto, a aliança de classes possuidoras dotadas de força desigual (e também, portanto, privilegiadas de forma desigual pela contra-revolução) desemboca na criação de um Estado autocrático burguês de várias faces (como já discuti algures, há a face democrática, que se vincula à existência e à eficácia de uma democracia restrita, indispensável ao funcionamento da ordem contratual inerente ao capitalismo e à sua forma de trabalho; há a face autoritária, que se vincula à atuação do Estado, que precisa absorver várias funções especiais de acumulação e de proteção do lucro, bem como intervir diretamente na constituição da infra-estrutura da economia de monopólio, na fixação das “regras do jogo”, e na saturação de certos “vazios econômicos”; há a face fascista, vinculada à coexistência de uma ordem constitucional e legal ritualizada e de uma ordem institucional efetiva, pela qual o despotismo de classe deixa de ser uma “emergência” e passa a ser uma necessidade fundamental do equilíbrio político). Ora, essa multiplicidade de faces diz alguma coisa. A sociedade de classes que cria esse tipo de Estado burguês injeta nele um elemento político que o torna intrinsecamente instável. Ele reflete contradições que não podem ser conciliadas no plano econômico e social – e que, por isso mesmo, são absorvidas pelo Estado, convertendo-o em um Frankenstein.²¹¹

E a partir dessa caracterização o autor se debruça no entendimento do movimento histórico da dominação burguesa brasileira, identificando que historicamente o Brasil tende a assumir duas formas de contrarrevolução. A primeira denominada “a frio”, que pode ser entendida nos momentos em que o regime político assumiu sua forma mais “democrática” (ainda que de modo restrito na visão do autor). Portanto - e aqui pegamos emprestado uma das idéias de Gramsci (consenso-coerção) - algo mais “consensual” em certa medida, mas sem que

²¹¹ FERNANDES, Florestan. **Brasil: em compasso de espera**. Pequenos escritos políticos. SP: HUCITEC, 1980. p. 121.

sua essência “coercitiva” desaparecesse. A segunda, chamada “a quente” (bastante recorrente na história do Brasil), que seriam os períodos de maior coerção do Estado brasileiro frente a luta de classes, ainda que também produzisse certo grau de consenso.²¹²

Tal compreensão de Fernandes nasce a partir do entendimento da dinâmica da contrarrevolução em solo brasileiro. Para o autor, a contrarrevolução no país se dá de modo permanente. Isto é, faz parte da estrutura histórica da luta de classes encarnada no Brasil. E assim existe na natureza histórica da burguesia brasileira uma tendência a forjar contrarrevoluções preventivas, pois a burguesia nacional se articula frequentemente com frações burguesas do capital estrangeiro com intuito de prevenir possíveis transformações sociais reais, e até mesmo prevenir que se forme condições materiais para que a classe trabalhadora possa sequer pensar em se aventurar num movimento revolucionário ou contestador da ordem. E para além disso, a articulação política com o capital estrangeiro também gera contornos políticos a nível nacional que favorecem os interesses imperialistas no Brasil.²¹³

Desse modo, quando se analisa o desenrolar da contrarrevolução no Brasil, precisa-se considerar todos esses elementos estruturantes de sua realidade, tais como: condição de capitalismo periférico; imperialismo; formação social dominante autocrática com passado escravagista; assim como a face fascista do Estado brasileiro. Para assim ser possível chegar a uma interpretação concreta do que ocorre no Brasil atual com o bolsonarismo, uma vez que a ação concreta de resistência carece de uma igual interpretação concreta para que a classe trabalhadora entenda as urgências de seu período histórico e consiga resistir da maneira mais efetiva.

Não obstante, alguns setores da sociedade acreditavam que a democracia brasileira teria evoluído a tal ponto que estivesse sólida o suficiente para ampliar a face democrática do Estado brasileiro. No entanto, o bolsonarismo serviu para evidenciar que a face fascista do Estado brasileiro permanece viva e operante, assim como a contrarrevolução a quente expressa pelo bolsonarismo nos últimos anos.

E este fato ocorre não por estarmos vivendo um período de perigo para a dominação da classe dominante, mas sim por conta de disputas internas entre frações da burguesia e por questões de reorganização da economia brasileira, visando maior aprofundamento da exploração e espoliação dos poucos direitos e assistências sociais garantidos no país.

²¹² Idem. p. 113-130.

²¹³ Idem.

A contrarrevolução a quente representada pelo bolsonarismo, apesar de no plano do discurso colocar sua missão histórica de combate ao “perigo vermelho”, o que se opera na realidade é uma readequação das garantias sociais do Estado brasileiro. Bolsonaro nada mais é do que o que se tem de mais arcaico na história brasileira, mas se utiliza de elementos tecnológicos novos como a internet e redes sociais para poder difundir e manter seus princípios de classe junto aos seus seguidores.

Todavia, nessa nova fase da contrarrevolução a quente consolidada pelo bolsonarismo, ocorreu um aprofundamento dos elementos fascistóides²¹⁴ do aparelho de Estado brasileiro.

Violência e sobre expropriação são elementos estruturantes da natureza da burguesia brasileira. A expansão do capitalismo dependente realiza a renovação, com novas aparências, do próprio capitalismo dependente, fazendo com que a frágil democracia restrita, em curso historicamente no Brasil, sob qualquer ameaça mínima à estabilidade da ordem burguesa, adquira a feição de uma catástrofe iminente, provocando estados de extrema rigidez estrutural.²¹⁵

Como já vimos nos capítulos anteriores, essa violência se apresentou de formas distintas nos últimos anos, desde o plano do discurso bolsonarista, como em ações concretas de seus apoiadores visando a desestabilização da democracia brasileira. Utilizando por vezes referências fascistas para promover ações de agitação política e violência contra alvos determinados no conjunto das minorias da sociedade brasileira. Tudo isso sob a tutela das frações de classe golpistas do Estado burguês brasileiro.

Contudo, um aspecto importante levantado pela autora Kátia Lima, se dá sobre a renovação que ocorre na dominação burguesa brasileira. No caso uma renovação brutal para o conjunto da classe trabalhadora.

Também no capitalismo dependente, a condição colonial permanente se renova. O burguês tem a mentalidade do senhor rural. O ódio de classe manifesta-se pela intolerância religiosa, pelo racismo, pela aversão aos indígenas, a homofobia e a misoginia. São as expressões do ódio ressignificadas cotidianamente desde o Brasil colônia. Assim, a contrarrevolução permanente e prolongada no capitalismo dependente é ainda mais violenta, pois, objetiva garantir a movimentação lucrativa para o imperialismo e para a burguesia local. A nação é, desta forma, uma noção

²¹⁴ E o termo como já vimos, possui variações, alguns autores preferem outras terminologias, como protofascismo, neofascismo, pós-fascismo. Dependendo de suas referências e intenções na utilização de tais termos, que apesar de próximos nem sempre dizem o mesmo.

²¹⁵ LIMA, K. R. de S.. (Org.). **Capitalismo dependente, racismo estrutural e educação brasileira: diálogos com Florestan Fernandes**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. p. 48.

reduzida aos interesses toscos e imediatistas da burguesia nativa. Essa burguesia é incapaz de conduzir sequer ações dentro da ordem burguesa que interessem ao próprio capital, ou melhor, conduzem essas ações ao mínimo para garantir a reprodução do seu projeto de sociabilidade apresentado como uma concepção de mundo universal. Em seu horizonte intelectual, a burguesia brasileira combate a mais remota possibilidade de organização da classe trabalhadora com vistas à revolução contra a ordem burguesa, e, mesmo as ações dentro da ordem são reduzidas, esvaziadas e apresentadas como “ameaças comunistas”.²¹⁶

Desse modo, não surpreende que todo esse ódio de classe se manifeste com bastante força após um período de contrarrevolução a frio. Haja vista que durante o período da assim chamada “democracia” brasileira, sobretudo no período petista no poder, ocorreu uma expansão, ainda que dentro de certos limites, de pautas do campo progressista da sociedade. E isso parece ter acarretado todo o ódio manifesto pelo bolsonarismo nos últimos anos, quando a burguesia brasileira resolveu romper com o pacto de conciliação de classes da contrarrevolução a frio e colocar em prática, mais uma vez, a contrarrevolução a quente.

Assim, o racismo, a LGBTfobia, a misoginia, e demais elementos do discurso de ódio do bolsonarismo não são meros discursos, ou elementos menos importantes frente a questões econômicas. São na verdade elementos estruturantes da realidade histórica brasileira que se farão presentes, de tempos em tempos, em maior ou menor grau, enquanto a estrutura capitalista subsistir no Brasil. E ainda que muitos atores sociais do campo progressista acreditem ser possível obter avanços e conquistas sólidas dentro dos limites de atuação da contrarrevolução a frio da burguesia, no plano concreto o que ocorre é, pegando emprestado a expressão pertinente que Rosa Luxemburgo usou em seu famoso livro “Reforma ou Revolução”, um “trabalho de Sísifo”. Ou seja, são avanços que ocorrem de tempos em tempos, em função de conjunturas favoráveis nas quais a classe trabalhadora consegue avançar em algumas de suas pautas, mas logo em seguida a pedra é novamente rolada para baixo, fazendo com que todo o trabalho tenha que ser refeito, ou pelo menos grande parte dele. Um destino ingrato, uma maldição, que só poderá ser quebrada por intermédio de uma revolução social que ponha abaixo toda a estrutura capitalista da sociedade brasileira. Levando consigo os pilares do patriarcalismo, racismo estrutural, e todas as mazelas que estruturam o Estado brasileiro.

Contudo, na visão de Fernandes, identificar a existência de fases da contrarrevolução como sendo a quente e a frio, não quer dizer de modo algum que em sua fase fria seja um período sem violência, ou “menos selvagem”, e sim que a história da luta de classes no Brasil

²¹⁶ Idem, p. 52.

expõe a distinção desses períodos de forma mais ou menos evidente. Mas em ambos os processos, segundo a linha de pensamento de Fernandes, os pilares da expropriação, exploração, e dominação, coexistem²¹⁷. Portanto, as contradições do capital sobre o trabalho nunca desaparecem. Assim como a violência permanente, com níveis de intensidade distintos nas referidas condições a quente e a frio. E nesse sentido, conforme esclarece Lima,

Assim, o fascismo nos países capitalistas dependentes “pressupõe mais uma exacerbação do uso autoritário e totalitário da luta de classes, da opressão social e da repressão política pelo Estado, do que uma doutrinação de massa e movimentos de massa” (FERNANDES, 1981, p. 17).

Neste sentido, Florestan Fernandes (1981) considera que o fascismo nestes países, marcados por propensões internas para o autoritarismo, é substancialmente contrarrevolucionário “a quente” ou “a frio” e atua em dois sentidos: para impedir que a democratização (democracia de participação ampliada), nos limites da democracia burguesa, conforme destacamos anteriormente, ameace a superconcentração de riquezas, prestígio e poder nos marcos da “revolução dentro da ordem” e para impedir os movimentos socialistas com vistas à “revolução contra a ordem”. Essa forma de fascismo na América Latina tem, portanto, um papel fundamental de autodefesa e de auto privilégio das classes dominantes.²¹⁸

Portanto, o fascismo conforme o pensamento de Fernandes, estaria inserido na dinâmica da conformação histórica do Estado autocrático brasileiro. E por isso seria um fascismo com características próprias de um país de capitalismo dependente. No entanto, o entendimento de Fernandes a respeito do fascismo e sua aplicação em um país de capital dependente como o Brasil se mostra interessante na medida que o autor não tenta pegar a teoria fascista com base na experiência europeia e forçá-la para encaixa-la de qualquer jeito em nossa realidade. Faz na verdade um esforço de refletir como que os elementos fascistas incidem numa dada realidade onde as condições materiais, e, portanto, históricas, diferem das condições nas quais o fascismo nasceu.

Porém, a formulação de seu entendimento de tais questões estava calcado sobretudo a partir da experiência histórica que a ditadura empresarial-militar de 1964 teve para seu pensamento. Mas, pensando todas as características do bolsonarismo analisadas parece mais apropriado que talvez essa característica “menos mobilizante das massas” do fascismo dependente e tropical tenha se alterado na presente realidade, uma vez que o bolsonarismo tenta

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ Idem, p. 53-54.

mobilizar sua massa de apoiadores sempre que possível, pois para eles se trata de uma intensa jornada de combate ao marxismo cultural, que exige esforço permanente para tal.

3.5 Movimento bolsonarista e elementos fascistas.

Longe de se encerrar somente na figura de Jair Bolsonaro, o bolsonarismo conta com outros adeptos, e até mesmo “intelectuais”²¹⁹, como no caso do já referido Olavo de Carvalho, uma espécie de “guru” da família Bolsonaro, que fez parte fundamental da ascensão do bolsonarismo. Este representou talvez a ala mais irracional e radical do bolsonarismo, com evidente anseio autoritário e reacionário. Como aborda o autor Marco Nogueira,

A ideia lançada nas redes pelo escritor reacionário Olavo de Carvalho de criar uma “milîtancia bolsonarista organizada” é um passo à frente no movimento que elegeu e defende Bolsonaro.

Se, antes, se tratava de um vasto e impreciso estado de espírito – majoritariamente antipetista e preocupado em “regenerar moralmente a Nação” –, agora se deseja um bolsonarismo projetado como movimento político organizado.

“Notem bem – escreveu Olavo –, eu não disse milîtancia conservadora nem milîtancia liberal. A política não é uma luta de ideias, é uma luta de pessoas e grupos”.

Quer dizer, tropas ativas, financiadas e estruturadas de modo permanente, com atuação diária de ataque e defesa. Não só um partido, organização que atua nos limites da legalidade, como o PSL, mas algo que extrapola a política propriamente dita e se debruça sobre um arsenal de expedientes e armas de combate. Invariavelmente, o ataque privilegia as instituições, em particular as políticas, estatais, tidas como barreiras que impedem a regeneração almejada. Sozinho, Bolsonaro já barbariza bastante. O que acontecerá se contar com uma base mobilizada de pessoas dispostas a “morrer por ele”?²²⁰

Felizmente, essa tentativa de instituir um movimento político organizado de cunho evidentemente fascista, de embate físico de grupos de pessoas, parece não ter logrado o êxito que Olavo esperava, pelo menos não na medida de algo de massas e ou semelhante aos camisas negras de Mussolini por exemplo. Tampouco permanente, e sim organizado em momentos

²¹⁹ Parece ridículo chamar Olavo de Carvalho de intelectual e até o é em certa medida. No entanto, se o mesmo não era um intelectual tradicional, ou um intelectual “orgânico” tal como definiria Gramsci, fato é que ele conseguiu cumprir uma função de agitador político com suas ideias, e isso por si só já é bastante perigoso se considerarmos o conteúdo irracional e violento de seu pensamento.

²²⁰ NOGUEIRA, M. A. O nome disso é fascismo. **Marcoanogueira.pro**. 17/09/2019. Disponível em: <https://marcoanogueira.pro/o-nome-disso-e-fascismo/>. Acesso em: 20/07/2021.

específicos onde o bolsonarismo entendia necessário tensionar pilares da república brasileira para conseguir angariar vantagens no jogo político aberto após o golpe de 2016.²²¹

No entanto, como vimos no segundo capítulo, algumas ONGs e Institutos deram conta de relatar alguns dos inúmeros casos de violência por motivação política durante o período das eleições.²²² Relatando vários casos de violências diversas, da verbal até a mais fatal levando pessoas ao óbito, evidenciando o clima perigoso que a ideologia bolsonarista trouxe para o pleito que deveria ser de disputa eleitoral e não mortal.

Dessa maneira o que carece de reflexão é que não se tratou da existência de conteúdos puramente violentos na conjuntura bolsonarista, se tratou de além de conteúdos, formas de violência cujas características exalam elementos fascistas.

Como já mencionado, muitos bolsonaristas se defendem dizendo que muitos dos crimes cometidos sobretudo durante a conjuntura das eleições de 2018, não teria sido culpa de Jair Bolsonaro por não se tratar do mesmo como autor ou mentor direto dos crimes e sim alguns de seus eleitores. Mas, basta analisar rapidamente a postura política de Bolsonaro, seus filhos, e aliados, que fica evidente o estímulo que este fez por diversas vezes à violência gratuita contra pessoas de orientação política, de gênero e também sexualidade diferentes aos seus.

Seus constantes ataques esbravejando a eliminação física de opositores ao seu pensamento, como “esquerdistas; gayzistas; feministas; indígenas; marxistas; comunistas”, todos identificados como inimigos da nação, inimigos da família, inimigos de Deus, a serem perseguidos. Basicamente todos os grupos de minorias de nossa sociedade. Desnudando um anseio de caráter fascista na medida que se propõe a eliminação da diversidade na sociedade e a dominação de um grupo específico de pessoas. Que no caso bolsonarista seria um grupo majoritariamente de homens brancos, héteros (pelo menos publicamente declarados), cristãos (divididos entre católicos e protestantes). Em resumo, a famosa e propalada “gente de bem”.

²²¹ Ainda que, não poderia deixar de citar, no dia 08/01/2023, milhares de bolsonaristas invadiram e depredaram as dependências do Congresso Nacional, do Planalto, e do STF, promovendo o maior ataque a democracia brasileira desde o fim da ditadura empresarial-militar. Uma tentativa clara de golpe, tentando impor pela força um regime de exceção que pudesse impedir que Lula, vitorioso das eleições presidenciais de 2022, governasse o país. Apesar do cenário de destruição deixado pelos bolsonaristas terroristas, a tentativa de golpe se mostrou fracassada. UOL. Terroristas bolsonaristas invadem e depredam Congresso, Planalto e STF. **Uol**. 08/01/2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/08/bolsonaristas-congresso-policia.htm>. Acesso em: 20/01/2023.

²²² MACIEL, A; LAVOR, T; ROZA, G; RIBEIRO, A; LÁZARO JR, J; ZANATTA, C. Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país. **Apublica**. 10/10/2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/10/apoiadores-de-bolsonaro-realizaram-pelo-menos-50-ataques-em-todo-o-pais/>. Acesso em: 20/07/2021.

Seu próprio slogan da campanha eleitoral de 2018: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, não poderia ter inspiração mais evidente que o slogan nazista de Hitler. “Alemanha acima de tudo”.

Desse modo, o bolsonarismo parece condensar uma série de características fascistas adaptadas ao contexto do Brasil na atualidade. Mas não só, seus ataques também se dirigiam antes de se tornar governo, e ainda permanecem em certa medida, contra as instituições do próprio Estado burguês. Como na vez em que Jair Bolsonaro disse em discurso que: “democracia e liberdade, só existe quando a sua respectiva Forças Armadas assim o quer”²²³. Ameaças de fechamento do Congresso Nacional dita por um de seus filhos, Eduardo Bolsonaro²²⁴, ameaças de alguns de seus apoiadores contra a instância máxima da justiça brasileira, o STF²²⁵.

Assim, após todo o exposto, parece adequado considerarmos o período que vai sobretudo do golpe de 2016 até as eleições de 2018, como um período em que se pôde identificar no movimento bolsonarista uma série de elementos de cariz fascista. Esse movimento nem sempre organizado teve por característica central o emprego da agitação política em momentos específicos onde as fileiras bolsonaristas identificavam oportunidades para intensificar ataques e posturas mais agressivas.

Tal movimento também escancara um momento de “crise orgânica” da conjuntura brasileira.

Colocando de tal maneira o problema, temos que a crise de hegemonia não é definida automaticamente pela crise econômica. A crise econômica, tomada em seu sentido amplo como crise de acumulação resultante da queda tendencial da taxa de lucro, pode ser pressuposta da crise de Estado. Mas ela não põe, por si própria, a crise de hegemonia.

Quando a crise econômica e a crise de hegemonia coincidem no tempo temos o que Gramsci chama de crise orgânica, uma crise que afeta o conjunto das relações sociais e é a condensação das contradições inerentes à estrutura social. Para a eclosão da crise orgânica é preciso a coincidência dos tempos

²²³ ROUVENAT, Fernanda. Democracia e liberdade só existem quando as Forças Armadas querem, diz Bolsonaro a militares no RJ. **G1**. 07/03/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/07/democracia-e-liberdade-so-existem-se-as-forcas-armadas-quiserem-diz-bolsonaro-a-militares-no-rj.ghtml>. Acesso em: 22/07/2021.

²²⁴ **CANAL RURAL**. Ministros do STF condenam fala de Eduardo Bolsonaro sobre fechar o Supremo. 23/10/2018. Disponível em: <https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/mercado-e-cia/general-mourao-critica-declaracao-de-eduardo-bolsonaro/>. Acesso em: 22/07/2021.

²²⁵ **FOLHA DE S.PAULO**. Grupo pró-Bolsonaro protesta em frente ao STF com tochas e máscaras. 31/05/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/grupo-pro-bolsonaro-protesta-em-frente-ao-stf-com-tochas-e-mascaras.shtml>. Acesso em: 22/07/2021.

dessa crise de acumulação com o acirramento do choque entre as classes, e no interior delas próprias entre suas frações.²²⁶

Portanto, para a realidade brasileira tivemos coincidindo no tempo tanto a crise econômica oriunda desde a crise estrutural do capitalismo de 2008 que afetou de modo mais intenso o Brasil um pouco mais tarde, sobretudo a partir dos governos Dilma. Como também a crise política com seu maior ponto de difusão em 2013, muito em função dos efeitos negativos da crise econômica. Crise essa que se estendeu até resultar no golpe de 2016 contra o governo Dilma. E nesse interregno instaurou-se de fato uma crise orgânica na qual o bolsonarismo foi seu principal beneficiado e sua principal expressão. Mas como vimos, não estava dado que da crise orgânica brasileira resultaria no bolsonarismo. Em realidade o que ocorreu foi uma disputa envolvendo representantes e representados em meio a luta de classes. Mas dessa disputa que mobilizou luta entre classes e entre frações de classes, o projeto bolsonarista saiu-se vitorioso.²²⁷

No mais, a estratégia utilizada em tal período que acabou se mostrando vitoriosa, era a de investir na disseminação de notícias falsas e na própria propaganda bolsonarista pelas redes sociais (apelando em grande medida para questões de cunho religioso sobretudo). Buscando acordos e apoio das frações de classe que desejavam romper com o petismo (e aqui se faz presente as bancadas da bala, do boi e da bíblia, assim como parte significativa da mídia hegemônica, tendo a TV Record como principal apoio midiático, mas não só, a própria Globo em maior ou menor grau dependendo da pauta defendida, como o próprio mercado financeiro a partir da figura do economista ultraliberal, Paulo Guedes). Como também organizando manifestações constantes com o apoio de grupos ideológicos extremamente partidários, apesar de muitos deles se colocarem como “apartidários”, como o caso do MBL.

Tudo isso como tática política visando a estratégia de romper com o petismo e instaurar de vez uma nova agenda política para o país. Uma vez que Michel Temer, apesar de apoiar várias das pautas neoliberais do bolsonarismo, não tinha o mesmo respaldo social que

²²⁶ BIANCHI, 2002, p. 36. apud DEMIAN, M. **Crise orgânica e ação política da classe trabalhadora brasileira: a primeira greve geral nacional (5 de julho de 1962)**. Tese (PPGH – UFF). Niterói. 2013. p. 116. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/1492/projeto/Tese-demian-bezerra-de-melo.pdf>. Acesso em: 12/01/2023.

²²⁷ Aliás, vale ressaltar que em momentos de crise orgânica o desfecho não ocorre necessariamente em benefício da classe dominante. A depender da correlação de forças em jogo nesse momento o resultado pode ser exatamente o oposto, como no exemplo da revolução russa. No qual a classe trabalhadora aproveitou-se de um momento de crise orgânica para colocar em curso uma ruptura do tecido social, revolucionando o modo de produção capitalista para o modo de produção socialista.

Bolsonaro tinha diante das massas. E era preciso para a burguesia criar um cenário no qual existisse uma ruptura com o modelo de dominação burguesa vigente (conciliação de classes), mas que tivesse também algum apoio popular nesse processo. Algo como uma chancela para que os próprios golpistas conseguissem maior estabilidade política para governar, ou para tentar legitimar toda as infrações e manobras políticas inconstitucionais que almejavam.

Contudo, após o golpe em 2016, Bolsonaro tratava de alimentar sua base mais ou menos fixa de seguidores já visando o pleito de 2018. Enquanto o governo golpista de Michael Temer sangrava durante o período, e o petismo tentava se recuperar do duro golpe que sofrera, ainda bastante perdido, Bolsonaro crescia e ocupava cada vez mais espaços. Ainda que tivesse que enfrentar uma ou outra disputa interna para capitanear a grande massa insatisfeita de toda essa conjuntura, como a disputa com o juiz Sérgio Moro, que era tido como o “Super-Homem” da Lava-jato. Símbolo de combate à corrupção.²²⁸

Fato é que em certos momentos a base bolsonarista parecia arrefecer um pouco. Movimento sociais davam cada vez mais importância para o combate ao bolsonarismo em suas manifestações, mas de modo geral nada do que foi feito visando o embate político e ideológico teve o efeito esperado.

O PT por sua vez, teve que lidar com a iminente prisão de Lula, que ocorreu de fato em meados de 2018. Fato que fez o partido e a militância política do principal adversário de Bolsonaro se reorganizar (ou tentar), para decidir o que fazer diante da situação.

Após depositar muitas esperanças numa eventual soltura de Lula que o colocasse a tempo de disputar o pleito, o partido decidiu apoiar a candidatura de Fernando Haddad. No entanto, tendo o PT uma imagem já bastante desgastada naquela altura, a candidatura não empolgava e nem emplacava, e acabou resultando na derrota eleitoral para o bolsonarismo.

Após muitos pleitos derrotada, a ala da burguesia que ansiava por rasgar o acordo de conciliação de classes com o petismo finalmente encontrou seu campeão que pudesse pôr fim a era petista e colocar em prática todas as pautas neoliberais que entendia como “necessárias” para a manutenção do país, leia-se manutenção da exploração quase irrestrita do capital sobre o trabalho da classe trabalhadora.

Com efeito, esses são apenas alguns dos elementos do bolsonarismo que nos permitiu apreciar e pesquisar quanto às possibilidades e potencialidades do autoritarismo que assolou o país nos últimos anos. E em nossa investigação identificamos que a ascensão do bolsonarismo

²²⁸ E como vimos no primeiro capítulo, Bolsonaro e Moro chegaram a dividir o mesmo eleitorado nas intenções de voto para 2018 em algum momento, mas tão logo Moro não ter sacramentado sua candidatura, Bolsonaro conseguiu unir a base e lidera-la até sua vitória em 2018.

parece ter tido alguns níveis que se desenvolveram aos poucos, ora avançavam, ora recuavam taticamente, o que não denota necessariamente uma fraqueza, pois aos poucos o que tínhamos enquanto democracia foi se corroendo por dentro e uma das consequências desse movimento bolsonarista calcado em elementos fascistas foi a vitória do autoritarismo com chancela popular através do voto. Escancarando uma das contradições que a democracia burguesa possui. A chapa antidemocrática de Bolsonaro saiu vitoriosa das eleições. No entanto, a democracia, no que tange o conjunto da classe trabalhadora, saiu derrotada.

CONCLUSÃO.

A fim de oferecer algum entendimento pouco mais acabado ao significado histórico do bolsonarismo, acreditamos ser interessante unir duas categorias de autores diferentes para interpretar o processo histórico do bolsonarismo. Em meio a todas as categorias teóricas mobilizadas nesse trabalho, duas que juntas nos parecem as mais acertadas para entender tal fenômeno são a de “crise orgânica” do autor Antônio Gramsci, e de “contrarrevolução a quente”, de Florestan Fernandes.

Acreditamos que o Brasil viveu nos últimos anos uma confluência de elementos que resultaram na dialética de duas crises, uma política e uma econômica, que geraram a crise orgânica da qual o bolsonarismo se consolidou enquanto projeto político hegemônico em sua conjuntura. Dessa crise abriu-se a vaga histórica para a eclosão da passagem da contrarrevolução a frio para a quente no país. Ou seja, uma conjuntura na qual as classes dominantes avançaram de modo mais incisivo sobre o conjunto da classe trabalhadora. Inaugurando um novo capítulo novamente autoritário para o Brasil. Obviamente, esse processo não ocorreu sem que a classe trabalhadora resistisse ou tentasse derrotar o autoritarismo em questão.

No entanto, entendemos que na conjuntura de 2018, parte fundamental da classe trabalhadora do país se inseriu numa situação problemática quando depositou suas esperanças na continuidade do projeto lulista de poder, bem como da própria institucionalidade burguesa que mais uma vez, acompanhando uma tendência histórica da burguesia, se mostrou incapaz, ou melhor dizendo, se mostrou omissa e conivente diante da emergência de um levante notadamente autoritário e antidemocrático, uma vez que este levante, naquele momento se mostrou ser a única saída possível para que o vácuo político aberto com o golpe de 2016 e com isso a ruptura com a conciliação de classes petista dos últimos 14 anos, pudesse ser consolidada e superada.

Assim, os trabalhadores pagaram o preço de terem confiado na burguesia para resolver problemas que eles mesmos deveriam ter tomado para si para resolver. Isto é, assumir sua potencialidade histórica enquanto classe revolucionária e finalmente se lançar para a conquista do Estado.

Porém, contando com a recusa da tarefa histórica do proletariado brasileiro, e com o voluntarismo dos setores médios da sociedade (sobretudo a pequena burguesia), a fração de classe da alta burguesia, mais radical e conservadora, conseguiu levar adiante seu projeto político, sendo chancelado pela maioria eleitoral de 2018.

Não obstante, diante do exposto e dentro dos limites que a presente dissertação possui, entendemos que o bolsonarismo exprime uma experiência histórica das classes dominantes que conseguiu se rearticular no cenário da luta de classes brasileira de modo a conquistar parte significativa das massas brasileiras para um projeto político calcado em valores cristãos, conservadores, autoritários, e com elementos claros de fascismo em sua composição. Como já dito anteriormente, é preciso analisar o fenômeno do fascismo após a experiência histórica do entreguerras a luz das condições materiais e históricas de cada localidade a qual se expresse algum ou vários elementos fascistóides. Por isso, para a realidade brasileira foram mobilizados nesse trabalho as estruturas de sustentação da conformação histórica do Estado brasileiro, relacionando tais estruturas de forma dialética com a conjuntura imediata do país.

Assim, foi preciso compreender também os níveis de força que os elementos fascistas conseguiram obter na sociedade. Isto é, se existiram grupos de fascistas esparsos, se existiu um movimento de caráter fascista, assim como se existiu uma ideologia com características fascistas.

Tais considerações foram importantes para se conseguir analisar a concretude do bolsonarismo e seu flerte com o fascismo. Mas sem que isso significasse buscar enxergar fascismo em tudo e qualquer experiência política autoritária. Na verdade, é preciso estar vigilante e consciente de que o fascismo enquanto experiência histórica mais brutal ficou enterrado em meados do século XX, mas sua ideologia continuou a viver e a se alimentar das contradições inerentes do modo de produção capitalista. E assim será enquanto o capitalismo existir, uma vez que o fascismo é consequência direta das fissuras que o capitalismo suporta para conseguir se manter de pé diante de momentos difíceis para si.

Desse modo, a forma que o fascismo conseguiu se expressar no Brasil foi através de um movimento identificado sobretudo do período do golpe de 2016 até o pleito de 2018, período no qual as hordas bolsonaristas tensionaram a democracia até as últimas consequências, e assim seguiram apoiando os avanços violentos de Bolsonaro sobre o conjunto da classe trabalhadora em seu governo, que foi desgraçadamente um governo com ares de genocídio em função de todo o descaso em relação a gerência da pandemia da COVID-19.²²⁹

Ainda assim, apesar de todos os infortúnios sofridos pelo bolsonarismo nos últimos anos, este conseguiu se manter de modo mais ou menos estável, afinal, existe uma parcela significativa de bolsonaristas que se manteve e se mantém fiel ao projeto político de Jair Bolsonaro e provavelmente assim continuará mesmo após a recente, e apertadíssima derrota,

²²⁹ Mas isso seria assunto para uma nova pesquisa avançando sobre o governo bolsonarista.

na disputa presidencial para o petista, Lula da Silva, do PT. Essa parcela fiel e inabalável entendemos ser a ala bolsonarista mais identificável ao fascismo, uma vez que são sujeitos realmente dispostos a romper com o Estado democrático de direito se assim julgarem necessário e encontrarem condições reais para isso. Não é possível subestimar o potencial destrutivo desses indivíduos.

Contudo, seria um exercício teleológico afirmar com certeza se o bolsonarismo perderá fôlego nos próximos anos e levar consigo a força da extrema-direita. Mas, após analisar várias das nuances que existem dentro do bolsonarismo, fica seguro afirmar que este não morrerá tão facilmente, afinal, o bolsonarismo apesar de ter sua maior expressão na figura de Bolsonaro, agora derrotado, ainda conta com vários parlamentares e demais políticos eleitos para pelo menos os próximos 4 anos. Embora não se possa esperar fidelidade destes políticos que surfaram e contribuíram com a onda do bolsonarismo, uma vez que na busca pela manutenção e reprodução do poder estes podem facilmente se não mudar de lado no espectro ideológico, ao menos aceitarem sem muitos problemas morais, comporem coalisões partidárias que se mostrem favoráveis para si.

Porém, mesmo que o bolsonarismo perca parte de sua força motriz, seguirá sendo sempre um fantasma, ou quiçá um lembrete das classes dominantes do que elas foram capazes de fazer. Como dito, enquanto o capitalismo existir o fascismo terá condições de retornar em alguma forma mais ou menos característica, embora sempre violenta, e do mesmo jeito o bolsonarismo, que se alimenta em parte do fascismo, continuará por esperar condições propícias para novamente se levantar, e talvez de forma ainda pior que a do último movimento e governo.

No entanto, até lá, resta saber se haverá interesse político, e quais as medidas os paladinos da institucionalidade burguesa adotarão para combater a força mais vital do bolsonarismo, que é a própria figura de Jair Bolsonaro, que consegue catalisar diversas forças diante de sua tutela de “mito”. Ou seja, quais medidas serão tomadas para desferir um golpe fundamental contra o líder do bolsonarismo, e como a classe trabalhadora poderá pressionar para que isso seja feito.

Mas, a realidade é que de um jeito ou de outro o bolsonarismo deverá continuar a ser combatido pela classe trabalhadora organizada para que ele se mantenha ocioso e impotente diante do cenário político, pois vence-lo de uma vez por todas seria preciso uma intensa revolução social brasileira que avance sobre as bases do próprio capitalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AMARAL, Marina. Jabuti não sobe em árvore: como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment. In: JINKINS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

ANTONELLI, D. O desafio de ensinar História durante o regime militar. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-desafio-de-ensinar-historia-durante-o-regime-militar-ehc3qh8l0viwed9l42wawrz9q/>. Acesso em: 08/07/2022.

ANTUNES, Ricardo. **Uma esquerda fora de lugar** – O governo Lula e os descaminhos do PT. São Paulo: Autores Associados Ltda., 2006.

BIANCHI, 2002, p. 36. apud DEMIAN, M. **Crise orgânica e ação política da classe trabalhadora brasileira**: a primeira greve geral nacional (5 de julho de 1962). Tese (PPGH – UFF). Niterói. 2013. p. 116. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/1492/projeto/Tese-demian-bezerra-de-melo.pdf>. Acesso em: 12/01/2023.

BIANCHI, Alvaro. Revolução passiva e crise de hegemonia no Brasil contemporâneo. **Revista Outubro**, n. 28, abril de 2017. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/04/02_Bianchi_2017.pdf. Acesso em: 05/01/2023.

BIANCHI, Alvaro. Revolução Passiva: o pretérito do futuro. **Revista Crítica Marxista**, São Paulo, v.23, n.23, 2006. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo127A_Bianchi_23.pdf. Acesso em: 06/01/2023.

BOGÉA, Diogo. **Psicologia do Bolsonarismo**: porque tantas pessoas se curvam ao mito. S. l.: Editora Oficina de Filosofia, 2021.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado**: do populismo a hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo; EDUSP, 2012.

BRAINCAST. Jornalismo Pinga-Sangue: causa e efeito dos programas policiais na TV. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/mt/podcast/jornalismo-pinga-sangue-causa-e-efeito-dos-programas/id504897783?i=1000492427773>. Acesso em: 07/07/2022.

BRITO, Lucas. **Política sexual do bolsonarismo**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Política Social – UnB.) – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB. INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IHD. DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – SER. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL – PPGPS. Brasília, 2020. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40631/1/2020_LucasBritodeLima.pdf. Acesso em: 12/01/2023.

CALIL, G. Gramsci e o Fascismo: A posição da pequena burguesia. **Esquerda Online**. 07/10/2018. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/10/07/gramsci-e-o-fascismo-a-posicao-da-pequena-burguesia/>. Acesso em: 12/07/2021.

CALIL, G. Gramsci e o fascismo: eleição, governo e ditadura. **Esquerda Online**. 03/11/2018. Disponível em: < <https://esquerdaonline.com.br/2018/11/03/gramsci-e-o-fascismo-eleicao-governo-e-ditadura/>> Acesso em: 21/07/2021.

CALIL, G. “Decifra-me ou te devoro”: a grande mídia e as manifestações. **A voz das ruas**. 20/06/2013. Disponível em: <http://a-voz-das-ruas.blogspot.com/search/label/Gilberto%20Calil>. Acesso em: 22/03/2022.

CALIL, G. História imediata e marxismo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: **ANPUH**, 2005. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23>. Acesso em: 19/07/2021.

CATALANI, F. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. **Academia.edu**. 2018. p. 1. Disponível em: https://www.academia.edu/38270568/Aspectos_ideol%C3%B3gicos_do_bolsonarismo. Acesso em: 10/01/2022.

CAVALCANTE, Sávio. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. **Repositório Unicamp**. 2020. p. 125. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1213732>. Acesso em: 19/12/2022.

COELHO, Erelino. **Uma esquerda para o capital**. Crise do marxismo e mudança dos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, 2005.

CUNHA, M. N. “Lobos devoradores” e o cristofascismo no Brasil. **Cartacapital**. 17/10/2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/583800-lobos-devoradores-e-o-cristofascismo-no-brasil>. Acesso em: 13/10/2022.

DIEGUEZ, Consuelo. **O ovo da serpente**: Nova direita e bolsonarismo – Seus bastidores, personagens e a chegada ao poder. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

FERNANDES, Florestan. **Brasil**: em compasso de espera. Pequenos escritos políticos. SP: HUCITEC, 1980.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Revista Niep**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 8, p. 45- 67, 2017. Disponível em: <http://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/220>. Acesso em: 12/01/2023.

FONTES, Virgínia. O núcleo central do governo Bolsonaro: o proto-fascismo. **Combate Racismo Ambiental**. 11/01/2019. p. 1. Disponível: <https://racismoambiental.net.br/2019/01/11/o-nucleo-central-do-governo-bolsonaro-o-proto-fascismo-por-virginia-fontes/>. Acesso em: 15/01/2022.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. In: PATTO, M.H.S. (Org). **Introdução à psicologia escolar**. 3d. rev. atual. São Paulo: Casa do psicólogo, 1997. Disponível em: <http://funab.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/Freire-1997.-Educacao-bancaria-e-educacao-libertadora-1-5.pdf>. Acesso em: 18/06/2022.

GRAMSCI, A. **Escritos políticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2004, 2v.

GRAMSCI, A. **Escritos Políticos**. vol. II. Lisboa: Seara Nova, 1977.

GRAMSCI, A. Caderno 10, Introdução ao estudo da Filosofia. In: **Cadernos do Cárcere**, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.

GRAMSCI, A. Caderno 12, Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. In: **Cadernos do Cárcere**, vol. 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, A. Caderno 13, Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. In: **Cadernos do Cárcere**, vol. 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUERIN, Daniel. **Fascismo y Gran Capital**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1973.

HADDAD, Michele & PACHECO JUNIOR, Nelson. **O neopentecostalismo e a teologia da prosperidade**: Uma contribuição na legitimação da desigualdade social. 28. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360773029_O_NEOPENTECOSTALISMO_E_A_TEOLOGIA_DA_PROSPERIDADE_UMA_CONTRIBUICAO_NA_LEGITIMACAO_DA_DESIGUALDADE_SOCIAL. Acesso em: 23/01/2023.

LENIN, V, I. Que fazer?. **Domínio público**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000027.pdf>. Acesso em: 19/07/2021.

LIMA, Kátia. Brasil em tempos de contrarrevolução. In: **Revista Universidade e Sociedade**. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Brasília: ANDES/SN, Janeiro 2017 (volume 59). Disponível em: <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-2086732538.pdf> . Acesso em 05/06/2018.

LIMA, K. R. de S.. (Org.). **Capitalismo dependente, racismo estrutural e educação brasileira**: diálogos com Florestan Fernandes. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

LOWY, Michael. Neofascismo : um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. 2021. **A terra é redonda**. 24/10/2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/>. Acesso em: 13/01/2022.

MANSO, Bruno. **A república das milícias**: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro. São Paulo: Todavia. 2020.

MARCILIO, Daniel. O Historiador e o Jornalista: a História imediata entre o ofício historiográfico e a atividade jornalística. **Aedos**. no 12 vol. 5 - Jan/Jul 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/36941>. Acesso em: 11/01/2023.

MARIÁTEGUI, J. C. **As origens do fascismo**. São Paulo: Alameda Casa Editorial. 2008.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2011.

MARX, K. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. In: _____. **A revolução antes da revolução**. Vol. 2. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MATTOS, Marcelo Badaró. A multidão nas ruas: construir a saída de esquerda para a crise política, antes que a reação imprima sua direção. **Correio da cidadania**. 25/06/2013. Disponível em: https://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8528:submanchete250613&catid=63:brasil-nas-ruas&Itemid=E2%80%A6. Acesso em: 22/03/2022.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. São Paulo: Usina Editorial, 2020.

MELO, Demian. Sobre o fascismo e o fascismo no Brasil de hoje. **Blogjunho**. 2016. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/sobre-o-fascismo-e-o-fascismo-no-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 12/01/2022.

MELLO, Demian. Onda conservadora, fascismo e Escola Sem Partido. **Professorescontraoesp**. 20/07/2018. Disponível em: <https://professorescontraoescolasempartido.wordpress.com/2018/07/20/onda-conservadora-fascismo-e-escola-sem-partido/>. Acesso em: 08/11/2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Bolsonarismo**. Trabalho apresentado no evento: III International Association for comparative fascist studies Convention, Viena, 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Imaginário anticomunista. In: _____. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

MÜLLER, A. O “tesouro perdido” da justiça de transição brasileira: a CNV, as comissões universitárias e o trabalho dos historiadores. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 32. 2021. DOI: 10.5965/2175180313322021e0501. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313322021e0501>. Acesso em: 20/06/2022.

NOGUEIRA, M. A. O nome disso é fascismo. **Marcoanogueira.pro**. 17/09/2019. Disponível em: <https://marcoanogueira.pro/o-nome-disso-e-fascismo/>. Acesso em: 17/11/2022.

PACHUKANIS, Evguiéni B. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2020.

PAPIM, A; SILVA, G. O papel da análise histórica em o 18 de brumário de Luís Bonaparte. **Unesp**. 18/10/2017. Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/upload/trabalhos/2017101816509.pdf>. Acesso em: 16/05/2022.

PAXTON, Robert O. Outras épocas, outros lugares. In: _____. **Anatomia do Fascismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

PENNA, Fernando. Programa “Escola Sem Partido”: Uma ameaça à educação emancipadora. In: Org: MONTEIRO, A. M., GABRIEL, C. T., MARCUS, Martins. **Narrativas do Rio de Janeiro nas Aulas de História** – São Paulo: Mauad, 2016.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. Da esperança ao Ódio: Juventude, Política e Pobreza do Lulismo ao Bolsonarismo. **Instituto Humanitas Unisinos**. n. 16. 04/10/2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583354-da-esperanca-ao-odio-juventude-politica-e-pobreza-do-lulismo-ao-bolsonarismo>. Acesso em: 11/01/2022.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Mulheres pró-Bolsonaro: grupo no Facebook revela medo da ditadura da baranga. **The Intercept Brasil**. 02/10/2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/10/02/mulheres-pro-bolsonaro-feminista-antifeminino/>. Acesso em: 18/06/2022.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Por dentro da mente dos eleitores de Bolsonaro que são fãs do político e vítimas da violência policial. **The Intercept**. 11/09/2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/09/11/eleitores-bolsonaro-violencia-policial/>. Acesso em: 19/06/2022.

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura**. Santa Catarina: Enunciado e Publicações, 2021.

POULANTZAS, N. **O Estado, o poder, o socialismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

PRIEB, Sérgio. Os efeitos da crise econômica sobre a classe trabalhadora. In: **Revista Latino-Americana de História**. Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012.

PY, Fábio. Cristofascismo à brasileira marca eleição de 2018 no Brasil. **Carta Maior**. 03/10/2018. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/eleicoes/53568/cristofascismo-a-brasileira-marca-a-eleicao-de-2018-no-brasil>. Acesso em: 17/10/2022.

REIS, Daniel, A. O bolsonarismo: uma concepção autoritária em formação. - **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU. 10/03/2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607369-o-bolsonarismo-uma-concepcao-autoritaria-em-formacao-artigo-de-daniel-aarao-reis>. Acesso em: 13/01/2022.

REIS, Guilherme; SOARES, Giovanna. O Fascismo no Brasil: o Ovo da Serpente Chocou. **Desenvolvimento em debate**. v.5, n.1, p.51-71, 2017. p. 68. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dd/article/view/32164>. Acesso em: 08/01/2022.

RIBEIRO, T. R. M. Gramsci, Revolução Passiva e História Contemporânea. Saberes e práticas científicas. **Anpuh-Rio**. 2014. Disponível em: <http://www.grupodetrabalhoeorientacao.com.br/Tiago-Ribeiro-Marques/Gramsci-revolucao-passiva-e-hist%C3%B3ria-contemporanea.pdf>. Acesso em: 20/06/2022.

ROCHA, Camila. “**Menos Marx, Mais Mises**”: Uma gênese da Nova Direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/publico/2018_CamilaRocha_VOrig.pdf. Acesso em: 26/11/2022.

SEIXAS, Rodrigo. Gosto, logo acredito: O funcionamento cognitivo-argumentativo das Fake News. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 30, n. 59, p. 279-295, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44056>. Acesso em: 29/11/2022

SILVA, F. A. O racismo de Jair Bolsonaro: origens e consequências. **Nexo Jornal**. 17/11/2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-racismo-de-Jair-Bolsonaro-origens-e-consequ%C3%Aancias>. Acesso em: 27/10/2022.

SILVA, Natália. **A atuação dos historiadores na Comissão Nacional da Verdade**: Limites, contribuições e disputas pela representação do passado recente. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. Juiz de Fora. 2020.

SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. **FES Brasil**, nº 42, maio de 2018. p. 25. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>> Acesso em: 16/12/2022.

SOLANO, Esther. Quem é o inimigo? Retóricas de inimizade nas redes sociais no período 2014-2017. In: PINHEIRO-MACHADO, R.; FREIXO, A. de (Org.). **Brasil em transe**: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

TRAVERSO, Enzo. Pós-fascismo. Fascismo como conceito transhistórico. **Teoria marxista**. 13/09/2020. p. 2. Disponível em: <https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/pos-fascismo-fascismo-conceito-transhistorico-enzo-traverso>. Acesso em: 15/01/2022.

V DE VINGANÇA. São Paulo: Panini Books, 2012.

ZINET. C. Qual o legado da ditadura civil-militar na educação básica brasileira?. **Educação Integral**. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/ditadura-legou-educacao-precarizadaprivatizadaantidemocratica/#:~:text=Altera%C3%A7%C3%B5es%20curriculares,humanas%2C%20como%20Hist%C3%B3ria%20e%20Geografia>. Acesso em: 04/04/2022.

FONTES.

Institutos e agências:

ANGELO, Maurício. Bolsonaro cumpre promessa e garimpo em terras indígenas cresce 632% em uma década. **Observatório da Mineração**. 27/09/2022. Disponível em: <https://observatoriodamineracao.com.br/bolsonaro-cumpre-promessa-e-garimpo-em-terras-indigenas-cresce-632-em-uma-decada/>. Acesso em: 26/10/2022.

BOKANY, Vilma. Governo Bolsonaro quer acabar com as terras indígenas. **Fundação Perseu Abramo**. 13/12/2018. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2018/12/13/governo-bolsonaro-quer-acabar-com-as-terras-indigenas/>. Acesso em: 26/10/2022.

DATAFOLHA. Pesquisa eleitoral. **Instituto de Pesquisa**. 2018. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/pesquisaseleitorais/datafolha/pesquisa-datafolha-junho-2017/>. Acesso em: 08/01/2022.

DATAFOLHA. Pesquisa Eleitoral. **Instituto de Pesquisa**. 26/10/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>. Acesso em: 15/03/2023.

DATAFOLHA. Pesquisa Datafolha: veja perfil dos eleitores de cada candidato a presidente por sexo, idade, escolaridade, renda e região. **Instituto de pesquisa**. 03/10/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/pesquisa-datafolha-veja-perfil-dos-eleitores-de-cada-candidato-a-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-e-regiao.ghtml>. Acesso em: 20/07/2021.

MACIEL, A; LAVOR, T; ROZA, G; RIBEIRO, A; LÁZARO JR, J; ZANATTA, C. Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país. **Apublica**. 10/10/2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/10/apoiadores-de-bolsonaro-realizaram-pelo-menos-50-ataques-em-todo-o-pais/> Acesso em: 20/07/2021.

RIBEIRO, Alexsandro; ZANATTA, Carolina; FARAH, Caroline; ROZA, Gabriele; LÁZARO JR, José; SIMÕES, Mariana; LAVOR, Thays. Infográficos: FONSECA, Bruno. Violência eleitoral recrudescu no segundo turno. **Apublica**. 12/11/2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/11/violencia-eleitoral-recrudescu-no-segundo-turno/>. Acesso em: 20/12/2022.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS. CSP CONLUTAS. Brasil está entre países com maior número de violência contra a mulher. 25/11/2020. Disponível em: <https://www.sindmetalsjc.org.br/noticias/n/5296/brasil-esta-entre-paises-com-maior-numero-de-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 22/10/2022.

Jornais & Revistas digitais:

BALLOUSSIER, A.V. Metade dos evangélicos vota em Bolsonaro, diz Datafolha. **Folha de S. Paulo**. 04/10/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/metade-dos-evangelicos-vota-em-bolsonaro-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 15/03/2023.

BARÓN, Francho. O inquietante ‘fenômeno Bolsonaro’. **El País**. 07/10/2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/07/politica/1412684374_628594.html. Acesso em: 20/07/2021.

BOHRER, Larissa. Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo pelo quarto ano consecutivo. **RBA**. 12/05/2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2022/05/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-lgbtqia-no-mundo-pelo-quarto-ano-consecutivo/>. Acesso em: 20/06/2022.

BRASIL DE FATO. Homem é condenado a 22 anos de prisão por assassinato do mestre Moa do Katendê. 22/11/2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/22/homem-e-condenado-a-22-anos-de-prisao-por-assassinato-de-moa-do-katende>. Acesso em: 20/12/2022.

CANAL RURAL. Ministros do STF condenam fala de Eduardo Bolsonaro sobre fechar o Supremo. 23/10/2018. Disponível em: <https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/mercado-e-cia/general-mourao-critica-declaracao-de-eduardo-bolsonaro/>. Acesso em: 22/07/2021.

CARTACAPITAL. As pistas do método ‘Cambridge Analytica’ na campanha de Bolsonaro. 19/10/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/as-pistas-do-metodo-201ccambridge-analytica201d-na-campanha-de-bolsonaro/>. Acesso em: 30/11/2022.

CARTACAPITAL. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. 29/10/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 13/06/2022.

CARTACAPITAL. Da relativização da tortura à ‘destruição’ da oposição a Bolsonaro. 15/10/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/da-relativizacao-da-tortura-a-destruicao-de-quem-se-opoe-a-bolsonaro/>. Acesso em: 17/11/2022.

CORREIO BRAZILIENSE. ‘Fake news’ se espalham 70% mais rápido que notícias verdadeiras, diz MIT. 08/03/2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml. Acesso em: 30/11/2022.

EL PAÍS. “A solução mais fácil era botar o Michel”. Os principais trechos do áudio de Romero Jucá. 24/05/2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html. Acesso em: 01/06/2022.

FIGUEIREDO, J. Com mais de 530 células, concentradas no Sul e Sudeste, Brasil é o país onde extremismo de direita mais avança. **O Globo**. 27/02/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/com-mais-de-530-celulas-concentradas-no-sul-sudeste-brasil-o-pais-onde-extremismo-de-direita-mais-avanca-25411410>. Acesso em: 26/11/2022.

FARIA, Glauco. “Temer e Bolsonaro: uma nova versão do ‘grande acordo nacional’?”. **Rede Brasil Atual**. 12/09/2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2021/09/temer-bolsonaro-grande-acordo-nacional/>. Acesso em: 07/06/2022.

FIORATTI, G. Bolsonaro utilizou Comissão da Verdade como palco. **Folhapress**. Disponível em: <https://www.acidadeon.com/politica/NOT,0,0,1381649,Bolsonaro+utilizou+Comissao+da+Verdade+como+palco.aspx>. Acesso em: 04/04/2022.

FILHO, João. Bolsonaro recuperou projeto da ditadura militar contra os Yanomami: mão de obra ou extinção. **The Intercept Brasil**. 28/01/2023. Disponível em: <https://theintercept.com/2023/01/28/bolsonaro-recuperou-projeto-da-ditadura-militar-contras-os-yanomami-mao-de-obra-ou-extincao/>. Acesso em: 20/03/2023.

FILHO, João, Datena e o jornalismo mundo cão vendem o ódio bolsonarista há 3 décadas na TV. **The Intercept – Brasil**, 17/03/2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/03/17/datena-jornalismo-odio-bolsonarismo-programas-policiais/>. Acesso em: 11/10/2022.

FOLHA DE S.PAULO. Grupo pró-Bolsonaro protesta em frente ao STF com tochas e máscaras. 31/05/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/grupo-pro-bolsonaro-protesta-em-frente-ao-stf-com-tochas-e-mascaras.shtml>. Acesso em: 22/07/2021.

FREITAS, Carolina. Apoiadores de Bolsonaro enxergam diferentes versões do candidato. **Valor Econômico**. 27/10/2018. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/10/27/apoiadores-de-bolsonaro-enxergam-diferentes-versoes-do-candidato.ghtml>. Acesso em: 18/10/2022

FREITAS, Pedro. Tribos indígenas brasileiras praticam canibalismo? **Mega curioso**. 06/10/2022. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/123165-tribos-indigenas-brasileiras-praticam-canibalismo.htm>. Acesso em: 26/10/2022.

GALDO, Rafael. Rio é a cidade com maior população em favelas do Brasil. **O Globo**. 21/12/2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/rio-a-cidade-com-maior-populacao-em-favelas-do-brasil-3489272>. Acesso em: 03/10/2022.

GREGORIO, Rafael. Eleição de 2018 será lembrada pelos casos de violência, dizem analistas. **Folha de S.Paulo**. 28/10/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/eleicao-de-2018-sera-lembrada-pelos-casos-de-violencia-dizem-analistas.shtml>. Acesso em: 20/12/2022.

G1. Apuração por Zona eleitoral. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/apuracao-zona-eleitoral-presidente/rio-de-janeiro/2-turno/>. Acesso em: 03/10/2022.

G1. Azul e preto ou branco e dourado? Vestido polêmico 'quebra' a internet. 27/02/2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/02/azul-e-preto-ou-branco-e-dourado-vestido-polemico-quebra-internet.html>. Acesso em: 19/10/2022.

G1. Campanha de Lula resgata vídeo de 2016 em que Bolsonaro diz que comeria indígena em ritual de aldeia. 07/10/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/07/campanha-de-lula-resgata-video-de-2016-em-que-bolsonaro-disse-que-comeria-indigena-em-ritual-de-aldeia.ghtml>. Acesso em: 26/10/2022.

INFOMONEY. Bolsonaro defende reforma trabalhista do governo Temer, alvo de críticas de Lula. 11/01/2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-defende-reforma-trabalhista-do-governo-temer-alvo-de-criticas-de-lula/>. Acesso em: 21/11/2022.

KALIL, Isabela. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. **FESPSP.** Out. 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>. Acesso em: 18/10/2022.

LAGO, Rudolfo. De Lula a Bolsonaro, assim é Valdemar Costa Neto. **Congresso em foco.** 09/11/2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/de-lula-a-bolsonaro-assim-e-valdemar-costa-neto/>. Acesso em: 11/04/2022.

LLANERAS, Kiko. Bolsonaro arrasa nas cidades mais brancas e ricas; Haddad nas mais negras e pobres. **El País,** 24/10/2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/actualidad/1540379382_123933.html. Acesso em: 04/10/2022.

LOPES, Naian. Bolsonaro votou e defendeu o teto de gastos quando era deputado. **DCM.** 20/10/2021. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/bolsonaro-defendeu-teto-de-gasto/>. Acesso em: 21/11/2022.

MACEDO, Isabella. Das 123 Fake News encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro. **Congresso em foco.** 16/10/2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/>. Acesso em: 30/11/2022.

MATTOS, Rodrigo. Transexual é agredida no Rio: "Estão usando Bolsonaro para nos atacar". **Uol.** 10/10/2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/10/transexual-agredida-rio-apoiadores-bolsonaro.htm>. Acesso em: 20/12/2022.

MOYSÉS, Adriana. 'Eleitor típico de Bolsonaro é homem branco, de classe média e superior completo'. **Carta Capital.** 19/09/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/eleitor-tipico-de-bolsonaro-e-homem-branco-de-classe-media-e-superior-completo/>. Acesso em: 26/11/2022.

OHANA, Victor. Assassinato de indígenas cresce 61% nos primeiros dois anos de governo Bolsonaro. **Cartacapital.** 28/10/2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/assassinato-de-indigenas-cresce-61-nos-primeiros-dois-anos-de-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 26/10/2022.

PIRES, Breno. Quem é Tarcísio de Freitas, preferido de Bolsonaro para governador de SP. **Estadão**. 14/01/2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,tarcisio-freitas-governador-sp-bolsonaro,70003950487>. Acesso em: 11/04/2022.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Jornalista é agredida e ameaçada de estupro por bolsonaristas. 08/10/2018. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/jornalista-agredida-ameacada-de-estupro.html>. Acesso em: 20/12/2022.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Mestre de capoeira diz que 'votou no PT' e é assassinado por apoiador de Bolsonaro. 08/10/2018. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/mestre-capoeira-assassinado-bahia-bolsonaro.html>. Acesso em: 20/12/2022.

RAMALHO, Renan. Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada. **G1**. 22/06/2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso em: 22/10/2022.

RAMALHO, Renan. STF arquiva inquérito contra Bolsonaro por falas sobre Preta Gil. **G1**. 27/05/2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/05/stf-arquiva-inquerito-contr-bolsonaro-por-falas-sobre-preta-gil.html>. Acesso em: 27/10/2022.

RBA. Greves em 2013 atingiram recorde e mobilizaram 2 milhões de trabalhadores. 22/12/2015. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2015/12/greves-em-2013-atingiram-recorde-e-mobilizaram-2-milhoes-7006/>. Acesso em: 20/07/2021.

RBA. Família Bolsonaro: "51 imóveis em dinheiro vivo" é destaque nas redes sociais. 09/09/2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/09/familia-bolsonaro-51-imoveis-em-dinheiro-vivo-e-destaque-nas-redes-sociais>. Acesso em: 22/10/2022.

REUTERS. Bolsonaro diz defender país de comunismo e "curar" lulistas com trabalho. 06/10/2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-defender-pais-de-comunismo-e-curar-lulistas-com-trabalho/>. Acesso em: 30/05/2022.

RÖTZSCH, Rodrigo. Bolsonaro leva panfleto antigay a escolas. **Folha de S. Paulo**. 11/05/2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1105201118.htm>. Acesso em: 25/10/2022.

ROUVENAT, Fernanda. Democracia e liberdade só existem quando as Forças Armadas querem, diz Bolsonaro a militares no RJ. **G1**. 07/03/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/07/democracia-e-liberdade-so-existem-se-as-forcas-armadas-quiserem-diz-bolsonaro-a-militares-no-rj.ghtml>. Acesso em: 22/07/2021.

SALOMÃO, Thiago. Adesivo com Dilma sendo "penetrada" por bomba levanta a questão: isso é protesto?. **Infomoney**. 01/07/2015. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/blog-da-redacao/adesivo-com-dilma-sendo-penetrada-por-bomba-levanta-a-questao-isso-e-protesto/>. Acesso em: 21/10/2022.

SCHAFFNER, Fábio. Ala ideológica reage à ascensão dos militares no governo Bolsonaro. **GZH**. 21/07/2020. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/07/ala-ideologica-reage-a-ascensao-dos-militares-no-governo-bolsonaro-ckcv7kogn0022013gxf2zy6jp.html>. Acesso em: 18/11/2022.

SOUTO, Luiza. País tem um estupro a cada 8 minutos, diz Anuário de Segurança Pública. **Universa Uol**. 18/10/2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/18/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-2020.htm>. Acesso em: 22/10/2022.

STYCER, Mauricio. “CQC” volta a apelar a Jair Bolsonaro, mas corta declaração polêmica sobre Herzog. **Uol**. 27/03/2012. Disponível em: <https://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2012/03/27/cqc-volta-a-apelar-a-jair-bolsonaro-mas-corta-declaracao-polemica-sobre-herzog/>. Acesso em: 15/06/2022.

STYCER, Maurício. Qual foi o papel de CQC, Superpop e Pânico na popularização de Bolsonaro. **Uol**. 29/10/2018. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2018/10/29/qual-foi-o-papel-de-cqc-superpop-e-panico-na-popularizacao-de-bolsonaro/>. Acesso em: 14/06/2022.

TOMAZELLI, Lucas. De Lula a Bolsonaro, Edir Macedo e a Universal aumentam seu poder estando sempre perto de quem manda. **Yahoo**. 17/01/2020. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/de-lula-a-bolsonaro-edir-macedo-e-a-universal-vao-na-onda-de-quem-manda-070035709.html>. Acesso em: 11/04/2022.